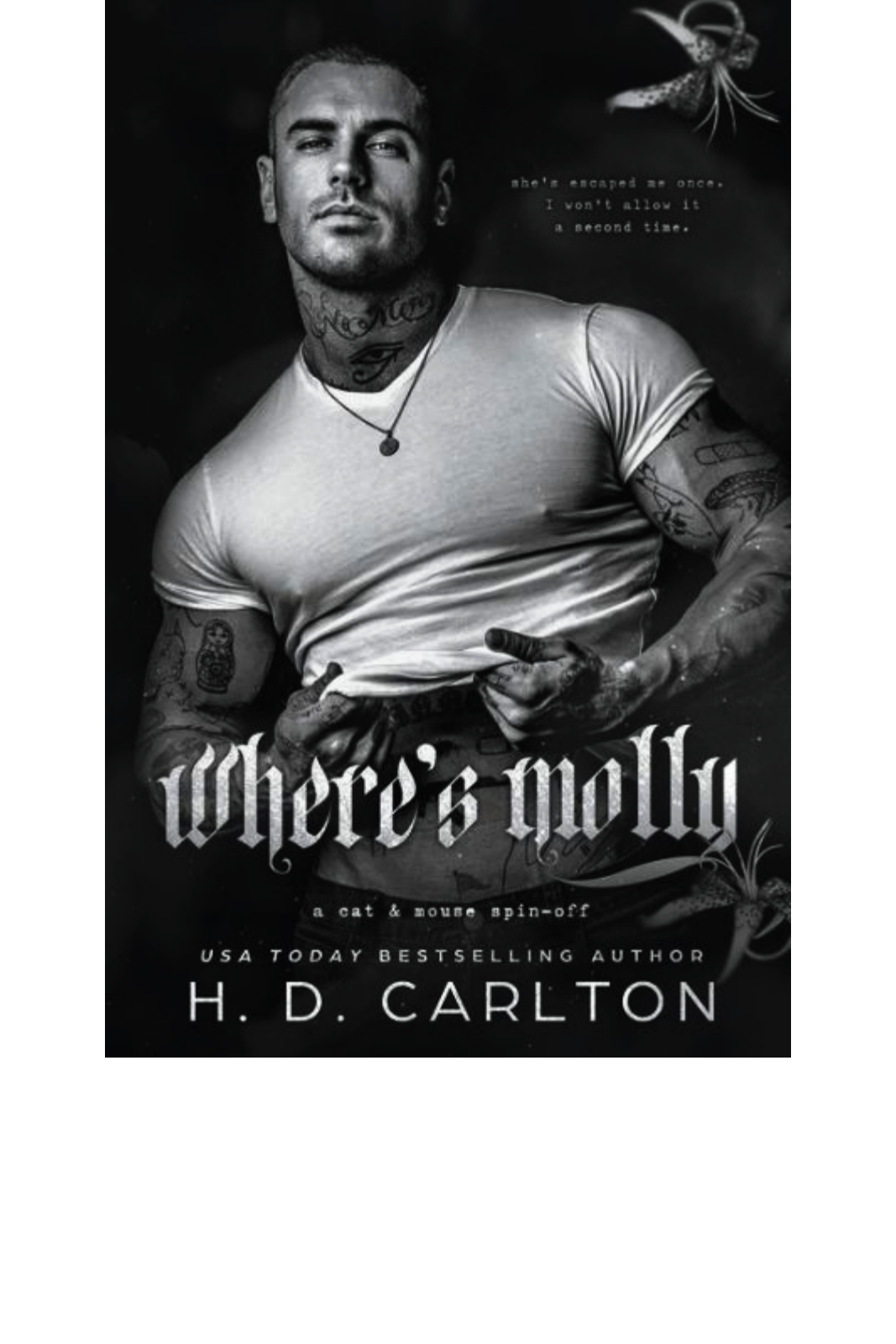




she's escaped me once.
I won't allow it
a second time.

where's molly

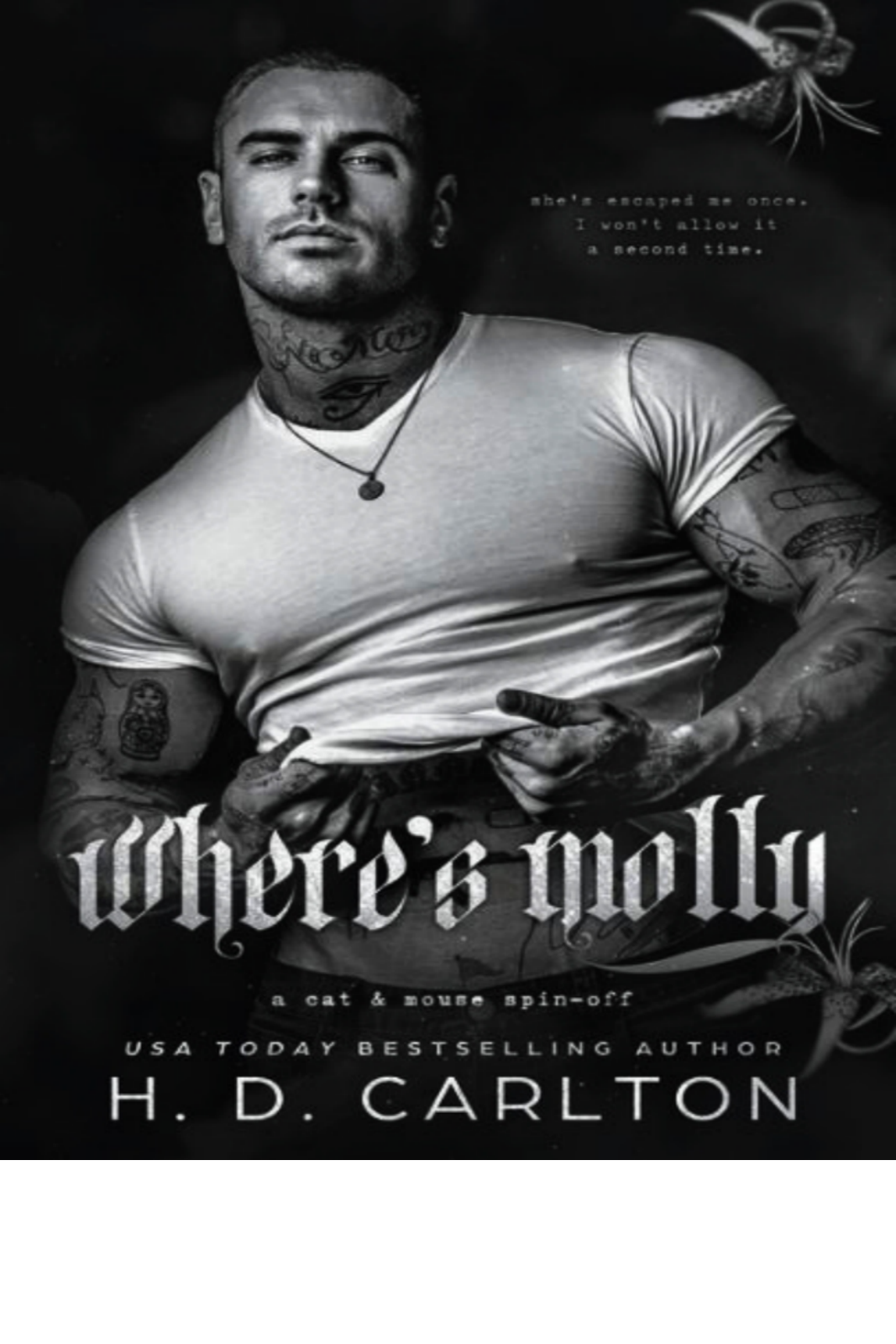
a cat & mouse spin-off

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

H. D. CARLTON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



she's escaped me once.
I won't allow it
a second time.

where's molly

a cat & mouse spin-off

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
H. D. CARLTON

SINOPSE

"Molly Devereaux está desaparecida há mais de duas semanas e a polícia ainda está procurando pela garota que pareceu desaparecer do nada. O mundo ainda quer saber... Onde está Molly?"

Nos meus sonhos, nunca escapei da floresta do Oregon.

A vida após a morte não é fácil de aceitar, especialmente quando ainda me sinto como um fantasma.

Agora, moro nas profundezas das montanhas de Montana – o paradigma da beleza. Mas elas também são o lar dos horrores.

Horrores que só libero à noite.

Quando meus porcos podem festejar.

*É altamente recomendável ler *Haunting Adeline* e *Hunting Adeline* antes de ler *Where's Molly*.*

Nota importante: Este é um dark romance que contém um assunto sombrio.

Disponibilidade:

Jason

Tradutora:

Federicci

Revisora Inicial:

Thay

Revisora Final:

A.J

Leitura Final:

Jason

Diagramação:

Federicci

ORLEQUINA'S LEGACY TRADUÇÕES

ALT



*Selo
Dark*

Para Sam, Kristie e Samantha,

Por sentar comigo naquele restaurante e falar sobre canibalismo até a história de Molly nascer.

PLAYLIST

Gabrielle Current - B&W

Underoath - Another Life

Little Oceans - Peace

Story of the Year - A Part of Me

Yung'cid&Maxx Xero - Endless Nightmare

Colorblind - Ghosts

The Used - Mosh'n Church?

Ellery Bonham - Sway

NOTA IMPORTANTE

Este é um dark romance que inclui gatilhos como assassinato, violência, linguagem gráfica, situações sexuais gráficas, agressão e estupro infantil (não retratado), relações tóxicas entre os personagens principais, abuso e negligência infantil, pensamentos e ideias suicidas, tráfico humano, uso de drogas e álcool e animais alimentados com coisa suspeita (eles não são abusados, eu prometo).

Este livro também inclui fetiches como mordidas, asfixiofilia, blood play¹ e degradação.

Proceda com cautela e priorize sua saúde mental.

— H. D. CARLTON

PROLOGO

MOLLY

Presente - 2022...

O barulho alto de dentes contundentes mordendo ossos é uma canção de ninar com a qual eu poderia adormecer pelo resto da vida.

Franzo meu nariz.

O som desagradável de lábios batendo que se segue não é.

— Posso te ensinar a me respeitar, mas, aparentemente, aprender boas maneiras é pedir demais. — murmuro, com meu lábio superior se curvando em desgosto quando a baba de sangue respinga na lona de plástico diante das minhas botas desgastadas.

Nojento.

Estou em meu celeiro, agachada do lado de fora de seus cercados, mantendo distância enquanto os cinco porcos enormes comem seu jantar. Eles podem facilmente me agarrar através da cerca se eu me atrever a chegar perto o suficiente, e esse não é um ataque ao qual provavelmente sobreviverei. Eles são incrivelmente fortes e, se eu conseguir escapar, com certeza vou perder alguns membros.

Isso me faz pensar por que o mundo tem tanto medo de um apocalipse zumbi, quando já estamos cercados por animais mais do que capazes de nos despedaçar e devorar até o último pedaço de nossa carne e ossos.

Temos sorte de eles ainda não terem descoberto isso. Ou melhor, ainda não descobriram como escapar das prisões em que os colocamos.

Quando terminam, eles farejam ansiosamente o feno, em busca do próximo pedaço.

— Último. — eu os aviso, como se eles pudessem me entender.

Infelizmente, eles são os únicos com quem posso conversar na maioria dos dias. Minha interação humana é limitada e esta fazenda de porcos fica terrivelmente solitária. Mas é algo que escolhi para mim.

E eu não me arrependo, porra.

Jogo o resto da perna aos pés deles, observando-os dilacerar o membro decepado para valer. Tendões, músculos e veias se desintegram em questão de segundos, seguido por aquela *crocância* inigualável.

Nesse momento, meu celular no bolso de trás vibra. Suspirando, deslizo-o e respondo sem me preocupar em ver quem é. Eu já sei.

— Está terminado? — A voz feminina pergunta sem emoção. Ela tem me ligado nos últimos quatro anos e ainda não sei o nome dela.

— Sim. — eu respondo. — Eles comeram o que restava dele.

— Ótimo. Entraremos em contato com você quando o próximo sujeito chegar.

O celular fica mudo antes que eu possa responder. Não que tivesse me incomodado em fazer isso - essa sempre foi a extensão de nossas conversas.

Minha interação humana é muito limitada.

Principalmente porque é isso que meus animais de estimação gostam de comer no jantar.

— Obrigada, Petunia. — digo para mim mesma. Cada vez que ela desliga, dou-lhe um novo nome. Um dia, tenho certeza de que terei adivinhado seu nome verdadeiro corretamente pelo menos uma vez, embora nunca venha a saber.

Tenho a sensação de que não é Petunia, mas coisas mais malucas aconteceram.

Verifico novamente se o resto do homem que dei aos porcos está completamente consumido, e então começo o tedioso processo de limpar seus cercados, minha mesa e as ferramentas, além de queimar seus cabelos e roupas e espalhar seus dentes pulverizados na montanha atrás da minha casa. Garantindo que todos os vestígios de Carl Forthright tenham desaparecido.

Aquele que já foi estuprador e traficante de crianças agora é merda de porco.

Tão poético.

— Vocês têm sorte, que eu amo vocês, idiotas, porque são *bagunceiros* pra caralho. — eu reclamo para os porcos bufando, franzindo o nariz quando vejo um pedaço de carne no chão do lado de fora do cercado.

Eles são um pé no saco na maioria dos dias, mas eu não os trocaria por nada no mundo.

Eles me mantêm sã.

E o diabo sabe que isso está por um fio.

CAPITULO 01

MOLLY

Quinze anos atrás...

20 de Outubro de 2007

— Vou ao posto de gasolina pegar algumas coisas para Layla. — digo ao meu pai enquanto franzo a testa para a bagunça na sala de estar.

Cinco latas de cerveja vazias e amassadas estão espalhadas na quina da mesa, junto com sacos de batatas fritas vazios e caídos com a tampa aberta.

Meu pai está olhando ansiosamente pelas cortinas esfarrapadas, sem camisa, com a barriga saliente sobre a calça jeans. Seu cabelo grisalho está ficando careca e, apesar da barriga, ele é um velho alto e esbelto, com mandíbula definida, sobrancelhas constantemente franzidas e rugas cobrindo cada centímetro de seu rosto.

— Não, eu preciso de você aqui. Você esteve fora o dia todo. — ele se descontrola, mal me olhando.

Já passa das oito e meia da noite e fui garçõete na lanchonete o dia todo. Estou exausta, mas, pelo que parece ser a milionésima vez, ela está sem fraldas e ninguém mencionou isso. Vou fazer vinte anos amanhã, mas terei que pegar outro turno, agora que estou gastando o dinheiro da gorjeta de hoje com Layla.

— Ela precisa trocar a fralda, e não tem mais. — argumento.

Ele resmunga, deixando a cortina cair enquanto me encara.

— Ela não é da sua conta.

Mas ela é.

Ela com certeza não é da conta *dele*, mesmo sendo filha dele. Papai coça o braço, com marcas manchando sua pele. Mais uma vez, ele olha para as cortinas, como se estivesse esperando alguém aparecer. Provavelmente um de seus amigos assustadores, que certamente chegará com uma mochila cheia de drogas, apesar de ele ter me feito comprar algumas para ele ontem.

— Não vou demorar mais do que vinte minutos. — eu racionalizo. — Eu só preciso de fraldas e fórmula.

A ansiedade aumenta em meu peito quando Layla começa a chorar lá de cima. Acabei de deitá-la e esperava que ela continuasse dormindo até eu voltar. Ela tem estado agitada há uma semana. Bem quando seus olhos se fecham e acho que ela finalmente está dormindo, eles se abrem novamente e ela solta um choro melancólico que arranca meu coração.

— Deixe-me acalmar Layla primeiro, e eu irei...

— Não. — ele manda. — Se você vai ir, então vá agora. Não tenho a noite toda, porra.

— Tudo bem. — murmuro.

Minha irmã de quatro meses agora está gritando a plenos pulmões, enquanto nossa mãe está desmaiada no sofá, com a boca aberta e a baba escorrendo pelo queixo enquanto ela ronca suavemente.

Uma agulha usada está na mesa de centro à sua frente, com uma gota de sangue ainda manchando a ponta.

Ela não vai acordar, o que significa que Layla vai chorar enquanto eu estiver fora.

Suspirando, vou em direção à porta, parando brevemente quando ouço meu pai gritar: — E pegue um maço de cigarros e outro engradado de seis cervejas!

Não me preocupo em responder, não que ele espere uma resposta. Ele sabe que farei o que diz. Do contrário, terei que investir em outro frasco de corretivo. O que tenho está quase vazio.

O som dos gritos de Layla é silenciado quando fecho a porta atrás de mim, com minha ansiedade piorando e corroendo meu estômago. Sua pobre garganta estará dolorida e tenho certeza de que sua cabeça estará doendo quando eu voltar.

Ela odeia quando a deixo sozinha, e *eu* odeio o que isso implica. Há dias em que me pergunto se é mais do que apenas um apego a mim que coloca aquele medo nos olhos dela quando me afasto.

Se papai a está machucando como me machucou...

Não sei o que farei. Exceto que quando eu terminar, estarei coberta de sangue.

Minhas mãos tremem enquanto ando rapidamente até o posto de gasolina, alguns quarteirões adiante. É uma noite quente e fresca de outono em Outubro – provavelmente uma das últimas antes da aproximação do inverno.

Reaper Canyon, Montana, é cercado pela cordilheira Electric Peak e foi onde nasci e cresci. O nome assustador desta pequena cidade é adequado, considerando que é onde os sonhos de todos vão morrer. Este estado exala beleza, mas mesmo as montanhas ao longe não podem tirar a feiura do meu mundo.

Mantenho a cabeça baixa, concentrando-me no buraco na ponta do meu tênis sujo. Meus pés estão grandes demais para eles agora, mas ainda não tive dinheiro para comprar um novo par. Tudo isso vai para Layla ou para comprar drogas para meus pais.

No meu aniversário de dezesseis anos, papai ameaçou me expulsar de casa se eu não conseguisse um emprego. Disse que eu precisava começar a trabalhar em casa, como se ir à escola, fazer todas as tarefas domésticas e conseguir as drogas para eles não fosse suficiente. Muito menos estar à disposição dele e da mamãe e chamar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Todo o meu primeiro salário foi gasto em cigarros, cerveja e drogas. Agora, eles contam comigo para comprar nossa comida e tudo para Layla.

A campainha toca quando entro no posto de gasolina local, chamando a atenção do funcionário. Além de Layla, ele é a única pessoa neste mundo de quem realmente gosto.

— Ei, Mol. — ele cumprimenta, com um sorriso se abrindo por seu rosto, rugas de risada se formando em sua pele morena. Ele é uma das poucas pessoas que conheço que está sempre feliz. Acredito que nunca conheci esse sentimento. Talvez quando Layla sorriu para mim pela primeira vez. Mas foi passageiro. Não demorou muito para que meus pais roubassem a alegria novamente.

— Oi, Mario. — respondo, acenando para ele antes de desaparecer por um dos corredores e ir direto para os geladeiras onde a cerveja é guardada.

Não tenho idade suficiente para comprar bebidas alcoólicas, mas Mario agora conhece meu pai bem o suficiente para entender que, se eu não levar para casa, aparecerei com hematomas no rosto no dia seguinte, implorando para que ele me deixe comprar. Ele tentou chamar a polícia, mas sempre fico de joelhos e imploro que não o faça. Eu não queria arriscar que Layla fosse levada pelo Conselho Tutelar e dada para adoção.

As famílias adoram adotar meninas, mas os predadores também, e não vou correr o risco. Pelo menos em casa posso protegê-la.

Assim, apesar do ódio de Mário pelos meus pais, ele arrisca a licença e vende-me o álcool, pois sabe que, de qualquer forma, não é para mim. Ele já me fez jurar que esperaria para beber até ter idade suficiente, embora tenha me dito para ficar longe do cigarro para sempre.

Eu prontamente concordei. Já vi vício em minha mãe, que, a certa altura, foi a oradora da turma e teve acesso integral à faculdade. Mas então ela conheceu meu pai, e todos aqueles sonhos e aspirações não pareciam ter tanta importância quando sentia a euforia correndo em suas veias.

Pego a cerveja favorita do papai, as fraldas e a fórmula para Layla, além de alguns pacotes de miojo para os próximos dias.

Deixando cair os itens no balcão, tiro meu dinheiro enquanto Mario se vira para pegar um maço de cigarros atrás dele. O favorito do papai.

— Como você está esta noite, querida? — ele me pergunta, clicando no teclado para passar tudo.

Eu suspiro. — O mesmo, o mesmo.

— Papai ainda está lhe causando problemas?

Dou-lhe um olhar firme. — Sempre. Vou passar meu aniversário no restaurante amanhã. Era para eu ter o dia de folga, mas não recebi boas gorjetas hoje e, bem... — eu balanço o mísero maço de dinheiro. — Tudo acabou agora de qualquer maneira.

Mario me dá um olhar nada impressionado. — O que está impedindo você de tirar Layla deles?

A vergonha me impede de encontrar seus olhos.

Esta não é a primeira vez que ele pergunta, mas todas as desculpas que inventei fracassam. Porque a verdade condena e, por mais que eu goste de Mario, e se não puder confiar nele?

Quando volto a me concentrar nele, meu coração aperta. Seu olhar é suave e ele irradia preocupação genuína. Sinto minha determinação fraquejar.

— Por favor, Mol, você pode me dizer qualquer coisa.

Suspiro e a última das minhas reservas desmorona aos seus pés.

— Meus pais têm provas de que eu comprei drogas — as drogas *deles* — mas isso não importa. Parece ruim. Eles sabem que eu a quero e ameaçaram mostrar isso ao tribunal se eu tentar obter a custódia. Papai tem fotos e vídeos que eu nem sabia que ele estava fazendo, mas ele me mostrou antes de escondê-los. E se eu simplesmente levá-la... estarei sequestrando-a. Sou legalmente maior de idade, mas no momento em que descobri que minha mãe estava grávida, me senti confortável na minha prisão. Não posso deixá-la, Mário.

Meu amigo balança a cabeça, com um desgosto total emanando de seus olhos castanhos. — Eles estão doentes. Doentes, pessoas doentes. E estão chantageando você! Talvez um advogado...

— Advogados custam dinheiro, Mario. Dinheiro que *não* tenho. Tudo isso vai para eles, e eu... — Não encontro palavras, o desamparo cria raízes. Exalando com força, termino com as únicas palavras que importam: — Estou

presa.

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos enquanto Mario me encara com fúria. Fúria *por* mim, eu sei. Mas a raiva dele não mudará minha situação.

Eu nem sei como.

— Você não tem outra família? — ele questiona, a esperança em suas palavras é frágil.

Franzindo a testa, balanço a cabeça. Pelo que sei, meus pais são filhos únicos e seus pais estão mortos ou separados.

Não tenho ninguém além de Layla.

— Posso perguntar à minha esposa e ver se você pode ficar conosco...

Estou balançando a cabeça antes que ele possa terminar. — Meus pais não me deixam levar Layla e não posso deixá-la sozinha.

— Molly, *por favor*, deixe-me ajudá-la. — implora Mario. — Podemos descobrir alguma coisa.

— Preciso de tempo. — respondo, e ele entristece. A culpa aumenta e apenas consolida minha impotência. — Apenas... eu vou descobrir isso eventualmente, ok? Ela é tão jovem agora, então só preciso ter certeza de que farei isso da maneira certa.

Ele balança a cabeça, cedendo, embora seus movimentos rígidos traiam seus verdadeiros sentimentos. Mas, assim como eu, ele está impotente.

Mesmo se eu denunciar meus pais, eles certamente me denunciarão com eles.

— Então pelo menos deixe-me pagar pelas coisas de Layla, certo? Enquanto isso, ajudarei você a conseguir tudo o que ela precisar. Mas não pense que não vou encontrar uma saída para você, garotinha. — ele me diz com severidade. — Nunca ficarei de braços cruzados enquanto você sofre.

Lágrimas surgem em meus olhos e estou muito sobrecarregada pela gratidão para agradecê-lo adequadamente.

Eventualmente, eu deixo escapar: — Obrigada. Mesmo que não tenha outra família, pelo menos tenho você.

Seus ombros caem, embora a convicção em seu tom seja forte. — Você tem, querida. Para qualquer coisa.

Sorrio suavemente, mesmo que seja difícil de sentir. Mas sou eternamente grata por ele, especialmente porque ele é a única pessoa que foi gentil comigo.

A campainha toca, e olho para os recém-chegados entrando. Rapidamente, olho duas vezes, com um franzido marcando meu rosto.

É meu pai, junto com um homem que não reconheço. Eu teria pensado que eram dois estranhos que entraram ao mesmo tempo se não fosse por estarem no meio de uma conversa baixa, com as suas palavras parando quando finalmente me avistaram.

Meu coração aperta.

— O que você está fazendo aqui? Estou pegando suas coisas... — pergunto, parando de nervosismo quando percebo que o outro homem está olhando para mim com uma expressão que não consigo descrever. É um olhar que não *quero* decifrar, pois imediatamente deixa os cabelos da minha nuca em pé.

Ele é baixo e atarracado, com cabelo aparado e queixo quadrado e marcante. Sua pele pálida está coberta de tatuagens horríveis, e há um brilho frio em seus olhos castanhos.

Papai vem em minha direção, gesticulando para que eu me afaste. — Vou tirar isso de suas mãos. Você é muito jovem para comprar álcool de qualquer maneira. Por que você não vem aqui com meu amigo e espera por mim até eu terminar? — ele ordena rispidamente.

Minha boca cai, confusa e cada vez mais desconfiada.

Meu pai *nunca* veio tirar nada "das minhas mãos". O que significa que há uma razão para ele estar aqui, e aquele homem aterrorizante tem algo a ver com isso.

Como diabos vou a qualquer lugar com ele.

— Está tudo bem, eu cuido disso...

— Vá. — ele ordena. — *Agora.*

Minha coluna se endireita. Não é a aspereza em sua voz que me deixa no limite, mas sim, a urgência.

Perplexa, olho para Mario e o encontro a um passo de rosnar para meu pai. Ele está olhando para os dois homens com desconfiança e raiva que ardem mais quente que o submundo sob nossos pés. Mas o que ele pode

fazer? Se ele chama a polícia e me acusa de tentar comprar cerveja só para me afastar deles, eu ainda acabaria indo para casa com meu pai mais tarde, e Mario poderia ter sua licença revogada se descobrissem que foi vendido para mim antes. E se ele alegar que papai é uma ameaça para mim, isso só vai me separar de Layla.

Eu poderia fugir... Mas para onde eu iria? Não podia deixar minha irmã de quatro meses sozinha, nem tinha lugar seguro para levá-la.

Minha mente está girando em diferentes cenários, mas sempre chego à mesma conclusão. Estou impotente.

— Na verdade, estou precisando de ajuda neste lugar. Por que ela não fica aqui comigo e eu pago...

— Você tem olhos para minha filha ou algo assim, amigo? Por que você não cuida da sua vida, hein? — Papai se irrita, olhando para Mario.

— Está tudo bem. — sussurro, olhando nervosamente para o homem estranho. Ele ainda está olhando para mim, causando um arrepio na minha espinha. Quem quer que ele seja, ele é o ceifador, e onde quer que ele me leve, não irei a lugar nenhum, a não ser para baixo.

— Vá com ele, Molly. Não vou te falar de novo. — Papai ordena.

Tentando engolir, hesitantemente me afasto do balcão. Dando a Mario uma última olhada, abaixo o queixo e ando em direção ao homem, com a adrenalina liberando em minhas veias com uma intensidade que nunca senti antes.

Minha pulsação está acelerando em meus ouvidos e estou começando a sentir náuseas.

Um sorriso malicioso surge em um lado dos lábios do estranho, e meu estômago se enche de ácido, com a bile provocando o fundo da minha garganta.

— Seu pai e eu somos bons amigos, não se preocupe. — ele garante, sorrindo ainda mais, como se isso fosse aliviar meu nervosismo.

Parece que há cola na sola dos meus pés, dificultando cada passo enquanto nos dirigimos para a porta.

Eu não posso fazer isso. Não posso deixar esse homem me levar tão facilmente. Aonde quer que eu vá, não irei sem lutar.

Vou levar Layla e encontrar um lugar para irmos. Porque onde quer que

seja, isso *tem* que ser melhor do que onde estamos agora. Mesmo que eu seja uma fugitiva procurada por sequestro, vou encontrar uma maneira de sobrevivermos.

Assim que o homem abre a porta e a campainha toca, saio pelo corredor à minha direita.

— Ei! — Papai grita, fazendo seu amigo se virar. Ele não perde tempo correndo atrás de mim, fazendo meu coração pular na garganta.

Instintivamente, pego alguns itens das prateleiras e os jogo no chão atrás de mim. Sacos de batatas fritas, barras de granola e outros alimentos espalhados pelo ladrilho sujo, mas isso não o detém. Ele pula sobre eles, com seu dedo deslizando em meu ombro enquanto viro um corredor, apenas para encontrar meu pai parado bem ali. Grito, quase batendo diretamente em seu peito.

Seus braços se erguem para me envolver, então me abaixo, mal conseguindo evitá-los. Eu simplesmente consigo passar por ele, ouvindo seus palavrões murmurados atrás de mim.

— Maldição, sua vadia! — Papai grita.

Com o coração batendo violentamente contra minhas costelas, corro por outro corredor, vendo Mario aparecer. Ele está segurando um taco de beisebol enquanto fala freneticamente ao telefone com pessoas que presumo serem policiais.

— Venha depressa! — Mario grita ao telefone.

Eu envio mais itens voando para o chão. Desta vez são garrafas de refrigerante, todas quicando no chão, fazendo com que algumas delas se abram ou explodam completamente.

Rapidamente, olho por cima do ombro no momento em que os dois homens param antes de caírem. Vejo o olhar demoníaco no rosto de meu pai. E sei que seja o que for que tenham planeado para mim, fará com que a minha vida familiar pareça a Candy Land.

Eles se separaram, papai indo em uma direção e o homem correndo para o corredor oposto. Eles vão me pegar.

O pânico invade meus sentidos e tento voltar atrás e passar por cima de uma das prateleiras. O homem vira o corredor e avança em minha direção.

Estou determinada a continuar, até vê-lo enfiar a mão na parte de trás da calça jeans pela minha visão periférica, seguido por um som distinto.

Paraliso, pendurada até a metade na prateleira com gelo correndo pelas veias, depois espio por cima do ombro.

Mario está agora olhando para o cano de uma arma, com o rosto imóvel de terror enquanto o homem a segura com firmeza. Seu rosto está contorcido de raiva enquanto ele ofega alto.

— Vou atirar nele, porra. Você realmente quer essa morte em suas mãos, garotinha? — O homem murmura.

Uma expressão estrondosa está no rosto do meu pai enquanto ele caminha em minha direção, apontando para a porta dos fundos rotulada apenas para funcionários.

— Vamos. Agora mesmo, porra!

Não tenho escolha a não ser ouvir.

Não há mais fuga.

Tive uma oportunidade, mas não consegui chegar à saída a tempo. E por mais tentada que esteja a continuar lutando, não arriscarei a vida de Mario.

Ofegante e com lágrimas turvando minha visão, desço da prateleira e vou em direção à porta. Ao passar por Mario, aceno, sussurrando a palavra: — Tchau. — Antes de ir em direção à porta.

Respirando fundo, cruzo o almoxarifado e saio pela saída dos fundos. Sigo o homem pelo beco, com o meu pai respirando em meu pescoço enquanto caminhamos. Lá, estou cercada por mais três homens.

Não há chance de gritar. Não enquanto agarram meus bíceps, colocam um pano na minha boca e me arrastam para sua van preta.

Acabou para mim. Nunca mais verei Layla.

Pior ainda, ela nunca mais me verá - a única pessoa que cuidou dela - que a manteve *segura*.

A única pergunta que tenho é: o destino dela será pior ou o meu?

CAPITULO 02

MOLLY

Quatorze anos atrás...

18 de Junho de 2008

Li a última palavra que escrevi na página antes de fechar o diário. É um diário que tenho escrito secretamente nas últimas semanas. Tem sido minha única forma de libertação, mas me recuso a levá-lo comigo, mesmo que tenha sido a única coisa que manteve minha sanidade detonante intacta. É a única saída que tenho para minha raiva reprimida.

E pode queimar com o resto desta casa, eu não me importo.

Espero em Deus que outra garota nunca encontre este diário. Isso significaria que ela me substituiu, e ninguém – *ninguém* – deveria experimentar os horrores desta casa. Ninguém inocente, pelo menos. Eu não me importaria se Francesca, Rocco ou qualquer um de seus amigos experimentasse o próprio veneno um dia. É o mínimo que eles merecem.

Meu coração partido está batendo forte contra meu peito, com os pedaços irregulares cortando o interior a cada batida. No entanto, a adrenalina que corre em minhas veias silencia a dor. A única coisa que consigo sentir é determinação e fúria. Muita fúria, porra.

Não estou esperando mais. *Não posso.*

Francesca tem algo planejado para nós em dois dias e, embora eu suspeite que seremos leiloadas, ela nunca disse.

Tudo o que sei é... que não posso estar aqui quando isso acontecer.

Mais um dia neste inferno e vou enlouquecer. Mais um dia sem Layla, e matarei qualquer um que for preciso, mesmo que isso acabe em minha própria morte. De qualquer forma, será apenas o meu corpo que morrerá. Eles já destruíram minha alma, e tudo o que resta é uma casa vazia que viu tantas tragédias quanto aquela da qual estou planejando escapar esta noite.

Minha pulsação bate forte em meus ouvidos enquanto levanto silenciosamente da cama e vou na ponta dos pés até o buraco sob o piso. Quando cheguei aqui, percebi que a ripa estava solta e, depois de uma semana de esforço, finalmente consegui retirá-lo. Era apenas um buraco sujo, mas agora é o lar de todos os meus segredos e sofrimentos.

Com as mãos trêmulas, coloquei o diário dentro, deixando cair descuidadamente a caneta depois dele. Então, deslizo a ripa de madeira de volta no lugar.

Não há relógio aqui, mas Rocco e seus amigos se acalmaram completamente, o que significa que provavelmente desmaiaram. De acordo com Francesca e suas reclamações constantes, isso normalmente acontece por volta das duas ou três da manhã, todas as noites.

Estou me preparando para isso há *meses*.

E agora que finalmente chegou, estou com medo de ter perdido alguma coisa. Um pequeno detalhe que não planejei quando não fiz nada *além* de planejar.

A única coisa que me separa da liberdade são essas paredes finas e quilômetros e quilômetros de floresta.

Isso e o segurança que está do lado de fora da casa. Fiquei acordada várias noites do anoitecer ao amanhecer para observá-lo, abrindo mão de um sono precioso para aprender seus horários e hábitos. O que muitas vezes me levava a ter problemas por adormecer durante as aulas. Embora Francesca já esteja cansada da minha desobediência há muito tempo, ela também não vai se livrar de mim.

Sou uma das quatro que sobreviveram ao Culling – um jogo doentio que um grupo de pedófilos e estupradores criou por esporte. O objetivo é nos colocar em um bosque cheio de armadilhas, onde nos caçarão com bestas. Se

nós formos atacadas, seremos punidas. Se vencermos e escaparmos delas, seremos consideradas carne de qualidade superior e depois colocadas em leilão.

É um insulto nos sequestrar apenas para nos fazer provar que somos dignas de sermos sequestradas.

Não faz nenhum sentido e só foi criado para que os ricos entediados possam ficar menos entediados.

Eles nunca terão a maldita chance.

Repirando fundo, eu rastejo em direção à porta do meu quarto. Os grilos cantam alto do lado de fora da minha janela, como se estivessem torcendo por mim. Torcendo por uma fuga precária. Uma que provavelmente me matará.

Mas prefiro morrer rebelando-me do que morrer submetendo-me.

O suor se forma em minha testa enquanto giro lentamente a maçaneta enferrujada, me encolhendo quando ela range. Juro por Deus, esta casa foi construída quando os dinossauros vagavam e é mais suja do que os pecados de Francesca.

As dobradiças rangem, mas isso não me impede de abrir a porta.

Há outras três meninas dormindo em seus respectivos quartos. Há uma chance de que, se uma delas me ver, alertem Francesca. Mas há muito que aceitei que matarei qualquer um que se interponha no meu caminho.

Ninguém vai me afastar de Layla.

Meu coração dispara, ganhando impulso e batendo contra o interior do meu peito enquanto me esgueiro pelo longo corredor. Além do meu próprio pulso, está um silêncio mortal. E porra, isso é assustador.

Sempre pareceu assombrado aqui, mas eu estava convencida de que era pelos vivos. Agora, não tenho tanta certeza. Ou talvez a nossa tristeza seja potente, mesmo nos nossos sonhos.

Mordo o lábio, prendendo a respiração enquanto desço os degraus, evitando cada ponto vulnerável na madeira que range. A primeira coisa que atrai meus olhos são os números de néon verde aparecendo no fogão.

2h30. *Perfeito.*

O luar entra pela janela da cozinha, mas não me preocupo com nada aqui. Aprendi a passar dias sem comida e água. Mas não pretendo me privar

por muito tempo, já que tenho certeza de que há uma cidade próxima.

O ajudante favorito de Francesca, Rio, faz idas semanais ao supermercado, só sai por algumas horas antes de retornar, e certamente não compram a granel. Tem que haver um lugar para onde eu possa fugir e pedir ajuda.

Espio a sala e encontro vários homens deitados no sofá e no chão. Cinco deles. Todos roncando e certamente drogados, com as veias tão entupidas de produtos químicos quanto a poeira nas saídas de ar. Seus órgãos provavelmente também estão flutuando em um oceano de álcool, eliminando as toxinas.

Preferiria que um terremoto os embalasse ainda mais, para qualquer terra depravada em que vagaram, do que acordá-los. Eu me pergunto, quando os pedófilos sonham em se casar com mulheres da sua idade ou em levar um idoso para o outro lado da rua, por bondade, eles chamam isso de pesadelos? Acordam suando frio e com um aperto no estômago?

Certamente, eles não consideram *agradáveis* os sonhos com cachorrinhos fofos e arco-íris.

Independentemente disso, são a menor das minhas preocupações enquanto me esgueiro pela sala escura, passando por cima de membros perdidos e latas de cerveja vazias e esmagadas.

É o segurança do lado de fora da casa que me dá um rastro de suor escorrendo pela minha espinha.

Ele serviria melhor como uma pedra na Hoover Dam, considerando o quanto ossificados são os músculos ao redor de seus ossos. Todas aquelas pessoas que construíram isso morreram por nada quando tudo que esse idiota precisava fazer era ficar *ali parado*.

Mas se ele seguir a rotina que seguiu nos últimos três meses, então deveria estar segurando o pau em algum lugar na floresta, fazendo uma pausa para urinar. Normalmente, ele combina isso com uma pausa para fumar, usando isso como uma desculpa para passear e aliviar-se de ficar na mesma posição por horas a fio.

Talvez ele não se saísse tão bem na represa.

Prendendo a respiração, agarro a maçaneta com a palma da mão trêmula e suada e abro a porta, com as dobradiças enferrujadas ecoando.

Estremecendo, espio por cima do ombro, rapidamente garantindo que os homens atrás de mim ainda estejam inconscientes, depois saio pela porta.

Apenas para bater diretamente em um peito duro.

— Aonde você vai, dona?

Esperança, euforia, liberdade... eles desaparecem como fogos de artifício úmidos. Meu lábio inferior treme quando levanto o olhar.

Rio.

Ele não deveria estar de plantão esta noite.

Ele é alto e sua pele morena clara está coberta de tatuagens. Seu cabelo está penteado rente ao couro cabeludo, acentuando um queixo marcante e lábios carnudos. É certo que ele é incrivelmente enigmático e o único homem nesta casa que não nos faz recuar de medo.

Ele nunca se interessou por nenhuma de nós.

Francesca o trouxe há alguns meses, logo após seu aniversário de dezenove anos, e pouco depois de ele chegar de Porto Rico. Ela brincou que não se sentia tão mal por contratar um garoto quando ele já tinha idade suficiente para foder. Não creio que aquela mulher vil seja capaz de sentir vergonha ou culpa, nem finge ser quando o chama para seu quarto à noite.

Assim como os nossos, seus olhos são assombrados. E, ao contrário dos outros homens, ele não olha maliciosamente para as meninas nem sorri quando somos estupradas. Na verdade, ele parece completamente mal quando isso acontece.

Seu trabalho é captação – um nome chique e idiota para um raptor. Eles fornecem a ele a foto de uma linda jovem, seu nome e sua localização; seu único trabalho é atraí-la para seu carro e trazê-la de volta. A maioria delas são profissionais do sexo. Fácil de entrar em um carro e poucas pessoas vão procurá-las quando desaparecem.

No entanto, eles têm tido problemas com ele deixando garotas alvo escaparem por entre seus dedos. Um erro que normalmente o mataria, mas toda vez que Rocco ameaça fazer isso, Francesca o impede.

Ela está apegada e é a única razão pela qual o Rio ainda está vivo.

Abro a boca, mas a resposta fica presa na garganta. Parece muito apertada, como uma sala lotada com espectadores pressionados ombro a ombro, me impedindo de pronunciar uma palavra e dando um laço em volta do meu pescoço e do deles.

— Tenho a noite toda. Não sei se você tem, no entanto. – ele diz

casualmente, pressionando por uma resposta.

— Sair. — grito, a única sílaba abrindo caminho através da multidão.

Uma coisa estúpida de se dizer, mas que desculpa eu poderia inventar? Sob nenhuma circunstância podemos sair de nossos quartos depois de dormir, muito menos da *casa*.

Estou fodida. Bem e verdadeiramente fodida.

— Sair. — ele repete sem emoção.

A adrenalina bombeia em minhas veias e o suor se acumula na base da minha coluna. Sinto vontade de vomitar em suas botas, com a náusea girando na boca do estômago.

Tento limpar a garganta, mas acabo soltando uma tosse abafada. Depois de dar um olhar nervoso por cima do ombro e depois por cima do de Rio, encontro seu olhar penetrante novamente.

Não tenho mais certeza de que os homens atrás de mim não acordarão com nossas vozes e que o segurança poderá aparecer a qualquer momento. A coisa mais inteligente a fazer é oferecer-lhe o que ele quiser em troca do seu silêncio e voltar para o meu quarto. Exceto que algo me mantém enraizada onde estou. Esperança.

A esperança é o que me mantém no lugar.

Ele deixou outras irem. Talvez ele me deixe ir também.

— Sinto muito. — sussurro. — E... eu estou morrendo.

Eu não estava pensando em dizer a última parte, mas é a verdade.

Cada segundo perdido neste lugar - sujeita a esses pesadelos - é uma batida a menos que meu coração está disposto a dar.

— Todos nós estamos, não é? — ele afirma.

Dou outro olhar nervoso por cima do ombro. Surpreendentemente, ele dá um passo para trás, me dando espaço suficiente para sair pela entrada e fechar suavemente a porta atrás de mim.

Uma pequena misericórdia, mas significa tudo para mim neste caso.

O ar quente de Junho parece um cobertor sufocante neste momento.

— Po... por favor. Eu farei qualquer coisa. Não vou contar a ninguém

sobre este lugar. Sobre você.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Isso deveria me convencer? Você não terá a opção de contar porra nenhuma para ninguém se eu não te deixar ir, *estúpida*. E mantê-la aqui não significa nenhum risco. — ele sussurra baixinho, com seu sotaque intensificando com aborrecimento.

— Certo. Isso foi estúpido. Mas ainda é completamente o caso. Eu só... tenho uma irmã. Ela tem apenas um ano de idade e está sozinha... — eu paro, percebendo que estou dizendo a um traficante sexual que minha irmãzinha é super sequestrável.

Estúpido. *Idiota*.

A outra sobrancelha se junta à primeira no meio da testa.

— Você é péssima nisso. — ele comenta secamente.

— Ela não está completamente sozinha. — eu altero fracamente. Então, suspiro impacientemente. — Ok, tanto faz. Dizer isso não a coloca em mais perigo do que já está. Meus pais são viciados e recebem amigos que tendem a explorar a casa à noite. Acho que a única diferença entre aqui e lá é que serei capaz de matar o maldito doente que tocar nela se ela estiver comigo.

Ele sorri, mas eu não tenho ideia do que diabos ele poderia achar engraçado.

— Se você tiver sorte, conseguirá matar um antes que um deles mate você. Então sua irmã ficaria *realmente* sozinha.

Resmungo baixinho. Claro, ele está certo, mas meu objetivo era tocar seu coração, e não revelar sua lógica e raciocínio.

Inferno, eu realmente sou péssima nisso.

Mordo meu lábio sem piedade, tentando descobrir uma abordagem diferente. O homem pode estar fodido, mas provou ter empatia. Em algum lugar além das teias de aranha, cobras venenosas e parasitas carnívoros em sua alma há um ponto fraco. Só tenho que encontrar.

Mordendo ainda mais meu lábio, espio por cima do ombro dele novamente. Eu estou correndo contra o tempo. É um milagre que os outros ainda não tenham regressado.

— Você tem uma irmã? — pergunto.

Sua expressão não era exatamente... expressiva para começar, mas parece que seu rosto entristece de qualquer maneira. Um olhar sombrio e sinistro surge em seus olhos e suas feições ficam mais nítidas. Isso causa arrepios na minha espinha e os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Não tenho certeza se encontrei o ponto fraco ou apenas atingi um nervo muito sensível.

O sangue no meu corpo vira gelo. Se eu não estivesse diante de uma fera antes, certamente estou agora.

— Ela está viva? — eu pressiono.

O que está me impedindo? Estou morta, de qualquer maneira.

— Sim. — ele responde. — Mas deixar você ir poderia matá-la se eles decidirem retaliar contra mim.

— Eles nunca saberão que você me viu. — eu argumento, cada vez mais desesperada. — Você nem deveria estar de plantão esta noite.

Ele considera isso por um momento e minha ansiedade aumenta.

— Olha, nós dois estamos desesperados para manter nossas irmãs seguras, certo? Não preciso ser alguém que atrapalha seu caminho, nem você precisa ser alguém para atrapalhar o meu.

Seu lábio superior se curva em um resmungo, com frustração franzindo sua testa.

Parece que uma eternidade passa antes que ele finalmente fale novamente.

— Sai da minha frente. Agora. Espero que você saiba o que está fazendo, porque não estou ajudando você, nem vou salvá-la se você for pega.

O alívio explode em meu peito, roubando meu fôlego.

— Obrigada. Não vou esquecer de você, Rio.

Não espero que responda. Com um último olhar, desço os degraus e vou em direção ao único lugar que oferece uma chance de sobrevivência aos braços hostis da floresta.

Será cruel, mas já sofri muito pior.

CAPÍTULO 03

CAGE

Presente - 2022...

— Não deixe o título do trabalho te deter, cara. Ela pode ser uma criadora de porcos, mas é gostosa pra caralho. — Eli diz do outro lado da linha.
— Admito, ela apareceu em algumas das minhas fantasias quando eu...

— Termine essa frase e eu sairei da maldita estrada. — resmungo, curvando os lábios em desaprovação.

Como se eu me importasse com quem o idiota se masturba. Prefiro cortar o pau dele antes de ouvi-lo falar sobre o que ele faz com ele.

— Só estou dizendo, cara. Sexy pra caralho.

— Anotado. — eu respondo sem emoção.

Também não dou a mínima para a aparência dela. A única coisa que me preocupa é deixar os dois idiotas mortos no meu porta-malas.

Eli é quem normalmente cuida das entregas, até que ele foi e levou um tiro na lateral. Agora, ele está em repouso absoluto por seis semanas e fui contratado para substituí-lo até que ele se recupere.

Pra mim não é estranho em fazer desaparecer criminosos, embora meus métodos tendam a ser muito diferentes. E menos... bagunçado.

— Vou avisar Legion quando o trabalho estiver concluído. Descanse e deixe seu maldito pau em paz. Não quero ficar carregando cadáveres por mais tempo do que o necessário. — resmungo e desligo o celular. A linha fica muda, finalmente me dando um pouco de paz e tranquilidade.

Sua resposta não foi importante, de qualquer maneira.

A lua me guia pela estrada de terra árida, com os faróis apagados. Embora esta criadora de porcos supostamente não tenha vizinho por quilômetros, ainda gosto de tomar precauções extras.

Meu trabalho depende da minha capacidade de cobrir minhas bases, e certamente não sacrificarei isso agora, quando há dois cadáveres apodrecendo no meu carro.

Depois de mais alguns minutos, chego a uma casa de fazenda solitária situada ao lado de um enorme celeiro, situada em mais de 40 hectares de terra. Na entrada da garagem há uma placa antiga que diz *Paladin Farm*.

O canto do meu lábio se curva quando me lembro do que significa “*paladin*”. Que nobre.

Há uma luz brilhando através de uma única janela da casa dela e um brilho suave vindo do celeiro. Caso contrário, está escuro como breu aqui, permitindo uma visão desobstruída da Via Láctea e de seus sistemas estelares.

Paro no celeiro no momento em que uma figura sombria emerge de suas profundezas. Ela fica na entrada, com as mãos nos quadris enquanto me observa me aproximar.

Legion a avisou que eu estava vindo no lugar de Eli, mas com base na postura rígida de seus ombros e no pé batendo, ela está nervosa.

Com razão.

No minuto em que saio do carro, sou recebido pela brisa fria de Março e sua voz suave e angelical.

— Você está aqui para a entrega?

Meu coração para e uma parte distinta do meu cérebro dá um alarme. Já ouvi milhares de vozes de mulheres ao longo dos anos, mas *essa* voz... juro que é familiar.

— Até onde eu sei. — respondo secamente, estreitando os olhos para vê-la melhor, e falhando.

Ela resmunga, claramente não impressionada com a minha resposta.

— Dois corpos no porta-malas. — informo.

— Traga-os para dentro. — ela interrompe, antes de virar e desaparecer no celeiro.

Procuo no bolso, tiro uma embalagem de chiclete de nicotina e coloco

um na boca. Então, abro o porta-malas, curvando os lábios ao sentir o cheiro repugnante que vem de dentro.

Eles já estão começando a inchar.

Carrego o primeiro corpo para o celeiro, o aroma dos porcos não é melhor. É muito maior por dentro, com chão de concreto liso. Três currais estão à minha direita, com cinco porcos grandes e gordos espalhados entre eles. Do outro lado está a mulher, de costas para mim enquanto se veste da cabeça aos pés com uma roupa de proteção amarela brilhante.

Sem olhar para trás, ela aponta para uma grande mesa de metal com uma máquina de cortar cabelo, uma grande engenhoca de metal com alguns botões, um alicate e um Sawzall colocado em cima dela. — Coloque-os bem ali.

Faço o que ela diz enquanto começa a colocar luvas de borracha enormes que vão até os cotovelos.

— Vou pegar o outro. — digo, olhando-a de perto.

Ela é reservada e, embora não me observe com os olhos, posso sentir que sabe exatamente onde estou, ciente de cada movimento que faço.

Uma gota de suor se forma na minha testa enquanto carrego o segundo homem, deixando-o cair na mesa ao lado do outro.

Plástico grosso e opaco cobre a parede em frente ao seu cenário, descendo até o chão e depois atravessando-o, alcançando os cercados.

Parece que ela também gosta de cobrir suas bases.

Óculos de proteção estão na área de seus olhos enquanto ela pega a máquina de cortar cabelo. Ela não olha diretamente para mim, e alguns fios de cabelo castanho escuro e encaracolados emolduram seu rosto e escondem suas feições, impedindo-me de dar uma boa olhada nela.

— Eu assumo daqui. — ela diz friamente.

Não respondo, muito concentrado em olhar para ela para ver se meu palpite está certo.

Ela suspira e finalmente se vira para olhar para mim, roubando o meu fôlego. Mesmo sob os grandes óculos de proteção, reconheço-a imediatamente. Não há como confundir essa maldita cicatriz.

Ela tem grandes olhos verde-esmeralda, uma lacuna abaixo da íris que sempre lhe deu um olhar naturalmente sedutor. E logo abaixo da direita há

uma marca de mordida permanente, branca e ligeiramente elevada. Uma boca cheia de dentes marcados em sua pele morena. Como ela conseguiu isso, ainda não sei. Mas é evidente que não é uma história bonita.

Ela é mais velha, mas não parece muito diferente, apenas mais madura. No entanto, as sardas castanhas claras espalhadas por suas bochechas e o nariz redondo suavizam suas feições. Há nove anos, disse a mim mesmo que as contaria, mas nunca tive oportunidade de terminar.

Pretendo remediar isso.

Seus olhos se arregalam, com o reconhecimento brilhando dentro deles. Ela cambaleia para trás, deixando cair a máquina de cortar cabelo na mesa antes de esbarrar nela, evocando um som horrível das pernas de metal rangendo contra o chão. Mesmo agora, ela ainda parece uma gata assustada.

— Cage? O que você está fazendo aqui? — ela exclama, então olha ao meu redor com urgência, como se eu estivesse escondendo outra pessoa no meu rabo.

— Fazendo uma entrega. — respondo lentamente, com minha testa franzida de confusão.

— Você deveria estar morando no Alasca. Coloquei você no Alasca. — Meu tom é acusatório, mas estou furioso.

O esforço que faço para fazer as pessoas desaparecerem é tedioso pra caramba. É como um tapa na cara ter uma pessoa que matei parada bem na minha frente — *não* no Alasca.

Não é por isso que você está com raiva.

A voz intrusiva na minha cabeça pode ir se foder.

Ela olha ao redor nervosamente. — Não gostei de lá.

O músculo da minha mandíbula pulsa. — O que você está fazendo aqui, Molly?

Ela recua, como se eu tivesse dado um tapa no rosto dela.

— Esse não é mais meu nome.

— Este também não deveria ser o seu estado de residência, mas aqui estamos.

Ela estreita os olhos, com o fogo liberando nas profundezas de suas íris. — Por que você se importa? Eu contratei você para um trabalho. Você fez o

trabalho. O que faço não é mais da sua conta.

Ela está certa.

Se algum outro cliente que fiz desaparecer se materializasse na minha frente, eu diria que custaria o triplo fazê-lo desaparecer uma segunda vez. Mas o que quer que aconteça com eles nesse meio tempo não é problema meu.

Exceto que Molly não é como os outros clientes que eu tive. Principalmente porque a fodi completamente antes de lhe dar uma identidade totalmente nova. Então, ela desapareceu... exatamente como deveria.

E isso me enfureceu.

Agora, ela me encara como um coelhinho preso em uma armadilha, gritando para ser libertado.

Ela escapou de mim uma vez e eu deixei.

Não vou permitir uma segunda vez.

CAPITULO 04

MOLLY

Presente - 2022...

Vou matar Legion.

Ele nunca me disse que *Cage* estava entregando os corpos. Nem pensei em perguntar quem viria quando fui informada que Eli havia levado um tiro e

teria um substituto temporário. Confio implicitamente em Legion, por isso não estava preocupada com a identidade deles. Principalmente porque sei me proteger independente de quem seja.

Não tenho ideia se Legion sabe alguma coisa sobre a noite que passei com Cage – e talvez ele não saiba. Mas, porra, ele poderia ter me avisado.

— Quando você voltou? – Cage pergunta, com sua voz tensa.

— Quatro anos atrás. – respondo automaticamente, embora não tenha certeza do porquê. Não é da conta dele... eu não *sou* da conta dele.

— Por quê? – ele exige.

— Não importa o porquê. Você não deveria estar aqui. – murmuro, com suor pelo nervosismo pingando do meu couro cabeludo e cobrindo minhas palmas trêmulas. *Eu* não deveria estar aqui. Nós dois sabemos disso, mesmo que ele não saiba por quê.

Fugir de Francesca e Rocco era um dos muitos motivos pelos quais eu precisava escapar de Montana. Mesmo assim, eu sabia que voltar aqui seria a única coisa que me salvaria de mim mesma.

Tentei sobreviver no Alasca, mas só me vi a morrer.

Pelo menos aqui eu estaria vivendo, mesmo que ainda me sentisse morta por dentro.

Cage dá um passo em minha direção, com uma expressão selvagem identificada em seu rosto devastadoramente lindo.

Esqueci o quanto alto ele era. Imponente com mais de 1,90m, pelo menos.

Seu cabelo não mudou desde a última vez que o vi. Ainda curto nas laterais, os fios castanhos escuros apenas um pouco mais longos na parte superior. *Apenas* o tempo suficiente para passar as mãos. Lembro-me de minha língua traçando seu queixo esculpido feito de aço e sobranceiras grossas franzidas em êxtase acima de seus olhos verde-floresta. E nunca esquecerei aqueles lábios grossos e carnudos que beijavam cada centímetro da minha pele, ou a leve barba por fazer que causava arrepios na minha espinha toda vez que a sentia esfregar em mim. Todas as características que meu olhar adorou por horas.

Deixá-lo me foder foi um dos muitos erros, mas eu queria sentir o que todo mundo estava sentindo quando faziam sexo – o que as pessoas normais sentiam. Eu queria que o sexo fosse *bom*.

Simplemente nunca esperei que isso fosse *tão* bom. E por razões desconhecidas, isso é ainda mais assustador do que ser estuprada por Rocco e seus homens.

Ele dá mais um passo em minha direção. Pela segunda vez, tropeço de volta na mesa onde dois cadáveres continuam a apodrecer.

— Não. — eu sufoco, levantando minha mão para detê-lo. Como se fosse.

Ele faz uma pausa, com as engrenagens em sua cabeça girando. Não tenho ideia do que está pensando, mas no pouco tempo que o conheci, ele não era muito suscetível a deixar as pessoas entrarem em sua cabeça.

— Alimente os porcos, Molly. — ele finalmente diz, dando vários passos para trás. Sinto o aperto ao redor do meu peito diminuir a cada centímetro que cresce entre nós.

Já se passaram nove anos desde a última vez que o vi, embora eu me lembre muito bem de quanto difícil era para respirar.

Limpo a garganta como se isso fosse remover a ansiedade que a obstrui. Então, viro-me rigidamente para o primeiro cadáver na mesa.

Um homem que já está na casa dos cinquenta, com o couro cabeludo profundamente recuada e cabelos grisalhos. Depois de alguns movimentos, consigo tirar as peças de roupa de seu corpo e jogá-las para o lado. Então, pego a máquina de cortar cabelo novamente e começo a raspar sua cabeça.

O tempo todo, Cage me observa em silêncio.

Eli normalmente não fica por perto depois das entregas. Não desde a primeira vez que ele viu meus porcos comerem. Estou tentada a dizer a Cage para ir embora, mas qualquer ligação que eu tinha com ele ainda não desapareceu completamente. É como tirar um band-aid e ficar com o resíduo. As feridas estão curadas, mas o que deveria ajudar a fechá-las permanece.

— O que esse cara fez? — pergunto, com minha voz tensa.

— Ele acabou de ser absolvido de estuprar seu neto de quinze anos. Não há provas suficientes, disse o juiz. Apesar da montanha de fotos de hematomas no pescoço do garoto que combinavam com as impressões das mãos do cara e com a amostra de sêmen no short do garoto.

— Parece que o juiz também deveria ter sido morto. — murmuro maliciosamente, depois pego meu alicate e começo a arrancar seus dentes com força. Quando termino, coloco-os no moedor em cima da minha mesa. Com o

apertar de um botão, ele os transforma em pó, facilitando o descarte posterior.

Em seguida, ligo o Sawzall e começo a cortar a carne. O sangue respinga em minhas mãos enluvadas, rosto e peito. Atrás de mim, ouço meus porcos bufando alto sob o som ensurdecedor da serra cortando ossos.

Agora que eles têm uma dieta constante de restos humanos, eles tendem a ficar turbulentos quando sentem o cheiro de sangue. Isso costumava me assustar, mas então decidi que os predadores que comiam eram muito piores do que as feras que os consumiam.

Depois que termino, seus braços, pernas e cabeça são removidos do torso. Afasto as partes do corpo e passo o braço sobre a mesa, limpando o excesso de sangue no chão coberto de plástico para facilitar a limpeza mais tarde.

— E este? — pergunto laconicamente, quebrando o silêncio tenso enquanto tiro a roupa do segundo homem. Ele parece ter mais de setenta anos, coberto de manchas.

— Esse é o juiz.

Pressiono os lábios, sentindo, em vez de ver, sua diversão.

— Você os matou? — pergunto, percebendo que nos nove anos que estive fora, muita coisa poderia ter mudado com Cage.

— Não. Legion cuida disso.

Legion é uma organização clandestina dirigida por um homem esquivo e sem rosto que leva o nome de sua empresa, que emprega assassinos para matar quem eles considerem necessário. Eles têm como alvo específico aqueles que frequentam a dark web e, assim como sua organização irmã, Z, eles perseguem pedófilos.

Enquanto Z se concentra nas redes de tráfico e em operações maiores, a *Legion* foi formada para se concentrar nos peixes menores - os psicopatas que se escondem à vista de todos, enquadrando-se na sociedade como a classe operária ou com seus empregos administrativos corporativos, o tempo todo causando estragos em almas inocentes quando eles batem o ponto.

Porém, Legion os vê como eles realmente são. Lobos em pele de cordeiro. Bestas em pele humana.

Cage fica quieto enquanto aparo o cabelo fino e ralo do juiz, depois removo sua dentadura e os poucos dentes restantes e inicio o Sawzall novamente, desmembrando-o rapidamente. Só que assim que termino de

silenciar a máquina, sua voz rouca e oceânica volta.

— Quando você começou a trabalhar para Legion?

Respiro fundo, agarro dois braços decepados e os levo até o primeiro cercado com Dill e Chili dentro. Dou um olhar irritado para Cage no caminho, mas sua expressão de expectativa não muda.

— Não muito depois de eu voltar. Comprei esta fazenda por capricho. Era barata, isolada e vinha com os porcos. Eu ia me livrar deles, mas então percebi que poderiam ser úteis. *Eu* poderia ser útil.

Os braços voam para dentro do cercado e Dill e Chili não hesitam em atacá-los. Virando, volto para a mesa e agarro duas pernas. Eu as levanto e quando Cage se aproxima de mim como se fosse me ajudar, eu lhe dou um olhar de advertência.

Nunca precisei de um homem para fazer o trabalho pesado para mim antes, e com certeza não preciso agora. Sou mais do que capaz.

Garlic e Paprika são alimentados em seguida, e Cage não tira seu olhar ardente de mim por um único segundo.

Isso me deixa em chamas, como uma febre devastando meu interior. Estou com falta de ar, minhas palmas estão suadas e meus joelhos estão fracos. Eu adoraria fingir que é porque ele me deixa doente, mas meus mamilos duros e a leve vibração entre minhas coxas falam o contrário. Ele segura meu corpo sob seu polegar, pronto para me trair quando minha cabeça exigir controle.

— Eu ainda tinha as informações de contato da Legion e entrei em contato. Disse a ele que queria ajudar a acabar com todos os pedófilos de merda deste planeta e como planejava fazer isso. Ele ficou feliz em atender. — Termina minha explicação encolhendo os ombros, antes de agarrar as duas cabeças decepadas.

Oregano sempre ganha cabeça. Ela é a mãe do grupo - e a maior.

Ele está quieto novamente, parecendo contemplar isso enquanto observa Oregano morder a cabeça do juiz, quebrando-a como uma melancia.

— Quando começou a trabalhar para ele? — pergunto baixinho.

— Não comecei. Ainda possuo minha loja, *Black Portal*. No entanto, Legion é um amigo, então quando ele precisa de ajuda, eu lhe dou uma mão.

Concordo com a cabeça, voltando meu olhar para meus porcos. Eles já

tinham nomes quando os herdei e, quando ouvi pela primeira vez o que eram, pensei que eram estúpidos. Quem dá o nome de tempero a porcos?

Agora, acho-os bastante adequados, considerando as suas dietas. Um pouco de tempero com sua carne humana.

— Moll...

— Você deveria me chamar de Marie. — digo. — É assim que todo mundo me conhece.

Olho para ele, notando sua sobrancelha levantada.

— Todo mundo?

Encolho os ombros. — O balconista da mercearia que me vende vinho, principalmente.

— Sem amigos? Namorado?

Suspiro e agarro o outro par de braços e pernas, jogando-os para a Oregano. Os outros quatro podem dividir os dois torsos.

— Não permito apegos quando ganho dinheiro do jeito que ganho. Mentir para os entes queridos e viver uma vida dupla não me atrai.

— Então, você não tem ninguém. — afirma.

Depois de jogar os torsos nos dois últimos cercados, dou-lhe um olhar mortal, deixando-o ver através das janelas da minha alma, apenas para não encontrar nada lá dentro.

— Ninguém. — repito, então me viro e vou para a estação de limpeza localizada no canto mais distante do celeiro, perto da mesa de metal.

— Legion já pagou por esta noite. Obrigada por deixá-los. — digo por cima do ombro, sinalizando o fim de sua visita. Os porcos estão acabando e prefiro limpar sozinha.

Ou talvez eu apenas prefira *ficar* sozinha.

É uma existência tranquila, mas já faz muito tempo que eu não conheço mais nada.

— Vejo você por aí, Molly. — murmura Cage, com a declaração soando mais como um voto do que um adeus.

Minha garganta apertada, e não alivia até que ouço a porta do carro bater,

o motor ligar e os pneus esmagando o cascalho enquanto ele se afasta.

Meu celular toca, mostrando um número desconhecido e, como sempre, atendo e seguro-o no ouvido, sem dizer uma palavra.

— Está feito?

— Sim.

— Ótimo.

A linha fica muda e, mais uma vez, fico com nada mais do que dentes contundentes mastigando osso.

— Obrigada, Helga. — eu suspiro.

CAPITULO 05

MOLLY

Presente - 2022...

A batida repentina na porta me faz pular de susto, quase jogando o vinho da minha taça no meu rosto e no romance de fantasia de Adeline Reilly que eu estava lendo.

Com o coração batendo forte, olho para a porta da frente com os olhos arregalados, meu cérebro repassando possíveis cenários sobre quem diabos poderia estar na minha porta.

Claro, ele tira primeiro as piores conclusões.

E se for um policial me dizendo que de alguma forma atribuíram o assassinato do meu pai a mim e eu estou presa. Ou que tenham provas de eu ter raptado a Layla. Merda, talvez seja um amigo de Francesca, e eles vieram cobrar o que acham que lhes é devido.

A segunda batida me faz sair dos meus pensamentos em espiral. Coloquei apressadamente meu vinho na mesa de centro, antes de correr para o meu quarto para pegar minha Glock. Nunca precisei usá-la, mas não me importo de ignorar isso.

Seja quem for, vou dar de comer aos meus porcos e ninguém jamais saberá...

Uma terceira batida.

Silenciosamente, tiro meu celular do bolso de trás e clico no feed das minhas câmeras de segurança, encontrando Cage do outro lado da minha porta.

Solto um suspiro alto e abro a porta, olhando para ele com aborrecimento.

Ele levanta uma sobrançelha.

— Não posso dizer que já tenha visto esse olhar antes, quando apareci na porta de uma senhorita. Devo estar perdendo meu charme. — Então, ele aponta a arma na minha mão e a outra sobrançelha se junta à primeira. — Isso *também* é novo. Você vai usar isso em mim, fantasma? Não me importo de me juntar a você na vida após a morte.

— Você quase me matou de susto. — eu respondo. — O que está fazendo aqui?

Já se passou uma semana desde sua primeira entrega e eu não estava preparada para vê-lo novamente até a próxima entrega, que ainda não foi agendada.

Ele levanta a mão e, pela primeira vez, percebo que está segurando um buquê de lírios-tigre, já em um lindo vaso de cristal.

— Venho trazendo presentes. — ele levanta a outra mão e segura um DVD. — E um filme.

Eu hesito, despreparada para ambos os itens. Ele aproveita e passa por mim, desistindo de um convite.

— Que porra é essa. — murmuro baixinho, pasma quando ele tira os

sapatos na entrada, depois entra na minha sala de estar e coloca os lírios-tigre no meio da mesa de centro.

Porém, ele faz uma pausa para dar uma olhada.

Minha casa é acolhedora e aconchegante e recentemente reformada. Tem uma sensação rústica de celeiro, com vigas de madeira marrons no teto, pisos e móveis de madeira desgastados e armários de um verde profundo que complementam meu sofá verde-sálvia e tapetes creme. Não é uma casa grande, mas é perfeita para mim.

— Você está tomando vinho? — Cage pergunta, notando a garrafa aberta e minha taça na mesa. — Minha mãe adora essa merda, ela adoraria você. De qualquer forma, trouxe *O Silêncio dos Inocentes*. Você assistiu?

— Ah, não.

Ele me dá um olhar perplexo por cima do ombro, que rapidamente se transforma em um sorriso diabólico.

— Acho que você vai gostar. É um maldito clássico cult. Achei que você acharia algum prazer nisso, considerando que se trata de comer pessoas.

Franzo a testa. — Você acha que só porque alimento meus porcos com humanos, eu gosto de canibalismo?

Ele encolhe os ombros, colocando o disco no meu DVD player para deixar o filme pronto.

— Gosto de tudo o que você gosta. Tenho a sensação de que esse tipo de filme é ideal para você. Venha sentar. Vou fazer pipoca.

Eu não sento.

Na verdade, fico olhando para ele enquanto caminha até minha cozinha e começa a vasculhar os armários como se fosse o dono do lugar, encontrando uma tigela grande e minha pipoca.

— E se eu não tivesse pipoca? — pergunto, cruzando os braços.

Mais uma vez, ele me olha por cima do ombro. Sua beleza é perversa e odeio o modo como isso faz meu coração palpitar.

— Todo mundo tem pipoca, Molly. — ele diz isso como se fosse óbvio.

E suponho que sim, considerando que tem sido um produto básico em minha casa nos últimos anos.

Ele se move pela cozinha com confiança. Como se estivesse aqui o tempo todo e conhecesse minha casa tanto quanto conhece meu corpo.

Por mais que meu cérebro proteste, meu coração está amolecendo.

Só o conheci por uma noite, mas senti falta dele. Mais do que jamais percebi.

Suspirando, cedo e caminho até o sofá. Instantaneamente, eu pego a taça de vinho, bebendo o resto e esperando que isso acalme o friozinho na barriga.

— Não se preocupe, baby, vou pegar mais vinho também. — ele diz, divertido em seu tom.

Reviro os meus olhos, mas secretamente gosto que ele esteja aqui. Mesmo que eu não estivesse preparada para uma noite de cinema improvisada, a ideia realmente parece muito legal.

Acho que nunca tive um antes. Pelo menos não um onde não estivesse sozinha.

Em pouco tempo, o aroma delicioso de pipoca amanteigada enche a casa, e ele está sentado ao meu lado no sofá com o lanche, uma garrafa de vinho aberta e uma taça extra para si.

Coloco um grão de pipoca na boca e dou um olhar penetrante em sua direção. — Você poderia ter ligado, você sabe.

— Eu não tenho o seu número, no entanto.

Levanto uma sobrancelha. — Está dizendo que não é um homem engenhoso?

Ele me dá um sorriso arrogante. — Não queria te dar a chance de dizer não.

Ele pega o controle remoto e aperta o play antes que eu possa formular uma resposta adequada. Nós dois sabemos que ele está certo e, de uma forma estranha, estou feliz que tenha tirado a opção das minhas mãos.

Eu teria agonizado com a proposta por muito tempo, me convencido a não fazê-la e depois me arrependido.

Enquanto o filme perturbador é reproduzido, comemos a pipoca como se estivéssemos morrendo de fome e bebemos a garrafa inteira de vinho. E como um verdadeiro cavalheiro, ele me deixa comer todos os grãos meio estourados.

Em seguida, ele agarra as minhas pernas e, apoiando-as no colo, massageia meus pés, ao mesmo tempo em que cita versos do filme. O ato é tão impensado, tão genuíno, que lágrimas escorrem dos meus olhos.

Nunca ninguém me trouxe flores, colocou um filme e massageou meus pés. Não é algo que imaginei para mim mesma.

— Por que você veio? — pergunto baixinho depois de cerca de uma hora de filme. Minha cabeça está girando um pouco, mas olho para ele com perfeita clareza.

Ele olha para mim. — Queria passar um tempo com você. Senti a sua falta.

É uma resposta simples, mas o meu coração está subindo pela garganta.

— Obrigada. — sussurro.

Ele se inclina e dá um beijo suave no peito do meu pé, depois volta seu foco para o filme.



Não vou à loja de Cage, *Black Portal*, desde aquele dia, nove anos atrás, desesperada por uma fuga e esperando por Deus encontrar uma em Cage.

Ele forneceu isso para mim, mas não foi a fuga que pensei que precisava.

Agora que estou aqui novamente, vendo-o vender uma TV para um cliente típico, percebo que estou encontrando algo nele.

Já se passaram alguns dias desde a nossa noite de cinema e acho que nunca mandei tantas mensagens para alguém na minha vida.

Ele pediu meu número depois da noite de cinema, prometendo que ligaria antes de aparecer. Relutantemente, dei a ele, mas não esperava que me

mandasse mensagens com tanta frequência. No início, hesitei em responder, mas seu charme era tão viciante por telefone quanto pessoalmente e, por fim, acabei respondendo a ele até que se tornou impensado.

Tem sido superficial – nenhum de nós ousou ir muito fundo. Sei que ele está cheio de perguntas. Desde que cheguei hoje, ele está me olhando com uma curiosidade ardente quando pensa que ainda não estou prestando atenção. Mas não encontrei voz para lhe dizer nada.

Admito que estou com muito medo.

Tenho vergonha do meu passado. Vergonha de desistir de Layla. E com vergonha de ter voltado correndo quando não consegui encontrar a felicidade a milhares de quilômetros de distância dela.

E talvez um pouco envergonhada por não ter tido a coragem de me reconectar com ele antes, o único homem que me fez sentir algo além do terror esmagador.

Estou sentada atrás do balcão, observando-o trabalhar. Ele me convidou para lhe fazer companhia até o final do turno. Mesmo sendo o proprietário, ele tenta cumprir um cronograma junto com os seus funcionários, considerando que são suas habilidades que são necessárias para prestar seus verdadeiros serviços.

— Você é tão inteligente. Não tenho mais ideia de como fazer essas malditas coisas funcionarem, mas meu neto está me pedindo para comprar uma dessas TVs de tela plana para seus videogames. E, bem, farei qualquer coisa por aquela criança. — A mulher mais velha explica, balançando a mão enrugada enquanto fala.

Cage sorri, o que é um motivo de preocupação. Cada vez que ele faz isso, juro que o coração daquela pobre mulher para e um sorriso incontrolável toma conta de seu rosto enrugado.

— Bem, então, quem sou eu para atrapalhar isso? Vou indicar a TV mais econômica que deixará seu coração feliz. Parece bom, não é?

A mulher dá uma risadinha. — Tão gentil da sua parte. Obrigada, jovem.

Eles vão embora, me deixando sozinha com Silas, funcionário de Cage. Nós dois nos entreolhamos e simultaneamente reviramos os olhos.

— É irritante como ele só ficou mais encantador com a idade. — Silas resmunga, afastando o cabelo preto dos olhos igualmente escuros.

Ele próprio é um homem bonito, mas seus olhos tendem a se desviar para pessoas que se parecem muito mais com Cage.

— O que pagar as contas, eu acho. — respondo, embora Silas esteja certo. Ele só se tornou mais enigmático desde a última vez que o vi.

O que é definitivamente irritante.

— Ele nunca superou você, você sabe. — diz Silas, trazendo minha atenção de volta para ele. Quando minhas sobrancelhas se franzem em confusão, ele explica: — Levou cerca de três anos e uma noite de muita bebedeira para admitir que vocês dois dormiram juntos naquela noite. — Seus braços se erguem defensivamente. — Não estou julgando nenhum de vocês. De qualquer forma, ele tagarelou sobre como não conseguiu pensar em mais ninguém desde então. Como todos os dias imaginava você reaparecendo na loja. Acho que, de certa forma, ele está procurando por você desde que você saiu, mesmo que tenha sido ele quem fez você desaparecer.

Meu coração aperta dolorosamente. É um sentimento que entendo.

Muitas noites, questionei se fiz a coisa certa ao me mudar para o Alasca. Eu fantasiaria sobre o que aconteceria se voltasse e explorasse uma vida diferente — uma com Cage.

Se fosse tão bom quanto pensei que poderia ser. Mas sempre me convenci a não fazer isso, convencida de que mudar o curso da minha vida durante uma noite com um homem era totalmente estúpido e presunçoso.

Nunca estive em um relacionamento antes, e certamente não depois, então que porra eu saberia sobre o que é normal sentir depois de uma noite?

— Ele mal me conhecia. — finalmente digo, agarrando-me à única desculpa que tenho para nós dois sempre nos sentirmos atraídos um pelo outro do jeito que somos. Foi apenas uma noite. As pessoas não se apaixonam tão rapidamente e seria uma loucura pensar o contrário.

— Em determinado momento de nossas vidas, não conhecemos nossas almas gêmeas. Mas isso não os torna menos iguais. Às vezes... às vezes você simplesmente sabe.

Franzo a testa, contemplando isso.

Cage reaparece antes que eu possa entender isso, e ele bate as mãos no balcão para chamar nossa atenção.

— Tenho algumas coisas para terminar para um cliente e depois estou pronto para ir. — ele anuncia. Então, aponta o queixo em direção à porta dos

fundos. — Vem comigo?

Sorrindo com força, aceno para Silas antes de segui-lo pela porta dos fundos.

Meu estômago vibra de nervosismo, e cada vez que olho para Cage, percebo cada vez mais que talvez seja mais do que apenas um homem com quem dormi uma vez.

E isso é totalmente aterrorizante.

Durante a hora seguinte, observo-o trabalhar. Ele está elaborando uma nova carteira de motorista para um cliente que agora residirá no Maine. *Black Portal* é apenas uma fachada, mas seu verdadeiro trabalho é fazer as pessoas desaparecerem e reaparecerem com uma identidade totalmente nova. Novo nome, cartão de previdência social, certidão de nascimento e estado de residência.

Assim como ele fez por mim.

É fascinante ver o que ele faz para legitimar sua nova vida e fazer parece tão real quanto qualquer outra pessoa.

— Por que esse cliente está desaparecendo? — pergunto finalmente, quando está quase terminando.

Ele vira os olhos para mim. — Ele matou o estuprador e assassino de sua filha. Ele está em liberdade sob fiança, mas seu advogado está confiante de que ele ainda cumprirá pena de vinte e cinco anos de prisão perpétua por seu crime.

Mordo meu lábio. — Você está salvando a vida dele.

Cage encolhe os ombros. — Só estou garantindo que ele tenha um. Isso é tudo.

Ele desliga o computador e se vira para mim na cadeira.

— Vamos pegar um pouco de comida, certo? Conheço uma ótima pizzaria. Eles fazem a melhor cerveja que já tomei.

Franzo meu nariz. — Sou alérgica a cerveja.

Seus olhos se arregalam e ele parece quase devastado, o que atrai um sorriso aos meus lábios.

— Sinto muito por você. Eles oferecem alguns coquetéis diferentes.

Encolho os ombros. — Só estou aqui pela pizza. Pode agradecer a si mesmo por essa obsessão.

Ele sorri, com seus olhos brilhando. — Gostaria de pensar que sou responsável por algumas obsessões, mas claro, começaremos com a pizza.

Minhas bochechas queimam, sua implicação é óbvia. Ele está insinuando que seu pau seria outra, e foda-se ele por estar certo.

Seu sorriso malicioso amplia. — Vamos, fantasma. Vamos encher essa boquinha linda.

Minha boca abre, e ele agarra minha mão, me puxando atrás dele enquanto ri.

Que idiota.

Ele tem sorte de ser muito legal.

CAPITULO 06

MOLLY

Quatorze anos atrás - 2008...

O suor encharca minhas roupas, meus cachos ficam grudados na nuca, enquanto tropeço em outro galho caído. Suspiro, mal me apoiando em uma árvore próxima.

O sol nasceu, se pôs e nasceu pela segunda vez. Mais de vinte e quatro horas se passaram desde que fugi da casa de Francesca. Muitas horas para ficar exposta ao calor de meados de Junho, embora pelo menos a sombra das árvores oferecesse alguma proteção contra a luz solar direta.

Não preciso de espelho para saber que meu rosto está queimado de sol e vermelho como um tomate. Porém, cheguei até aqui, posso ir só mais um pouco.

Qualquer coisa por Layla.

Vou arriscar tudo por ela, desde que esteja com ela.

Ao longe, há uma brecha entre as árvores por onde uma estrutura espreita. Meu coração sobrecarregado para no peito e, por vários momentos, não consigo respirar. Não consigo nem piscar.

Estou com medo de que, se eu fizer isso, isso desapareça, sendo apenas uma invenção da minha imaginação.

Se for apenas uma ilusão – algo que meu cérebro criou para me proteger da minha dura realidade – acho que vou me deixar queimar até a morte, só para que, quando me transformar em cinzas, não haja mais nada para recompor.

Esse mesmo medo me impulsiona para frente, com meus pés tropeçando no chão mais uma vez, embora não por causa das árvores que perderam a casca, mas por puro desespero.

Minha visão fica embaçada com lágrimas e meu nariz queima devido ao esforço para mantê-las sob controle. Não posso perdê-la agora. Não quando estou tão perto de encontrar Layla novamente.

O cemitério de galhos tortos e folhas verdes dá lugar a um céu azul e ensolarado, mostrando um subúrbio tranquilo de casas abaixo.

Meus lábios se abrem e um suspiro abafado escapa pela pele rachada. Mais uma vez, estou correndo, desta vez em direção à casa mais próxima. É pitoresca e bege, com venezianas marrons recém-pintadas. O tipo de casa que abriga uma família feliz, do tipo com cerca branca, em seu abraço caloroso.

No jardim da frente está um homem cortando a grama, resmungando baixo sob o som alto da máquina. Ele parece ter cerca de quarenta anos, com pele morena escura e uma espessa barba grisalha. O suor brilha em sua cabeça careca e cobre sua camiseta enquanto ele corta a grama sob o sol quente.

— Socorro! — grito, embora a única sílaba se estilhace ao ser forçada

através de uma garganta forrada de cascalho afiado.

Sua cabeça se levanta, revelando um olhar assustado, com os seus olhos se arregalando ainda mais quando me vê correndo em sua direção.

— Socorro! — repito. — Fui sequestrada, preciso de ajuda!

Ele rapidamente desliga o cortador, e o silêncio repentino amplifica meus gritos desesperados. Quase escorrego, as solas gastas dos meus sapatos não ganham mais tração na grama alta como acontecia no chão da floresta.

Ele levanta as mãos – para me parar ou me segurar, não tenho certeza – mas me jogo nelas mesmo assim. Ele agarra meu bíceps e, embora esteja surpreso, seu aperto é firme.

Um soluço sai da minha garganta, e outro pedido sufocado por ajuda segue o exemplo.

— Por favor, me ajude. Por favor, por favor!

— Ei, ei, está tudo bem, você está segura. Vamos... merda, Latoya! – ele gagueja, terminando com um chamado desesperado para quem presumo ser sua esposa.

— Você está segura agora, está tudo bem... Latoya! Latoya, venha aqui!

Uma porta range e uma voz suave pergunta: — O que está acontecendo? Quem é essa? – A urgência mancha as últimas notas de sua segunda pergunta, e ouço os passos rápidos dela vindo em minha direção.

— Ela... ela simplesmente saiu correndo da floresta pedindo ajuda. – ele explica, com suas palavras confusas.

— Fui sequestrada. – grito em meio a outro soluço, com o meu rosto firmemente pressionado no peito do homem. Ele cheira a pinho e couro, e é uma mudança tão agradável em relação ao odor corporal e aos cigarros que só me faz me aprofundar mais em seu abraço.

— Ah meu Deus, querido, vamos levá-la para dentro. Ela parece desidratada! – A pele macia e quente envolve minha mão, despertando os nervos. — Ei, querida, você está bem. Entre. – ela pede gentilmente.

Deixei que ela me afastasse do marido, apenas para ser recebida com os olhos castanho chocolate mais calorosos que já vi. Cachos pretos curtos e sedosos ondulam em torno de sua pele marrom profunda, e ela me encara como uma mãe preocupada com uma filha.

— Ah, você também está queimada de sol! Vamos, querida, vamos lá se acalmar um pouco. — Seu olhar se eleva acima da minha cabeça. — Querido, chame a polícia. Tenho certeza de que ela tem uma família que está muito preocupada.

Não tenho coragem de dizer a ela que a única família que tenho é jovem demais para entender meu desaparecimento.

O oxigênio sai dos meus pulmões enquanto ela me leva para dentro, com o ar frio irradiando de dentro é quase um choque para o meu sistema. Meus dentes batem quando sou levada diretamente para uma linda sala de estar, embora não sinta nada além de alívio.

— Sente-se aqui enquanto esperamos, querida. Vou pegar um pouco de aloe vera e limonada fresca. — Latoya instrui gentilmente.

De forma rígida, me jogo em um sofá cinza macio. Complementa com as paredes bege e os detalhes florais rosa e marrons colocados ao redor da área. Um brilho amarelo suave emana de uma luminária alta colocada no canto à minha direita, que fica ao lado de uma lareira de mogno, com uma TV de tela plana montada acima.

Latoya volta um minuto depois com um frasco de babosa. Gentilmente, ela aplica um pouco em minhas bochechas e nariz. O carinho maternal que irradia dela faz com que lágrimas formem no fundo dos meus olhos.

— Aí está. — ela sussurra afetuosamente. — Agora espere, já volto.

Ela corre para onde presumo que seja a cozinha, enquanto o marido entra pela porta da frente. Ele faz uma pausa quando me vê e seus olhos castanhos suavizam.

— Você parece estar cansada, minha querida. — ele comenta. — A polícia está a caminho. Precisa de alguma coisa enquanto esperamos?

Balanço a cabeça, me sentindo péssima por ter invadido a vida deles de uma maneira tão horrível, mas tão aliviada por eles terem permitido.

— Qual é o seu nome, querida? — ele pergunta, sentando-se no sofá correspondente à minha frente.

— Molly.

— É um nome bonito, Molly. Você pode me chamar de Devin. Quantos anos você tem?

— Vinte.

Minhas respostas são robóticas, e agora que estou... *segura*, não consigo sentir nada. Nada disso parece real. É uma experiência extracorpórea e, embora eu possa ouvir e ver tudo ao meu redor, não consigo processar nada disso.

Minha frequência cardíaca acelera enquanto Devin continua a me encher de perguntas. A escuridão escapa pelos limites da minha visão e começo a me perguntar se isso é uma boa ideia.

E se Rocco aparecer e machucar Devin e Latoya? Isso me tornaria responsável por suas mortes?

Imagens de Latoya e Devin deitados em poças de sangue passam pela minha cabeça, com os olhos abertos e sem vida. Mortes sem sentido. E é tudo culpa minha.

Não deveria estar aqui.

Vou matá-los.

Meus joelhos estalam com a rapidez com que fico de pé. — E... eu tenho que ir. — gaguejo, sentindo meu pulso vibrar descontroladamente na garganta.

Devin lentamente se levanta, levantando as mãos em um gesto apaziguador.

— Ei, ei, você está segura agora, Molly.

Posso estar segura com eles, mas eles não estão seguros comigo.

— Eu simplesmente não posso ficar aqui. Eles vão me procurar e não quero que você e sua esposa se machuquem.

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas. — A polí...

Corro para a porta, quase esbarrando em Latoya, que está carregando um copo cheio de limonada. Ela ofega e cambaleia para fora do caminho, com gelo e líquido escorrendo pela borda e caindo em sua mão.

— Desculpe! Tenho que ir antes que eles me encontrem. Obrigada pela sua ajuda!

Latoya abre a boca, mas estou abrindo a porta da frente e correndo para fora de casa antes que ela consiga emitir um som.

Minha cabeça está girando para a esquerda e para a direita, encontrando a rua vazia, mas convencida de que Rocco e seus homens estão aqui,

espreitando, fora de vista e esperando o momento certo para atacar.

A adrenalina está inundando meu sistema, enviando níveis perigosos de toxinas para minha corrente sanguínea. Não sinto mais o calor, apenas o pânico absoluto de que vou correr de volta para as mãos dos meus captores.

Saio correndo da varanda da frente, com a voz preocupada de Latoya me chamando enquanto desço a rua.

Deve haver uma rodoviária por aqui em algum lugar, certo? Não tenho ideia de onde estamos - nem pensei em perguntar. Mas não parece que ainda estou em Montana com a vista diferente das montanhas.

Corro pela rua, mantendo-me nos quintais das casas para ficar fora de vista. Em um minuto, há um carro da polícia virando uma esquina, provavelmente indo para a casa de Latoya e Devin.

Me escondendo atrás de um playground, espero que ele passe antes de sair correndo novamente. Depois de correr mais alguns metros, avisto uma criança brincando do lado de fora, com os pais fora de vista. Ele parece ter cerca de nove ou dez anos, vestindo bermuda e regata, chutando uma bola de futebol. Sua pele pálida está corada pelo calor, deixando todas as suas bochechas e nariz vermelhos.

Ele me olha fixamente enquanto me esgueiro até ele, mantendo os meus pés leves como se Rocco fosse capaz de me ouvir de onde quer que ele estivesse.

— Ei, garoto. Que estado é esse? — sussurro, olhando para a casa dele, onde uma porta de vidro deslizante está diretamente à vista.

— Oregon. — ele responde casualmente, com a curiosidade despertada em seus olhos azuis cristalinos.

Mordo o lábio, não gostando de quanto longe de casa estou. Acho que poderia ser muito pior.

— Você sabe onde fica uma estação de ônibus?

Ele balança a cabeça. — Posso perguntar ao meu pai.

— Não! — sussurro e grito assim que ele dá um passo em direção a sua casa. Ele faz uma pausa, um pouco assustado, mas ainda curioso.

— Desculpe. Hum, você saberia onde fica o centro da cidade? — pergunto, com minha paranoia ficando mais forte a cada segundo que passa.

E se Rocco me encontrar com esse garoto? Eles provavelmente o

levariam também, e seria tudo culpa minha.

Preciso sair daqui.

Ele levanta o queixo enquanto pensa, mostrando falhas e dois dentes frontais de tamanhos diferentes. Seus lábios estão vermelhos, como se ele tivesse tomado suco de cereja.

Apresse-se. Sua vida está em jogo!

— Acho que você vai por ali... — ele estende o braço para trás, apontando para frente de mim. — E então você verá um McDonald's, e acho que fica no centro da cidade.

Ele termina suas instruções de merda com um encolher de ombros, olhando para mim com uma expressão de *fui bem?*

Pressiono meus lábios firmemente. Não estou muito melhor, mas pelo menos sei que estou indo na direção certa.

— Obrigada, garoto. — Dou um tapinha em sua cabeça e corro novamente. — Ah, e não fale com estranhos! — grito atrás de mim.

— Mas você é uma estranha. — ele responde em voz alta.

E eu facilmente poderia ter matado você.

Não digo isso, longe demais para contar a ele sobre os horrores deste mundo maligno. A única coisa que posso fazer é esperar que os pais dele o protejam disso, ao contrário dos meus.

Porque, os meus... os meus foram aqueles que me venderam para Francesca.

E prefiro morrer se permitir que façam o mesmo com Layla.

CAPÍTULO 07

CAGE

Presente - 2022...

Meu pé esquerdo bate no apoio para os pés enquanto dirijo pela longa estrada de cascalho que leva à casa de Molly. Ou acho que é a casa de *Marie*, embora nunca poderei chamá-la assim. Molly foi o nome que gemi repetidamente quando estava dentro dela, nove longos anos atrás. E é o nome que ainda volta para me assombrar nas minhas horas mais solitárias.

— Você poderia ter me avisado. — resmungo ao telefone. Estou ligando para o filho da puta desde a primeira entrega na casa da Molly e, coincidentemente, ele está ocupado.

— Esse foi meu erro. — diz Legion, com sua voz tão profunda e sem tom como sempre é. — Eu não tinha percebido que você formou uma ligação com ela.

Idiota. Isso foi definitivamente uma piada.

— Então por que não disse a ela que eu estava vindo? Ela pareceu surpresa.

— Eu deveria ter feito isso. — ele admite. — Avisei a ela que um bom amigo meu estava indo no lugar de Eli até que ele se recuperasse, e que você era confiável. Ela confia em mim, então não parece preocupada com o seu nome.

Suspiro. — Por que você não me disse que ela voltou?

Estou furioso por ele não ter feito isso. Não porque ela reverteu tudo o que fiz para mantê-la escondida e segura. Não, é porque ela voltou, ao meu alcance, e eu nunca soube, porra. Ela não me deve nada. Exceto que há uma pequena parte do meu ego que esperava que ela quisesse me ver novamente. O fato de ela não ter feito isso só me faz querer provar o quanto errada ela está por se sentir assim. E o problema é que não sei se ela vai me deixar ficar com ela, mas sei que isso não vai me impedir.

Nada disso tem a ver com Legion. Na verdade. Ele pode contratá-la,

mas quem ela era antes não lhe interessa muito. A única coisa que ele faz para seu negócio é quem são seus funcionários agora.

— Não sabia que era obrigado a fazer isso. — ele responde secamente.

Resmungo baixinho. — Por que ela fez isso?

Ele suspira. — Se bem me lembro, ela tem uma irmã que foi dada para adoção antes de ela partir. Presumo que os motivos dela para retornar a Montana possam ter algo a ver com isso. — diz Legion.

Exalo lentamente. Só tive uma noite com ela. E é certo que não conversamos muito. Embora eu soubesse pelas notícias depois que ela desapareceu, que ela tinha uma irmã muito mais nova. Layla, acho que era o seu nome.

Então, se Molly está disposta a voltar para o lugar que lhe causou tanta angústia, então só pode ser por alguém tão importante quanto Layla.

— Você sabe onde a irmã dela está agora?

— Sim. — ele responde brevemente.

Eu espero, mas ele não dá mais detalhes.

— Legion. — resmungo, com minha paciência diminuindo.

— Preciso me preocupar com o que fará com esse conhecimento?

— Não.

Ele fica em silêncio por um momento, mas sei que ganhei quando ouço sua exalação exasperada.

— Ela tem quinze anos agora e mora com uma família boa e rica. E não se deve mexer com isso, Cage.

Eu ficaria feliz em sequestrá-la se fosse isso que Molly pedisse, mas guardo isso para mim. Obviamente, Legion acharia isso preocupante.

— Estamos claros. — eu interrompo. — Obrigado, cara. Informarei quando a entrega estiver concluída.

Jogo meu celular no banco do passageiro, soltando outro suspiro alto. Há um desejo inegável de saber tudo sobre Molly. Por que Layla foi entregue para adoção? E Molly voltou porque quer a irmã de volta? Ou estar por perto quando ela completar dezoito anos?

A obsessão é familiar.

É semelhante ao que senti quando ela foi sequestrada pela primeira vez. A intriga de seu desaparecimento e o que aconteceu com ela – fiquei incrivelmente paralisado com o caso dela.

A garota que não apenas desapareceu do nada, mas parecia ter enlouquecido de antemão.

A filmagem a mostrou entrando no posto de gasolina e, cinco minutos depois, ela estava fugindo de algo que as câmeras de segurança não conseguiam ver. Jogando coisas no chão, claramente em perigo, destruindo totalmente o lugar. E então parecendo se acalmar, como se alguém a tivesse forçado a isso.

O que foi mais perturbador foi que as câmeras não a viram sair do posto de gasolina. O mesmo acontece com aqueles do lado de fora da saída dos fundos – aquela porta nunca se abriu e ela nunca foi vista saindo.

Às 21h02, ela se despediu do homem atrás do balcão, saiu de cena em direção à porta dos fundos e foi a última vez que o mundo viu Molly.

Foi crucial e fiquei fascinado.

Mas esta obsessão que sinto agora ainda não é a mesma. Não, foi *exatamente* o que senti quando a conheci. Eu a *tive*.

A garota de olhos assombrados e carranca perpétua, que carregava uma tristeza tão profunda que alterava permanentemente o formato de seus lábios.

Passei a noite traçando minha língua ao longo de seus lábios até remodelar sua boca para caber na minha. Porque enquanto estivesse dentro dela, sua tristeza seria impotente contra minha obsessão. E não haveria parte dela que não fosse feita justamente para mim.

Paro na fazenda dela e vejo a luz que emana da mesma janela solitária da casa dela. Já se passou uma semana desde a última vez que a vi, e estou me impedindo de aparecer na casa dela sem ser convidado novamente.

Eu me pergunto se aquela luz está brilhando no quarto dela. Agora, não consigo desviar o olhar sem primeiro imaginar a silhueta de seu corpo nu, sombreado atrás do vidro. A curva de seus seios empinados, grandes o suficiente para encher minhas mãos, e aqueles mamilos rosados e pálidos dos quais eu mal conseguia tirar a boca naquela noite. O volume de sua bunda empinada, antes de se curvar naquelas coxas macias.

Porra.

Meu pau está pressionando dolorosamente contra o zíper, e estou tentando a abrir o zíper e me masturbar com a fantasia. Isso não é tão gráfico quanto poderia ser, mas parte de mim não quer adivinhar como é seu corpo maduro agora. Principalmente porque já me convenci de que descobrirei em breve e quero acolhê-la sem quaisquer noções preconcebidas.

Pode ser a única coisa boa de não vê-la há quase uma década. Vou experimentá-la pela primeira vez novamente.

Enfiando a mão no bolso, tiro minha embalagem de chicletes de nicotina e coloco um na boca, precisando do efeito para relaxar meus nervos. Então, saio do carro no momento em que ela emerge das profundezas do celeiro.

Ela olha para mim com cautela, seu olhar percorrendo pela minha forma e depois voltando para cima.

— Quantos?

— Só um esta noite.

Sem dizer uma palavra, ela vira e desaparece dentro do celeiro.

Meu coração está batendo forte e nem sei mais por quê. A expectativa se acumulou entre as fendas dos meus ossos, como se eu estivesse me preparando para cometer o pior dos meus crimes.

Talvez eu esteja. No entanto, não consigo me importar com isso.

Assim como da última vez, tiro o cadáver do porta-malas e carrego a mulher morta para o celeiro de Molly. Ela está vestindo seu traje de proteção enquanto deixo cair o corpo na mesa de metal.

O silêncio é intenso e repleto de correntes elétricas. Se eu lambesse meu polegar e o levantasse, exerceria um raio em questão de segundos. As maneiras pelas quais eu usaria isso a meu favor...

O som alto da máquina de cortar cabelo arranca meus pensamentos da sordidez e os coloca nas mãos da mulher que corta o cabelo de outra pessoa, preparando-se para desmembrá-la. Ela já despiu a mulher e eu nem tinha percebido.

Eu a observo, fascinado, e me lembro da garota de 25 anos que entrou na minha loja de TV, pedindo ajuda com os ombros curvados para dentro e os olhos observando por cima do ombro a cada passo. Até este momento, uma mulher tão calma e firme que parece segura de si. É um contraste tão grande com a versão dela que conheci que estou quase espumando pela boca para

saber quem ela é agora.

Ela termina de raspar a cabeça da mulher e depois extrai os dentes rápido e meticulosamente – tão suavemente que apenas mostra a sua experiência.

E quando ela começa a serrar a cabeça do cadáver, não posso deixar de sentir meu fascínio por seu conhecimento.

Não é de surpreender que considero atraente seu conjunto de habilidades em desmembrar uma pessoa.

— O que ela fez? – ela pergunta depois de terminar de remover a cabeça.

— Ela vendeu a filha para o namorado. Ele pagaria pelo vício das drogas com o corpo da filha dela.

Ela faz uma pausa, com a lâmina vibratória a alguns centímetros da perna da mulher. Ela segura a ferramenta até que suas luvas de borracha rangem com a força de seu aperto, e quando continua paralisada, minhas sobrancelhas franzem, com a preocupação surgindo.

— Molly.

Ela dá um pulo, só um pouquinho, e depois se apressa para continuar removendo a perna da mulher na altura do quadril.

— Onde está o namorado? – ela pergunta, com seu tom rígido.

— Com Legion. Tenho certeza de que entregarei seu corpo em breve.

Ela acena com a cabeça, passando para a segunda perna.

— E a garota?

— Provavelmente em um local com o Z.

Sua cabeça vira apenas o suficiente para me dar uma ideia de suas maçãs do rosto salientes e lábios carnudos. A vermelhidão mancha sua pele pálida, escurecendo as leves sardas em suas bochechas.

— Descubra para mim? – ela pede baixinho.

Algo na situação da jovem tocou Molly, o que apenas acende ainda mais a curiosidade ardente de saber mais sobre seu passado.

— Posso fazer isso. – eu prometo, satisfazendo-a o suficiente para que

retome sua maldita tarefa.

Os porcos atrás de mim estão criando uma confusão, com o cheiro de sangue os deixando excitados.

— Existe uma razão pela qual você quer que eu a investigue? — pergunto, desesperado por uma migalha.

Ela não responde. Não até que termine de remover completamente os membros do torso da mulher.

— Não importa. Eu só gostaria de saber que ela está segura.

Ela está evitando minha pergunta, me mantendo no escuro, o que apenas desperta o demônio que se esconde dentro da minha alma. Uma fera que não gosta de ser mantida na escuridão que não pode manipular.

Já sinto a escuridão se espalhando pelo meu sistema e meus dedos estalam com a força com que os aperto.

A ideia de alguém machucá-la, especialmente se for da mesma forma que aquela menininha foi machucada, facilmente me transformará em um monstro sanguinário. O pior é que sei que ela se machucou. Eu *sei* que quem a sequestrou não a levou para um lugar que respeitasse o seu corpo.

Ela pode já ter se livrado deles. Mas se não, eu adoraria matá-los eu mesmo.

— Molly. — eu aviso, com meu tom se intensificando com raiva.

Ela paralisa, assim como fez quando contei pela primeira vez os crimes da mulher contra sua filha.

— A mesma coisa aconteceu com você? — pergunto com ousadia.

Minha obsessão não vai deixá-la escapar de não me contar cada pequeno detalhe sobre sua vida. Sobre seu passado e todos os motivos pelos quais fugiu para o Alasca, e os motivos pelos quais decidiu voltar e ganhar a vida alimentando seus porcos com pedófilos.

Já adiei por tempo suficiente e me recuso a conter as questões candentes por mais tempo.

— Não importa, Cage. — ela responde, arrancando os óculos de proteção do rosto e jogando-os sobre a mesa. As marcas de dentes sob seus olhos são destacadas pela vermelhidão de sua pele.

Uma prova dos horrores aos quais ela sobreviveu.

Ela não olha para mim enquanto pega a cabeça decepada e vai até o cercado com um porco monstruoso dentro e quase a joga dentro.

O porco não perde tempo e abre o crânio. Estou parado ao lado do cercado, então me afasto alguns metros para evitar o jato de sangue enquanto Molly marcha furiosamente de volta para a mesa. Observo-a em silêncio enquanto repete o processo com o tronco e ambas as pernas.

Já perdi a paciência quando ela pega um dos braços da mesa quase vazia e volta na minha direção, preparando-se para jogá-lo em um dos cercados. Agarro seu biceps antes dela jogar. Seja por instinto ou porque ela gosta de bater nas pessoas com membros sobressalentes quando está furiosa, seu braço se estica e o braço ensanguentado vem girando em direção à minha cabeça.

Saio do caminho, embora não seja poupado do sangue respingando em meu rosto. Agarro seu pulso, encontrando seu olhar abrasador.

— Eu disse algo que irritou você, minha fantasma? — pergunto maliciosamente.

Ela resmunga e puxa o braço, sem conseguir arrancá-lo do meu aperto.

Ela parece querer fugir de novo, olhando para mim como um animal encurralado. Seu modo de fuga está ativado e não tenho nenhum escrúpulo em caçá-la.

— Você não tem direito! — ela grita, ofegante enquanto olha para mim. — Você não pode voltar para minha vida e começar a exigir coisas de mim. A única coisa que pode fazer é me trazer comida de porco e depois *ir embora*.

O fogo em seus olhos verdes é cativante. Porra, estou tão encantado.

— Você é de tirar o fôlego. — murmuro.

Ela pisca para mim, surpresa e sem palavras por vários segundos.

— O... o que? Por que você diria isso?

Porque olhar nos olhos dela era a única coisa que eu precisava, para me convencer de que ela é tudo que vou querer enquanto o oxigênio invadir meus pulmões. Eu sabia disso profundamente no dia em que a conheci. Mesmo naquela época, minha alma imediatamente reconheceu a dela como a outra metade.

— Porque eu te contaria qualquer coisa. — respondo. — Não há uma única coisa que eu possa esconder de você. Especialmente quando você está

tão linda.

Sua mão afrouxa, com o choque estampado em cada centímetro de seu rosto etéreo.

Aproveito e tiro o braço decepado da sua mão. Então, jogo-o no celeiro e em um dos chiqueiros.

Ela olha para o lado, aparentemente tentando se recompor.

— Você vai encontrar cada gota de sangue que passou pelo plástico e limpá-lo. Esta é uma cena de crime ativa que nunca poderá parecer uma quando terminarem de comer.

Eu sorrio, e seu olhar se fixa em minha boca, com seus próprios lábios se abrindo inconscientemente.

— Isso deve significar que não tenho permissão para sair ainda. — digo lentamente.

Ela franze o nariz em desgosto com o meu comentário, depois tenta retirar o pulso do meu aperto novamente. Eu não a libero — *não vou* liberá-la. Segurá-la é muito viciante e ainda não tive o suficiente.

— Me solta, Cage. — ela exige sem fôlego, puxando seu braço com mais insistência.

— Já fiz isso uma vez — digo, puxando-a para o meu peito com força. Seu suspiro percorre meu peito, deixando o músculo interno em chamas. Abaixo minha boca até sua orelha, evocando um arrepio que toma conta de todo o seu corpo. — Não vou fazer isso de novo.

— Cage. — ela grita, mesmo quando meus lábios já estão traçando a parte externa macia de sua orelha, onde um delicado piercing de ouro está perfurado. A pele dela está imaculada de sangue aqui, e pretendo tirar vantagem disso. Deslizo minha língua contra o metal e outro som impotente sai de sua garganta.

E é isso que a torna tão excitante. Ela *não* está indefesa, mas eu com certeza gosto quando ela faz o papel.

— Não podemos fazer isso. — ela insiste, com palavras suaves e sem convicção.

— Isso também não? — pergunto antes de pegar o piercing entre os dentes e chupá-lo suavemente.

Sua outra mão voa para meu peito, com sua luva ensanguentada

cobrindo minha camisa em vermelho.

Recoo apenas o suficiente para sussurrar: — Agora vamos precisar queimar isso.

Ela engole em seco, com o som audível, mas baixo.

Parece que ela leva um segundo para se recompor, e então ela está resmungando: — Então tire isso.

Eu a avalio de perto para garantir que não está brincando comigo, mas ela mantém o olhar fixo na marca sangrenta da mão sobre meu coração. Ela pode estar mentindo, planejando fugir assim que eu a soltar.

Decidindo que não me importaria com a perseguição, solto meus dedos de seu pulso, um dedo de cada vez.

Seu peito arfa e meu pau pressiona contra o zíper, imaginando o quanto duros seus mamilos devem estar sob o traje. Pretendo descobrir.

Observando-a de perto, retiro lentamente minha jaqueta de couro, tendo visão suficiente para jogá-la longe do sangue. Então, agarro a parte de trás da gola e puxo o tecido macio sobre a cabeça.

Imediatamente, seu olhar ardente cai sobre meu peito nu, depois sobre meu abdômen, traçando cada músculo pelo qual trabalhei duro. A indústria em que trabalho não permite músculos fracos e pouca força. Os criminosos são meus clientes e, a qualquer momento, posso ter que me defender. Houve muitas vezes em que *tive* que fazer isso.

Sua língua sai, molhando o lábio inferior enquanto ela dissecava cada centímetro da minha carne exposta.

— Não... — ela lambe os lábios novamente, desta vez nervosamente. — Não me lembro de você ter tantos músculos antes.

Levanto uma sobrancelha. — Baby, eu tinha vinte e sete anos da última vez que me viu sem camisa. Muita coisa mudou desde então.

— Certo. — ela murmura, mais uma vez distraída pela vista.

Diminuo o espaço entre nós, mordendo o lábio para conter meu sorriso diabólico enquanto sua respiração falha em sua garganta.

— Quero que me mostre o que mudou com você, mas também quero ver o que continua igual. — Sua próxima respiração é audível. — Aquele ponto entre seus seios ainda fica vermelho quando você goza?

Eu me aproximo dela, instigando ao pressionar meu peito contra o dela e inalar seu aroma doce de baunilha e canela. Mistura-se ao cheiro inconfundível de cobre, que só serve para torná-la mais atraente.

Molly está pintada de sangue e quero que me cubra com isso também.

Ela cambaleia, com um pequeno gemido alcançando meus ouvidos. Não nasce do medo ou da fraqueza, mas de uma mulher superada pelas suas emoções.

Antes que ela possa pensar demais em todos os motivos pelos quais isso é uma má ideia, agarro o zíper na altura de seu pescoço e puxo para baixo, os dentes contundentes são o único fundo para sua respiração ofegante.

O tecido se separa para revelar seios arfantes cobertos por uma regata fina e branca. Ela encolhe os ombros, com as luvas enormes caindo sem esforço junto com o traje amarelo. Em seguida, cai completamente pelas pernas, revelando minúsculos shorts pretos e pernas longas e tonificadas.

Ela é alta, tem pelo menos 1,75m e tem as curvas mais deliciosas. Ela é perfeita para mim. Cada pequena característica dela foi projetada apenas para mim.

Mordendo o lábio inferior, ela tira o traje, junto com as botas pretas de borracha, e as chuta para o lado.

Descalça e indefesa, ainda assim ela parece uma assassina treinada, e sei que suas armas mais valiosas são as mãos.

Ela é *linda* pra caralho.

Um forte estrondo vindo dos cercados perturba o silêncio tenso, fazendo Molly se assustar. Os porcos estão exigindo ser alimentados novamente.

— Estamos todos com fome, baby. Quem vai alimentar primeiro? — pergunto maliciosamente antes de deslizar minha língua pelo meu lábio inferior.

Estou tão *faminto*.

Ela não tira o olhar desafiador enquanto se afasta deliberadamente em direção à mesa de metal. Posso sentir o quanto predatório meu olhar é, mas o rubor subindo até suas bochechas indica que ela não se importa em ser minha presa.

Ela pega a última parte restante do corpo da mesa – outro braço. Em

seguida, ela caminha até um dos cercados onde dois porcos aguardam ansiosamente o resto da refeição. Os outros ainda estão comendo o tronco e as pernas.

Mantendo contato visual, ela estende o braço e o deixa cair, com o sangue espirrando no feno enquanto eles o despedaçam.

Ando em direção a ela, com o meu próprio sangue esquentando enquanto ela morde o lábio inferior e suas mãos começam a se mexer.

— Sabe, seus animais de estimação iriam despedaçá-la em segundos com toda aquela energia nervosa. — eu comento, com a diversão tingindo meu tom.

Ela estreita os olhos. — Então é uma sorte eu saber como me defender.

Sorrio, o ato é tão diabólico quanto minhas intenções.

Eu a rodeio, deslizando meu peito contra suas costas enquanto me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Você deve ser assustadora.

— E sou. — ela insiste, embora sua voz esteja sem fôlego e outro tremor desça por sua espinha.

Gemo, estendendo a mão para colocar um cacho solto atrás da orelha dela.

Mais uma vez, ela estremece.

— Então me mostre, minha fantasminha.

CAPITULO 08

MOLLY

Presente - 2022...

Tenho uma visão limitada.

Há só um feixe de luz, a pequena fenda fica embaçada enquanto processo suas palavras desafiadoras.

Então me mostre.

Mostre a ele anos e anos de prática que nunca utilizei porque me recusei a me colocar em uma situação em que *fosse* necessário. No entanto, aqui estou.

Um homem perigoso atrás de mim exigindo ver do que sou feita. A resposta honesta é trauma, tristeza e cicatrizes que não suporto olhar. Mas ainda as sinto.

Assim como faço com o predador respirando no meu pescoço.

Espero alguns momentos, cada segundo marcando meu pulso, e então torço a cintura e mando meu cotovelo em direção à boca dele.

Ele recua e só consigo acertá-lo, mas isso foi apenas uma distração. Antes que ele possa se preparar para qualquer outra coisa, meu calcanhar bate em seu pé, fazendo-o cambalear. Então, estou avançando sobre ele, mantendo meus pés leves enquanto o golpeio estrategicamente em sucessão, com o objetivo de manter sua atenção em minhas mãos e acalmá-lo em um padrão.

Mando meus punhos em direção a sua cabeça, que ele bloqueia, mas meu pé já está preso em seu tornozelo, e no segundo seguinte, suas pernas estão no ar quando ele bate de costas.

Estou montando nele antes que ele possa processar isso, e um gemido sai de sua boca. Mas ele se recupera rapidamente, me jogando sobre a cobertura plástica antes que eu possa piscar.

Uma respiração me escapa e levanto minhas pernas até que meu cóccix seja levantado, envolvendo minhas pernas em volta de sua cabeça para mantê-lo na distância de um braço.

Aperto minhas coxas com força e ele curva os lábios em um sorriso lascivo.

— Não posso dizer que estou bravo com esse desenvolvimento. — ele diz.

Antes que eu possa responder, ele agarra meus lados e aperta, atingindo um ponto delicado que me faz pular e soltar as coxas. Ele faz um trabalho rápido de soltar a cabeça e me virar de bruços.

Consigo ficar de joelhos antes que ele passe o braço pela minha garganta e segure minhas costas contra sua frente com força. Sua outra mão desliza sensualmente pela minha barriga, parando perto dos meus seios. Embora isso não impeça minha boceta de apertar em ansiedade, procurando algo para preenchê-la.

— Você está tão tensa, baby. Precisa de mim para ajudar a relaxar você? — ele instiga, com sua voz rouca, perversa e áspera, enviando um tsunami de arrepios pela minha espinha.

Ofegante, continuo, com o meu cérebro girando pelos diferentes movimentos que eu poderia fazer. Seu pau duro está pressionado contra minha bunda, me mostrando o quanto ele está gostando da luta.

Resmungando, eu mando a parte de trás da minha cabeça em seu nariz, provocando outro gemido. Seu braço relaxa apenas o suficiente para eu sair de baixo dele, girar e atacar sua bunda, montando nele pela segunda vez.

Uma gota vermelha sai de seu nariz, mas de alguma forma, isso só me deixa mais faminta. Assim como meus porcos, a visão do sangue dele me deixa selvagem.

Suas mãos seguram cada lado dos meus quadris, e ele me puxa para baixo contra ele enquanto esfrega seu pau contra meu clitóris, enviando uma onda de choque de prazer subindo pelo meu corpo.

Um gemido baixo escapa de sua garganta, um som que engulo instantaneamente quando pressiono meus lábios contra os dele.

Sei que ele perdeu o fôlego e não pretendo permitir que o recupere.

Um gemido surge em sua garganta e reverbera além dos meus dentes, seguido por uma mordida aguda em meu lábio inferior. Isso só me faz beijá-lo com mais força, e ele retribui com dez vezes mais paixão. Suas mãos estão descendo em meus cachos, apertando-os com força, usando seu controle sobre eles para ancorar minha cabeça e mover seus lábios sobre os meus como quiser. Antes que eu perceba, ele assumiu completamente o controle e sou incapaz de detê-lo.

Trabalhei duro para me defender do toque de um homem, mas um beijo

de Cage é paralisante.

Assim como jurou, ele age como se estivesse morrendo de fome, me devorando enquanto enfia a língua na minha boca e a entrelaça pecaminosamente contra a minha.

Estou totalmente perdida para ele enquanto rasga a regata branca, rasgando o tecido ao meio e empurrando-o bruscamente para fora do meu corpo. Meu sutiã esportivo é o próximo a ser vítima de seu toque ardente, puxando-o sobre minha cabeça e jogando-o no desconhecido.

Instantaneamente, suas mãos seguram meus seios, rangendo os dentes contra os meus.

— Deixe-me provar. — ele exige rudemente, com a sua voz soando como se sua alma tivesse sido possuída pelo rei do inferno.

Rastejo por seu corpo apenas o suficiente para ele envolver sua boca quente em torno de um mamilo, com sua língua girando em torno do mamilo enrugado antes de seus dentes morderem a carne macia.

Minhas costas se curvam enquanto minha mão voa para os fios curtos no topo de sua cabeça, gritando enquanto a dor piora.

Justamente quando se torna demais, ele me libera apenas para chupar meu mamilo abusado de volta em sua boca, aliviando a dor com lambidas longas e completas.

Os sons que saem da minha garganta são roucos e quebrados de prazer. Se meu corpo fosse um reino, ele estaria travando uma guerra celestial contra mim, onde eu desmoronaria facilmente sob suas forças. As divindades internas estão cansadas e é um alívio sucumbir a um inferno que o diabo criou só para mim.

Cage recua novamente, e justamente quando começa a dar outro comando, o sangue respinga em meu rosto, pescoço e lateral, e em seu peito.

Um grito assustado sai da minha garganta e olho para ver Chili atacando a coxa da mulher massacrada.

Com a boca aberta em estado de choque, volto-me para Cage, apenas para encontrá-lo olhando para mim com uma emoção que não sei como nomear. Mas o que sei é que é poderoso, desenfreado e diferente de tudo que já vi antes.

— Você é incrível. — ele diz, seu tom abafado.

Instintivamente, olho para mim mesma, onde rastros de sangue pintam meus seios, o vale entre eles e meu abdômen.

Eu deveria estar horrorizada, mas quando levanto meu olhar para Cage, sinto tudo menos isso. Meu clitóris lateja e a excitação se acumula profundamente em meu núcleo. A vontade de esfregar em seu pau é avassaladora, mas me contenho por enquanto.

Algo molhado respinga no meu rosto, depois desce pela minha bochecha antes de uma gota vermelha escorrer do meu queixo e cair no meu peito, tudo o que Cage observa atentamente.

Suas mãos seguram meus quadris e ele aperta com força. Sentindo-me revigorada, passo uma unha pintada de preto em meu mamilo, com minha boca se abrindo em admiração enquanto seu olhar desce para meu peito. Seus olhos escurecem como um incêndio florestal por dentro, escurecendo com uma fome tão potente quanto as chamas. Nunca estive tão pronta para entrar em um incêndio florestal.

Provocadoramente, passo o vermelho sobre a onda e desço até as costelas, onde está tatuado um pássaro macabro com as asas presas ao corpo.

A arte em preto e cinza chama sua atenção por um momento, mas, inevitavelmente, ele volta a focar no meu dedo quando atinge o cócs do meu short.

— Levante-se. — ele murmura, com a ansiedade brilhando em seus olhos. Ele não parece inclinado a ficar comigo. Em vez disso, se apoia nos cotovelos e reclina-se sobre eles. Ele olha para mim com uma reverência que só pode ser captada pelo olho humano. Nada — nem mesmo as nossas próprias mãos — poderia recriar essa imagem e fazer-lhe justiça.

Faço o que ele diz, embora os meus joelhos tremam e ameacem desmoronar tão tragicamente como se fossem um monumento antigo.

— Tire tudo, baby. Preciso ver tudo. — ele comanda com voz rouca.

Meu coração bate forte no peito enquanto coloco os polegares sob o tecido do meu short e calcinha e os deslizo pelas coxas. Eu os chuto para o lado onde estava o resto das minhas roupas.

A insegurança e a confiança forçada lutam pelo domínio. De sua posição, sei que pode ver a cicatriz em meu quadril — uma marca perfeita de dentes de quando meu pai me mordeu, anos atrás. Infelizmente, não é a única marca de mordida que estraga para sempre meu corpo. Elas também estão nos meus bíceps, abdômen, coxas e, claro, no meu rosto.

Ele as deixou por toda parte, cravando os dentes tão profundamente em mim que desmaiei de dor. A maioria das marcas de mordida eventualmente desapareceu, exceto aquelas agora em plena exibição, manchadas de vermelho sobre elas.

— Jesus Cristo. — Cage geme. — Sente-se na minha cara, Molly.

Meu estômago se revira quando passo por cima dele, sentindo um friozinho na barriga enquanto me agacho sobre seu rosto, mantendo os pés apoiados no chão.

Cage foi o último homem com quem dormi, e algo sobre isso é totalmente embaraçoso. Fiquei íntima de muitos vibradores ao longo dos anos, embora nunca conseguisse reunir coragem para deixar outro homem me tocar novamente.

O nervosismo me consome viva, mas o deslizamento quente e úmido da língua de Cage ao longo da minha fenda me faz esquecer exatamente por que estava ansiosa. E seu gemido desenfreado que se segue faz meu estômago apertar.

Minha boca se abre enquanto a felicidade me consome, começando no meu núcleo e se espalhando pelas pontas dos dedos das mãos e dos pés.

— Oh. — eu respiro, com meus olhos revirando para trás da minha cabeça enquanto sua língua penetra dentro de mim, circulando em torno de minhas paredes internas.

Um gemido cresce em seu peito e seus braços envolvem as minhas coxas, me ancorando em seu rosto. Minhas pernas tremem violentamente, mais uma vez ameaçando desistir de mim. Elas são inúteis quando se trata dele.

— Porra, baby, você tem um gosto tão bom. — ele geme contra mim, com as vibrações enviando outra sensação de felicidade por todo meu corpo.

— Cage. — gemo assim que sua língua desliza no meu clitóris. A respiração em meus pulmões se perde em algum lugar na saída, tomando o caminho errado e me privando do precioso oxigênio.

Preciso respirar, mas preciso muito mais gozar na boca de Cage.

Com os lábios entreabertos e as sobrancelhas franzidas, olho para Cage e encontro seu olhar caloroso já fixo no meu.

As borboletas no meu estômago tornam-se voláteis. São incapazes de lidar com Cage me comendo viva - seja porque estão com medo de serem

devoradas em seguida, ou porque sabem que, quando terminar, estarei em ruínas e não haverá nada de mim. Não há casa para elas viverem.

Ele chupa meu clitóris, com seus dentes tocando a carne sensível e enviando arrepios por toda a minha pele. Já sinto um orgasmo crescendo na boca do estômago e, embora não queira nada mais do que me perder nele, não sei se estou pronta para as consequências.

— Não pare. — eu sufoco, apesar de tudo.

Ele chupa com mais força, me mostrando que parar é a última coisa em sua mente. Então, solta minhas coxas e coloca as palmas das mãos na minha barriga antes de deslizá-las até meus seios e cobri-los com força, espalhando o sangue ainda mais pela minha carne.

Seus dedos arrancam meus mamilos e, mais uma vez, sinto seus dentes tocarem meu clitóris. A ameaça é iminente, como se quisesse dizer que se eu não gozar logo serei punida.

É um aviso que não tenho escolha a não ser prestar atenção.

Sua língua continua a me lambe e, depois de mais alguns segundos, sinto que estou me aproximando da boca de um vulcão, onde espiarei lá dentro, apenas para ser feita em pedacinhos pela erupção catastrófica.

Sua língua se move e estou me inclinando sobre sua boca de fogo. Ele pisca novamente e estou completamente dizimada.

Vagamente, ouço o grito saindo da minha boca tão violentamente quanto o orgasmo tomando conta de mim. Acho que grito o nome de Cage, mas, neste momento, a única coisa de que posso ter certeza é que nunca mais serei a mesma quando gozar.

Explosões de cores brilhantes surgem em minha visão escura, e todo o meu corpo se agarra ao seu rosto. Os meus quadris giram inconscientemente, onde sua língua ainda está pressionada contra mim.

Quando gozo, parece que viajei anos-luz e voltei. Como se tivesse uma vida inteiramente nova de experiências.

Ofegante, abro os olhos, embora minha visão ainda esteja turva e pouco confiável. Cage está saindo debaixo de mim, e o calor de seu corpo me envolve um momento depois, com sua frente pressionando minhas costas. Apesar do ar quente soprando pelas portas abertas do celeiro, estremeço.

— Tenho más notícias. — ele sussurra sombriamente.

— O que é? — eu coaxo.

Seu hálito quente espalha-se pela minha orelha, e o efeito não é pior do que quando um predador está observando você e não há para onde correr.

— Continuo faminto. — Sua voz é profunda como uma montanha e áspera como a rocha de que é feita.

Meu lábio inferior fica entre os dentes e eu o aperto até sentir uma dor aguda.

Não tenho a mínima ideia do que dizer sobre isso. Tudo o que sei é que ele poderia tirar de mim o que quisesse, e eu daria isso a ele com prazer.

Suas palmas ásperas se espalham por cada lado dos meus quadris, deixando pequenas brasas em seu rastro.

— Preciso de mais. — ele murmura.

— Você pode me ter. — sussurro.

Palavras perigosas para dizer a um predador, mas já faz muito tempo que não me sinto tão viva.

Em resposta, ouço o tilintar da fivela de metal do cinto, seguido pelo som dela se soltando dos cócs da calça jeans preta.

Meus músculos incham de ansiedade. Por um momento, sou transportada de volta para quando tinha vinte e cinco anos, com a mesma presença dominadora tomando conta de mim. E embora fosse assustador, era igualmente emocionante.

O couro macio toca meu pescoço, mal me dando tempo de registrá-lo antes de passar pela fivela e ser apertado. Meus olhos se arregalam, e o som assustado da minha garganta mal escapa antes de ser contraída, permitindo-me apenas ar suficiente para permanecer consciente.

Então, segue-se o sinal revelador de dentes de metal se abrindo. A pouca respiração que tenho sai em rajadas curtas e excitadas. O tecido se mexe e olho por cima do ombro para vê-lo ajoelhado atrás de mim, completamente nu.

— Você não deveria ser real. — resmungo.

Ele era lindo há nove anos, mas agora é de outro mundo. Certamente, uma miragem que construí em meu cérebro depois de muitos anos de isolamento. Seu corpo é composto de músculos sob a pele tatuada. Sólido, mas magro. Uma combinação perfeita que cria uma obra-prima que da Vinci

gostaria de ter inventado.

Ele estende a mão e desliza o polegar suavemente sobre as marcas de dentes na minha bochecha.

— Tenho a sensação de que não deveria estar viva. No entanto, aqui está você. — Seu olhar é afetuoso, embora beira a obsessão. — E eu tenho muita sorte que você esteja.

Não sei se algum dia me consideraria sortuda, mas neste momento acho que sinto o mesmo.

Então, ele puxa o cinto em volta do meu pescoço e me puxa de volta para seu peito. Eu suspiro, meu cérebro demora para processar enquanto meu corpo se adapta às suas demandas sem pensar. A pressão de sua palma contra minha parte inferior das costas segue, incentivando-a a se curvar até que eu esteja curvada em um C perfeito, com minha bunda e o topo da minha cabeça pressionados contra ele. Sua outra mão segura a parte inferior do meu queixo, mantendo-me firmemente no lugar.

Ele olha para mim com uma expressão selvagem e a sua boca posicionada acima da minha.

— Eu amo a facilidade com que você se curva para mim.

— Só não espere que eu quebre. — respondo, sem fôlego.

Ele geme, como se isso ainda estivesse para ser determinado. — Mas essa é a minha parte favorita. — ele diz contra meus lábios.

Seu pau provoca minha entrada, deslizando pela minha boceta com facilidade.

— Você está tomando contraceptivo?

— Sim. — eu respiro. — Embora devesse ter perguntado antes, caso eu não estivesse.

Ele ri maliciosamente. — Eu ainda não teria me importado.

Antes que eu possa ter uma resposta, ele está me penetrando. Minha boca se abre e ele lambe meu lábio inferior, um ato quase tão erótico quanto me dividindo ao meio. Estou tremendo em seu aperto e, quando ele está no meio do caminho, ele faz uma pausa.

— Não aguenta? — ele pergunta diabolicamente.

— Não...

Ele entra completamente dentro de mim, sem se preocupar em esperar pela minha resposta.

Um grito abafado saúda seu sorriso selvagem, com a dor ardente por ter sido esticada tão repentinamente assumindo o controle por um momento. Mas então ele começa a mover os quadris, e me lembro de por que era impossível esquecê-lo depois de uma noite.

— Esqueci de mencionar que você não tem escolha. — ele dá um beijo doce em meus lábios, algo que contrastaria diretamente com as suas palavras se não parecesse condescendente.

— Idiota. — eu arfo, embora a palavra seja fraca, já que ele domina facilmente minha boceta. Minha atenção já está hiperfixada no intenso prazer que irradia entre minhas coxas.

— Cuidado com as palavras que saem da sua boca, amor. Posso ficar confuso e afirmar isso também.

— Você não faria isso. — eu resmungo.

Ele faz uma nova pausa e sua expressão retrata convicção absoluta.

— Eu faria qualquer coisa para mostrar que você é minha.

Em algum lugar entre o início e o fim de sua declaração, meu coração entrou na minha garganta. Não consigo falar ou engolir, apenas olho para ele em estado de choque, o que toma como uma confirmação para continuar, como se não tivesse me abalado profundamente.

Pisco, e ele está me fodendo de novo, apertando o cinto em volta da minha garganta até que pontos pretos inundem minha visão, embora tenha cuidado para não cortar meu oxigênio completamente.

Desta vez, ele estabelece um ritmo constante, mas completo, garantindo observar minhas reações de perto. Em meio minuto, ele mirou em um ponto sensível dentro de mim e se concentrou em acariciar ali mesmo até meus olhos tremerem.

Não deveria ser tão fácil para alguém ser capaz de me desconstruir assim, mas não há um único centímetro de mim que se importe agora. Eu nem seria capaz se tentasse.

— Cage. — gemo, com minhas sobrancelhas franzindo enquanto as sensações se tornam muito intensas. Eu me esforço contra seu aperto, tentando mover meus quadris para frente, apenas para que isso me dê um momento para respirar.

— Onde você está indo? — ele diz, me trazendo de volta para ele. Então, ele ri, com o som selvagem. — Você realmente achou que eu não poderia te quebrar quando você mal consegue me aguentar? — ele questiona arrogantemente

— Estou aguentando você muito bem. — digo, com os meus olhos ameaçando cruzar quando ele atinge um ponto que parece de outro mundo.

— Então por que está tentando fugir? — ele sussurra maliciosamente.

Quero dar um tapa nele, mas estou tão dominada pelo prazer que mal consigo formular uma resposta rápida.

— Porra. — eu choro, fechando os olhos enquanto me fode com mais força.

— Sei que pode fazer melhor, baby. Deixe-me ver você aguentar meu pau como uma boa putinha.

Um gemido agudo sai da minha garganta, seguido pelo nome dele.

Mais uma vez, ele está lambendo o contorno dos meus lábios, como se quisesse provar seu nome na minha língua. Assim que sua boca cobre a minha, sinto um líquido quente respingar em meu peito.

Eu estremeço, meu cérebro começa a se dividir e me apego ao fato de que estou coberta de mais sangue. O canto de sua boca se contrai e ele solta meu queixo — embora segurar o cinto me mantenha no lugar — e pressiona a palma da mão contra minha barriga. Ele geme em minha boca enquanto espalha o líquido até meus seios.

Embora meu instinto seja recuar diante disso, Cage só me fode com mais força, parecendo gozar com meu corpo coberto por isso.

Isso deveria me perturbar. Toda essa situação está além de fodida. No entanto, torna-se impossível sentir qualquer coisa fora do orgasmo que se aproxima do horizonte.

Gritos saem da minha garganta e ele engole todos, provando o quanto faminto ele está.

— Não pare. — suspiro, com minha voz tensa. — Porra, Cage, por favor.

Seus lábios se afastam dos meus, subindo pela minha bochecha. Perco todo o pensamento coerente, e o que me cerca torna-se desarticulado e incompreensível. O prazer é como uma doença, desligando o meu sistema

nervoso e assumindo o controle. Sou uma marionete da infecção e não há nada que possa fazer a não ser sucumbir.

O tempo para e quebro no momento em que ele solta o cinto, enviando sangue para minha cabeça, intensificando a explosão que detona por todo o meu corpo.

Meus ossos se liquefazem e os músculos que os cercam contraem. Vagamente, sinto, em vez de ouvir, o grito entrecortado sair da minha garganta. Um som que rapidamente se transforma em um grito quando sinto algo afiado morder meu rosto.

Diretamente sobre a cicatriz abaixo do meu olho.

Ele geme contra mim, com a carne presa entre os dentes, e seu corpo para antes de inundar minha boceta com seu espermatozoide.

A dor ardente luta com a euforia que me percorre em ondas fortes. Torna-se tão opressor; parece que estou prestes a entrar em combustão.

— Cage! — grito e, finalmente, ele solta minha bochecha.

A queda de volta à terra é vertiginosa, ainda mais quando ele tira a mão do cinto, permitindo que eu me endireite.

Minhas costas doem por ficar na mesma posição por tanto tempo, então caio para frente, apoiando-me nas duas mãos enquanto ofego pesadamente.

Os dedos tocam minhas costas e, em seguida, seus polegares cravam no meu cóccix, aliviando instantaneamente um pouco da pressão.

— Jesus, essa é uma maneira de me lembrar de que não tenho mais vinte e cinco anos. — gemo.

Sua risada suave chega aos meus ouvidos, e crio coragem para me endireitar novamente. Inclino a cabeça por cima do ombro, encontrando um olhar que não diminuiu de intensidade.

Seu polegar toca suavemente minha cicatriz. — Espero que você pense em mim na próxima vez que se olhar no espelho.

A insegurança aumenta e fico quase envergonhada por ele estar se concentrando no meu trauma tão claramente expresso em meu rosto. Sempre odiei minha cicatriz, e algo dentro de mim se rebela contra ele, encontrando uma maneira de me fazer aceitá-la. Especialmente vendo que parte de mim quer deixá-lo.

Eu estreito meus olhos. — Isso não foi legal. Não faça isso de novo.

Seu sorriso amplia, nem um pouco envergonhado.

— Isso não impediu você de gozar no meu pau, não é?

— Quase.

Uma mentira enorme.

Algo em que ele claramente não acredita, pela forma como seus lábios se curvam para cima.

Espero uma resposta espertinha, mas em vez disso, ele se inclina para frente e dá um beijo na marca da mordida. Fico surpresa quando ele sai de dentro de mim, me distraíndo das surpresas que continua lançando em minha direção.

Agora que estou de volta à realidade, percebo mais uma vez que estou coberta pelo sangue da mulher.

— Vamos tomar banho. Mostre-me o resto da casa enquanto você faz isso. — ele sugere casualmente.

Minha boca se abre. — Você o que? Não. Você não virá para minha casa novamente. Você não foi convidado!

Ele se levanta e me dá um sorriso arrogante.

— Baby, se você continuar se fazendo de difícil, eu vou me mudar. Agora, vamos nos limpar e tomar banho antes que eu decida que estou faminto de novo.

Ele pega sua calça jeans e começa a vesti-la.

E tudo que posso fazer é me ajoelhar no chão com a boca aberta e olhar para sua bunda nua sendo coberta.

Odeio que pareça que é muito cedo.

CAPÍTULO 09



Quatorze anos atrás - 2008...

Está muito quente lá fora, mas mesmo o ar sufocante do verão não consegue impedir o frio profundo que me invade, uma reação que só ficar na frente da casa da minha infância pode evocar.

A *casa* de onde fui vendida.

É uma casa pequena, amarela, de um só andar, com telhas faltando e revestimento sujo. Seria considerada fofa e pitoresca em um subúrbio se não fosse tão degradada. Se isso acolhesse uma família feliz com pais amorosos.

No entanto, em Reaper Canyon, uma cidade que viu mais overdoses de drogas do que festas de revelação de gênero, a única coisa que nasceu nesta merda foi metade dos meus malditos pesadelos. A outra metade foi criada por Francesca e seu irmão imundo.

— Isso vai te matar. — murmuro em voz alta.

A qualquer momento, meus pais poderiam sair cambaleando pela porta, colocar os olhos em mim e ligar para Francesca.

Eu seria forçada a deixar Layla para trás.

Não tenho muito coração para quebrar, mas daria a ela o último pedaço de mim se isso significasse que escaparia desta casa de horrores.

Levei dois dias de carona e viagens de ônibus para chegar aqui. Uma aventura quase tão aterrorizante quanto escapar daquela casa. Cobri minha cicatriz com terra e menti para os motoristas, dizendo que meu carro quebrou no caminho da faculdade para casa e que precisava voltar para casa, para minha mãe doente.

Por alguma graça de Deus, ou de Zeus, ou de quem quer que seja, o

segundo motorista que encontrei foi uma doce senhora que me ofereceu dinheiro. O suficiente para comprar um moletom com capuz no brechó, comer alguma coisa e pegar um ônibus para voltar para casa.

Tive sorte e só posso rezar para que ainda esteja do meu lado.

Fortalecendo minha coluna, atravesso a cerca inútil e frágil de arame que cerca a casa e sigo em direção aos fundos. Meus pés chutam a grama alta que quase chega acima dos meus joelhos, com as folhas se enroscando em meus sapatos gastos.

A porta dos fundos leva diretamente para a lavanderia. Não consigo me lembrar da última vez que mamãe ou papai sentiram cheiro de sabão, muito menos o usaram para lavar roupas, então é uma área garantida da casa onde eles não estarão.

O carro do papai está estacionado do lado de fora. Não existem carros estranhos como costumavam existir no passado, então estou bastante confiante de que não estão recebendo nenhum de seus amigos sujos. A única coisa com que preciso me preocupar é que meus pais me vejam antes de eu vê-los.

A adrenalina corre pela minha corrente sanguínea, aumentando minha frequência cardíaca a níveis catastróficos. Oito meses atrás, eu nunca teria sido capaz disso. Agora, não sei se sou capaz de sentir alguma coisa por alguém além da minha irmãzinha.

Nem mesmo por mim.

A respiração falha em meus pulmões e meus lábios estão secos quando abro silenciosamente a porta dos fundos. Só abro o suficiente para permitir que o meu corpo passe. Quando chega à metade, as dobradiças começam a ranger.

A casa está estranhamente silenciosa, fazendo com que os cabelos da minha nuca se arrepiem. Normalmente, há uma TV passando desenhos animados ao fundo - para o prazer do meu pai, não de Layla. Ou minha mãe gritando a plenos pulmões sobre como meu pai é um pedaço de merda preguiçoso e como eles não têm dinheiro para comprar heroína por causa disso.

Ele não tinha problemas em gritar também e definitivamente não tinha problemas em levantar a mão para ela. Ela saía com hematomas e ele saía furioso pela porta da frente para comprar mais drogas para eles, o que fazia com que eles devessem dinheiro a mais pessoas.

Eles eram muito pobres – até me venderem, é claro.

Tentando engolir, rastejo sobre a pilha de roupas sujas descartadas aleatoriamente no chão de linóleo branco, apodrecido e imundo.

Espio pelo corredor a cozinha imunda. As portas do armário azul água se abrem, incapazes de fechar mais. Os pratos estão empilhados na pia enferrujada, com moscas zumbindo acima deles, com restos de comida e mofo grudados no aço e nos talheres. Eles também estão espalhados pela bancada descascada, junto com várias latas abertas de feijão e sopa.

Eu me afasto ao fedor horrível. Quando morei aqui, me acostumei. Só que agora só consigo sentir o cheiro podre e persistente de fumaça de cigarro espalhada pelo papel de parede. Eu, pelo menos, tentei mantê-lo limpo.

Cobrindo o nariz, cruzo a cozinha e me encosto na parede ao lado da entrada da sala.

Lentamente, espio pelo corredor e a encontro vazia. O suor se acumula ao longo meu couro cabeludo e desce pela minha espinha.

Tudo neste cenário é incomum. E isso me deixa muito nervosa.

Porra, Layla está aqui?

Se não estiver, não sei o que farei. Não tenho recursos para encontrá-la. Eu não tenho nada.

Porra nenhuma.

O pânico começa a circular em meu sistema, um coquetel perigoso quando misturado à adrenalina.

Mas não posso perder a cabeça agora. Ainda não.

— Mantenha-se firme, Molly. — sussurro.

Inalando o que deveria ser um ar calmante, mas que é apenas fumaça tóxica, cruzo a sala vazia em direção às escadas. Meus passos são silenciosos sobre o tapete verde pútrido que cobre a sala, subindo os degraus e ao longo do curto corredor.

Espio primeiro o quarto à minha direita: o quarto de Layla. Tem um berço frágil por dentro, o berço manchado, sem lençol e com um cobertor puído.

O alívio toma conta de mim e lágrimas surgem em meus olhos, inundando meus seios da face e garganta até quase engasgar com elas.

— Layla. — grito, com minha voz frágil como madeira seca.

O cabelo loiro se espalha ao seu redor como uma auréola enquanto dorme. Já faz muito tempo desde a última vez que a vi. Suas bochechas ainda estão ocas para o meu gosto, mas pelo menos ela está respirando. E neste momento, isso é a única coisa que importa.

Fungo enquanto corro em direção a ela, rezando a Deus para que ela se lembre de mim. Estou fora há oito meses, o que é muito tempo quando ela é tão jovem. Ela tem apenas um ano agora e provavelmente não reconhecerá mais meu rosto.

— Layla. — sussurro, balançando suavemente seu ombro.

Cílios longos e loiros se espalham por suas bochechas, que também estão mais pálidas do que eu gostaria.

— Layla. — eu chamo novamente, olhando por cima do ombro para garantir que ninguém está vindo.

Seus olhos tremem, e então ela me dá aqueles grandes e lindos olhos azuis. Praticamente a única coisa boa que veio da nossa mãe.

— Ei, doce bebê. É a Molly. Sua irmã mais velha. — digo docemente.

Ela olha para mim em silêncio, como se estivesse tentando descobrir quem eu sou. Ela tinha apenas quatro meses quando fui levada, então não espero que me reconheça. Só espero que consiga confiar em mim.

— Oi, minha doce menina. — sussurro, afastando um fio de cabelo loiro de seus olhos.

Seus braços se levantam e, instantaneamente, estou embalando-a contra mim.

As lágrimas caem, escorrendo pelo meu rosto em rios, e é quase impossível respirar. Venho sonhando com esse exato momento há oito longos e torturantes meses, e quase não parece real.

A qualquer segundo, vou acordar naquela cama na casa de Francesca, com o Rocco respirando em cima de mim.

Só assim, vou perdê-la novamente.

Não sei se sobreviveria.

— Da da da da. — ela balbucia baixinho.

— Shh, querida, precisamos ficar...

— Eu sabia que você iria mostrar sua cara feia aqui.

A voz aguda é como um chicote estalando nas minhas costas. Minha coluna se endireita e viro rápido o suficiente para me fazer cambalear.

Meu coração bate dolorosamente contra o meu peito enquanto percebo a fonte de toda a minha dor. O homem que deveria me amar, mas só poderia me machucar. E um dos últimos rostos que vi antes daquele pano cobrir minha boca e eu acordar em um pesadelo pior do que qualquer coisa que meu cérebro pudesse imaginar.

— Ei, pai. — eu cumprimento nervosamente, com o tremor em minha voz traindo o quanto estou apavorada.

Ele dá um passo ameaçador à frente, me fazendo me afastar imediatamente.

Seus cabelos grisalhos e oleosos estão arrepiados e, embora seus olhos estejam cheios de ódio e descrença, fica claro que ele acabou de acordar. Ele está vestindo sua camisa de trabalho suja, com *Raymond* costurado no bolso esquerdo do peito.

Ele é mecânico e *claro*, é hora de ele ir trabalhar.

— On... onde está a mamãe? — eu gaguejo, com meu olhar oscilando entre seu olhar ameaçador e o corredor atrás dele.

Seus lábios se curvam. — Morta.

Pisco, mais chocada com sua declaração do que esperava. Talvez porque ela tenha sobrevivido a tantos abusos do meu pai e de outros homens, parecia que ela era indestrutível. Ou porque houve tantas noites em que fiquei acordada, rezando pela morte dela, e ela nunca aconteceu.

Estou surpresa.

Mas não triste.

— Como?

— Overdose.

— Deixe-me adivinhar, pelas drogas que você comprou com todo o dinheiro que ganhou me vendendo? — eu exclamo.

Seu sorriso está cheio de intenções tão podres e escuras quanto seus dentes.

— Morreu há algumas semanas. A vadia idiota ficou muito entusiasmada e injetou uma droga forte que nunca tivemos antes. — ele corta. Então, ele ri, com um som rouco e úmido. — E agora você está de volta. Rocco ligou ontem procurando por você. Me prometeu mais cinquenta mil se eu avisasse quando você aparecesse.

Meu coração aperta, com outra sensação de pânico inviabilizado meu interior, caindo no poço de pavor que surge em meu estômago.

Preciso dar o fora daqui *agora*.

— O que você fez? Deu-lhes sexo ruim ou algo assim? — ele pergunta maldosamente.

Eu estreito meus olhos. Não posso nem me sentir insultada. Ele fala como se fosse minha escolha ser escravizada e preparada para ser vendida a um nojento e doente. Como se eu tivesse feito um maldito favor à família.

— Sabe, posso não ligar para ele. Talvez eu precise encontrar algumas pessoas diferentes desta vez. A polícia está me investigando. Achem que eu tive algo a ver com toda aquela merda com você no posto de gasolina. — Uma risada alta escapa dele. — Sabia que eles podem apagar as pessoas das imagens de segurança? Não sei que tipo de gênio eles têm nas mãos, mas fizeram você parecer maluca. Eu e Louis nem estávamos nelas! Todos os dias ligo o noticiário, eles estão falando sobre você fugir de fantasmas.

Minha boca cai enquanto ele gargalha alto. Eles apagaram meus sequestradores da filmagem? Eu esperava em Deus que aquelas câmeras estivessem gravando, mas parece um soco no estômago saber que elas foram manipuladas.

— A única razão pela qual estão na minha cola é porque aquele maldito funcionário idiota deu um testemunho contra mim. Eu esperava que eles o matassem também, mas eles disseram que isso me custaria caro, já que ele não tem nada contra nós. E, bem, ele parece tão louco quanto você, então não vale o dinheiro gasto. A polícia não tem nada contra mim. — ele termina essa declaração com um sorriso espertinho.

— Eles vão. — digo com os dentes cerrados. — Você me vendeu, porra!

Layla se aconchega em meu pescoço, chateada com a tensão óbvia entre papai e eu. Eu a envolvo em meus braços, esperando mantê-la calma, mas sabendo que provavelmente será inútil.

— Você era inútil por aqui de qualquer maneira! Tentando roubar o meu e o bebê da sua mãe. Isso é tudo com o que você se importa. Layla, Layla, Layla. Foi para aí que foi todo o seu dinheiro, em vez de nos pagar o

aluguel. Apenas gastando nosso dinheiro e morando aqui de graça!

Uma discussão se forma na minha língua, construindo um monumento tão alto quanto a porra de Gizé, mas não vale a pena.

Preciso tirar Layla e eu daqui o mais rápido possível antes que meu pai cumpra sua promessa e chame Rocco aqui. Ou alguém pior.

— A única pessoa com quem precisa se preocupar é você mesmo. — balbucio. — Layla e eu iremos embora.

Outro passo, e seu rosto se transforma de pouco humano em demoníaco.

— Até onde sei, ela ainda está sob minha custódia. O que significa que vai para onde *eu* quero que ela vá. Vocês custaram muito dinheiro no meu bolso da primeira vez, mas vocês duas estão juntas? Vou ganhar muito mais, não é?

Meu lábio superior se curva de desgosto e um ódio diferente de tudo que já senti antes me consome. É tão potente que a única maneira de meu corpo processá-lo é agitando-o violentamente.

Não é apenas ira.

É pura raiva assassina.

Me vender é uma coisa.

Mas vender um *bebê*?

Não tenho palavras para descrever o quanto malvado isso é. Não há palavras para descrever o quanto decrépita deve ser uma alma para condenar uma criança tão voluntariamente e de uma forma tão horrível.

Minha visão fica turva de fúria e coloco Layla no berço com a maior calma possível. Ela solta um choro de protesto, levantando os braços e apertando as mãozinhas para que eu a pegue novamente.

— Eu estarei bem aqui, querida. Está tudo bem. — asseguro-lhe gentilmente, embora minhas palavras tremam.

Isso não a acalma. Mas mais do que tudo, preciso afastar esse homem vil dela.

Ela não merece testemunhar o que eu pretendo fazer com ele. Nenhuma criança deveria ver isso.

— Vamos descer e conversar sobre isso. Caso contrário, eu mesma ligarei para Rocco e direi que você me sequestrou de volta.

Ele dá uma risada. — Você acha que eles vão acreditar nisso?

— Você está certo. — eu concordo ironicamente. — Você é muito estúpido. Direi a eles que escapei e que você tentou me vender para outra rede de pedófilos. Eles ainda vão nos levar, depois vão matar você também.

De repente, sua boca franze em um resmungo mordaz. Ele olha para cima e para baixo em meu corpo, com seus olhos castanhos turvos cheios de ódio. Silenciosamente, ele aponta a cabeça em direção ao corredor e depois segue em direção à escada.

— Já volto, menina bonita. — murmuro distraidamente, com um pequeno ruído inundando meu cérebro.

Não há nenhum pensamento claro em minha cabeça, apenas um toque alto. Inexpressivamente, eu o sigo, fechando suavemente a porta de Layla atrás de mim. Não tenho certeza se ela consegue sair do berço ou não, mas ainda é muito pequena para alcançar a maçaneta. Ela não conseguirá sair.

Chego ao topo da escada e olho fixamente para baixo, entendendo que ele está esperando por mim e o que essa discussão vai levar, mas incapaz de encontrar uma consciência para me conter.

Respiro e desço as escadas, encontrando meu pai esperando na cozinha. Ele está encostado na bancada, bebendo na mesma caneca que sempre bebeu. Café e uma dose de Jack Daniels.

— Sua mãe costumava me preparar almoço para o trabalho. Tenho que admitir, sinto falta dela por isso, pelo menos. — ele comenta casualmente, terminando com uma risada.

Ele está fingindo que teremos uma conversa civilizada, mas está tão tenso quanto eu. Ele acha que vai vencer e, pela segunda vez na vida, vou acordar na traseira da van de um estranho.

Desta vez, com minha irmãzinha ao meu lado.

— O que pensa que vai fazer, hein? — ele pergunta, com a diversão brilhando em seu olhar morto. — Você acha que pode me machucar?

Ele ri enquanto me aproximo de uma pequena mesa redonda no canto da cozinha, onde mamãe costumava sentar-se todas as manhãs, fumando um cigarro e bebendo seu próprio café e uísque.

— Acho que enfrentei homens muito mais assustadores do que você e sobrevivi.

— Você tem certeza disso? — ele desafia.

Seu sorriso desaparece e seu olhar desliza para a cicatriz sob meu olho. A mesma que ele me deu quando eu tinha dez anos.

Lembro-me vividamente daquela noite. Naquela época, ele ainda tinha dentes e perdeu a cabeça por causa de qualquer droga que injetou em suas veias.

Ele as deixou por todo o meu corpo quando me estuprou.

Ele, por outro lado, não se lembra disso. Se não fosse minha mãe testemunhando isso, ele estaria convencido de que era outra pessoa. Ela também estava drogada e delirante demais para detê-lo.

Depois, quando papai tentou negar, foi o único momento em que mamãe me defendeu, gritando com ele por me machucar. Não porque fui agredida, mas porque ela teria que explicar para a escola a mordida no meu rosto. As outras que cobrem o meu corpo poderiam estar escondidas, mas não aquela.

Mais tarde, ela cuspiu em mim por tentar roubar o marido dela. Como se ele não fosse meu próprio pai.

No final das contas, isso foi o resultado de um encontro que deu errado com um primo inexistente que tinha problemas de agressão. Apesar disso, não parecia uma mordida de criança; a escola acreditou neles e isso nunca mais foi abordado.

Inclino a minha cabeça, encostando-me na mesa atrás de mim e apoiando as mãos unidas em cima. — Você acha que uma mordida no rosto

foi a pior coisa que já me fizeram? Já vivi coisas muito piores, *pai*.

Ele coloca sua caneca na bancada lotada e suas feições relaxam em uma expressão monstruosa. O queixo caiu, com a boca aberta e um olhar maligno sob as sobrancelhas.

— Ainda não, você não viveu isso. — ele ameaça sombriamente.

Ele se aproxima de mim casualmente, como se não estivesse planejando a minha morte. Não pelas mãos dele, é claro. Mas pelo licitante com lance mais alto. Enquanto ele cheira, fuma e injeta a única forma de felicidade que já senti. Até que escapar da realidade se torne eterno.

Assim como aconteceu com a mamãe.

Atrás de mim está sua caneca descartada. Provavelmente está lá desde que ela morreu — esquecida.

Assim como ela.

Gostaria de pensar que esta é a mãe estendendo a mão que nunca estendeu quando estava viva. Uma oferta de paz, talvez.

Sutilmente, passo meu dedo pela asa e ele para a alguns metros de distância. Bem na distancia de um braço, me fazendo suspirar.

Se ao menos ela desse tanta importância.

O tempo para, exceto pela batida consistente dentro do meu peito, me lembrando de que ainda estou viva. Eu ainda estou lutando.

Então ele ataca e eu estou desviando, com a caneca em minha mão batendo em sua têmpora. A cerâmica se estilhaça e um caco corta minha palma.

Ele grita e seu braço move descontroladamente, tentando me agarrar. Mas se há uma coisa que aprendi sobre pessoas com mais substâncias químicas artificiais em seus corpos do que sangue é que elas não têm nenhuma porra de objetivo.

Eu me abaixo e o derrubo no chão enquanto ele está desequilibrado, com a parte de trás de sua cabeça batendo com força. Um palavrão sai de sua boca e ele está lutando para levantar uma perna para poder me virar. Mas já estou em cima dele, com um pedaço da caneca preso entre meus dedos e pressionado contra sua jugular.

Dura apenas meio segundo, e ele descuidadamente afasta minha mão antes de lançar um punho em direção ao meu rosto. Por pouco, eu recuo para

o lado, com as juntas dos dedos dele atingindo minha bochecha e enviando uma dor aguda por todo o meu rosto.

Mas meu desespero supera a dor, e estou correndo para colocar meus joelhos sobre seus bíceps. Várias vezes, ele me intimida, quase me empurrando só para eu rastejar de volta para ele. Finalmente, eu acerto meu próprio punho em seu nariz, permitindo-me atordoá-lo por tempo suficiente para prender seus braços sob meus joelhos, colocando todo o meu peso sobre ele.

Pressiono o caco de volta em sua jugular novamente, com o fragmento já tendo rasgado minha própria pele devido à luta.

— Faça um maldito movimento e eu corto sua garganta, idiota. — digo através de respirações ofegantes.

Minha mão treme contra ele, minha visão se estreita até que tudo que vejo é seu rosto nojento, contorcido de raiva com a barba grisalha cobrindo sua mandíbula.

— Você é um homem patético. — grito. — E não há uma única alma neste planeta que se importará quando você partir.

Ele ri, e seu hálito podre espalha-se pelo meu rosto. Eu cravo mais fundo a ponta afiada, com uma gota de sangue surgindo da ponta.

— Isso não importa para mim, querida. Vamos lá, você sabe melhor do que isso. Mesmo se eu fosse um cidadão de verdade, entraria para a história como todo mundo. Esquecido. Meu nome gravado em alguma lápide estúpida pela qual as pessoas passam e não olham duas vezes. E quer saber? A mesma coisa acontecerá com você.

— Sim, você está certo. — digo, com a minha voz sem fôlego e trêmula. — Mas pelo menos quando eu morrer, poderei dizer que levei comigo o maior número possível de vocês, idiotas doentios.

Outra gargalhada sai de sua garganta, embora o desespero seja evidente. Ele não quer morrer e a qualquer momento vai retornar a luta.

Então, tomo uma decisão rápida e corto o lado oposto de sua garganta. Ele vai sangrar eventualmente, mas isso não acabará antes que eu esteja pronta.

Seus olhos se arregalam e sua boca abre enquanto ele engasga com seu próprio sangue. Sangue que jorra em meu rosto, pescoço e peito.

— Puta desgraçada!

Indiferente, me inclino para frente até que seus olhos encontrem o caminho dos meus, suas pupilas são pequenas pontinhas.

Balanço minha cabeça. — Não. Você não tem o privilégio de me ver enquanto morre.

Soltando a cerâmica, seguro seu rosto entre as palmas das mãos e coloco os polegares sobre seus olhos.

— Não, não, não! — ele grita, embora as palavras estejam distorcidas. Seus dedos envolvem meus pulsos, tentando afastá-los. Mas a perda de sangue o deixou fraco e ele falha miseravelmente.

Demoro alguns segundos empurrando até sentir os seus olhos estalarem. Seu grito de resposta é alto, dilacerado e cheio de agonia. É um som ao qual me acostumei com outras garotas da casa de Francesca. Antes, meu coração quebrou quando ouvi isso. Agora, não sinto nada.

Poças vermelhas nas crateras de seus olhos destruídos, inundando minhas mãos e descendo pelos lados de seu rosto. Um mar de vermelho.

Eu rio alto. — Moisés provavelmente não gostaria que eu chamasse seu rosto de Mar Vermelho, não é? — eu rio de novo, com o som rouco e dilacerado. — Então, novamente, ele provavelmente não está gostando de nada disso.

Não paro até esmagá-los em seu cérebro insignificante e sua luta cessar.

A terra ficou um pouco mais limpa hoje.

Suas mãos caem dos meus braços, e quando ele fica completamente mole, eu também. Eu apenas... murcho. Como seus olhos, suponho.

Esse pensamento arranca outra risada cansada de mim.

Estou coberta de sangue, suor e provavelmente outras merdas que não quero saber. Meu coração está acelerado e meus pulmões estão incrivelmente apertados.

Matar... matar dá *muito* trabalho.

Então, meus pensamentos entram em espiral e o pânico toma conta de mim. Como diabos vou encobrir isso?

— Merda. — sussurro, baixando a cabeça.

Felizmente, os vizinhos também são viciados em drogas, e houve muitas noites em que eles brigaram aos gritos que rivalizavam com os da

mamãe e do papai. A nossa luta não deveria suscitar nenhuma das suas preocupações e, mesmo que suscitasse, duvido que tivessem a gentileza de chamar a polícia.

Quanto ao seu trabalho, não é incomum que papai não apareça sem avisar. Ele perdeu muitos empregos ao longo dos anos, principalmente devido às farras. Às vezes, durante semanas seguidas. Eles podem ligar por uma semana, mas eventualmente desistirão.

O mesmo acontece com seus amigos: eles não se importam em vir, a menos que ele lhes ofereça drogas.

Raymond Devereaux não tem ninguém que realmente se importe com ele.

Mas ele está aos olhos do público agora.

Francesca costumava ligar a TV e me mostrar todas as reportagens e grupos de busca depois que fui sequestrada. Ela ria sem parar sobre quantas pessoas estavam procurando por mim.

“Olhe para todas essas pessoas. E nem uma única irá encontrar você.”

Ela achava isso engraçado.

E agora preciso garantir que é exatamente isso que aconteça. Eles nunca poderão me encontrar. Eles nunca poderão saber que voltei para cá.

Aquele casal – Latoya e Devin – pode falar com a imprensa. Afirmarem que me levaram para a casa deles. Mas nunca serão capazes de provar isso e, eventualmente, a especulação se tornará apenas isso.

— Nenhuma evidência. — sussurro. — Não pode haver nenhuma evidência.

Meu DNA está por toda esta casa. Encontrar fios do meu cabelo ou impressões digitais em todas as superfícies não seria incomum.

No entanto, em um cadáver? Isso seria catastrófico.

Respiro fundo e depois solto lentamente, sentindo meu cérebro desligar mais uma vez.

Ninguém está procurando por ele ainda. Tenho tempo para limpar, arranjar onde colocar a Layla e depois me livrar do corpo dele.

Depois, tirei Layla daqui e nunca mais olharei para trás.

— O que fazer com você? — eu me pergunto em voz alta, indo em direção aos limitados produtos de limpeza embaixo da pia, quebrando a cabeça e tentando me lembrar dos documentários policiais que vi mamãe assistir e se algum deles já falou sobre se livrar de um corpo.

— Derretendo ele? — eu me pergunto baixinho. — Não. Muito bagunça e nem conheço os produtos químicos adequados. Não posso enterrá-lo ou colocá-lo num lago. Isso *sempre* faz com que as pessoas sejam pegas.

Minha mente gira com ideia após ideia enquanto embrulho seu corpo em sacos de lixo, rejeitando todas por um motivo ou outro.

E assim que começo a esfregar o chão, lembro-me de um episódio que vi. Uma famosa lâmpada se acende e faço uma pausa enquanto penso no assunto.

— Fazenda de porcos. — sussurro, com um leve sorriso curvando meus lábios.

E eu sei exatamente onde encontrar uma.

CAPITULO 10

MOLLY

Presente - 2022...

— Se soubesse que você iria se jogar em cima de mim no chuveiro, eu teria direcionado você para o banheiro de hóspedes. — murmuro, puxando

uma regata branca e limpa pela cabeça.

Ele levanta uma sobrancelha, impressionado. — Em que momento dei a indicação de que manteria as mãos afastadas? Vamos voltar e refazer essa parte para que você não fique mais confusa.

Reviro os olhos.

— Não estou confusa. — eu nego veementemente, dando-lhe um olhar irritado.

No entanto, eu estou.

Estou confusa *e* sou uma maldita mentirosa.

Ele usa apenas cueca boxer — praticamente a única peça de roupa que não ficou suja. Sua camisa é uma causa perdida, deixando-o com jeans preto e jaqueta de couro, mas independentemente disso, ele provavelmente irá para casa cheirando a chiqueiro. É preciso um tipo especial de sabonete para retirar isso, mas não vou divulgar essa informação, simplesmente porque estou irritada com ele.

Ainda mais que estou com raiva por ele não ser uma pessoa sensata que carrega roupas extras à mão. Seu corpo é totalmente perturbador, tornando extremamente difícil lembrar por que estou irritada.

Certo. Porque ele me fodeu no chuveiro de novo e me lembrou de que sexo pode realmente ser... tão bom. Demorou anos para esquecer isso depois da primeira vez que nos conhecemos. E agora tive uma recaída e fiquei viciada novamente.

Idiota.

Mantendo as costas para ele, coloco algumas gotas de loção na mão e começo a espalhá-la nas mãos, nos braços e no peito. Seus olhos são como dois pequenos lasers queimando em mim, mas faço o possível para ignorá-lo.

Foi apenas sexo.

É isso.

— Você está prestes a me expulsar. — ele supõe atrás de mim. Dou um pulo, sem esperar que a voz dele esteja bem nas minhas costas.

— O que mais faríamos? Brincar de pônei e brigar de travesseiros? — digo.

Pareço na defensiva. *Estou* na defensiva.

A tensão está acumulada em meus músculos como se não tivesse para onde ir.

Rangendo os dentes, sento-me na beira da cama e me forço a encarar seu olhar investigador. Não está com raiva como eu esperava. Ou irritado, até. Não. Ele parece estar se divertindo pra caralho.

Ele flexiona os joelhos, abaixando-se até que eu esteja olhando para ele com um olhar incrédulo.

— Estou morrendo de vontade de saber quem você é, Molly. Isso é tão errado?

Ele está brincando comigo? É incrivelmente errado. É literalmente a pior coisa que ele poderia me pedir. *Saber* sobre mim? Isso seria convidá-lo de bom grado para minha vida, e fiz questão de transformar meu interior em uma sala lotada, sem espaço para ninguém.

— Sim. — digo. — Você sabe como é a sensação da minha boceta agarrando você. Isso é mais do que a maioria poderia dizer. Pelo menos, aqueles que ainda estão vivos.

Ele resmunga e uma escuridão surge em seus olhos verdes, transformando-os em uma floresta sombria e sinistra. — Então, está me dizendo que existem outras pessoas por aí que têm esse conhecimento e ainda estão respirando?

Há alguns meses, depois de finalmente me sentir pronta para enfrentá-los depois de todos esses anos, pedi a Legion que investigasse os homens daquela casa e verificasse se algum deles ainda estava vivo. Depois de pesquisar, ele disse que todos estavam mortos. Exceto um.

Kenny Mathers.

Ele é muito rico e bem protegido. Ao contrário da maioria dos compradores que vinham apenas para o Culling, ele frequentava a casa com frequência.

Ouvi Francesca dizendo a Rocco que Kenny estava interessado em me comprar especificamente, e é por isso que ele não conseguia ficar longe. Da casa e de mim.

Seu dinheiro e elitismo o mantiveram seguro todos esses anos, permitindo-lhe sair completamente do radar. Não foi visto publicamente desde pouco depois de minha fuga.

É certo que eu não estava pronta para enfrentá-lo, embora tenha

informado Legion sobre quem ele era e o que fazia. Se meu chefe fez alguma coisa a respeito, não tenho certeza. Fui muito covarde para perguntar.

— Apenas um que eu saiba, mas quem sabe se ainda é o caso. Independentemente disso, não mate ninguém por minha causa. Foder comigo algumas vezes não faz de você meu herói.

Ele inclina a cabeça, parecendo não se incomodar com a minha exigência. — Qual o nome dele?

Suspiro. — Por que isso importa?

Sua expressão é séria, não restando um pinga de diversão em seu olhar.

— Quero ser o único homem em todo este maldito planeta que sabe como você parece. E se eu estiver compartilhando esse conhecimento com uma única alma que ainda anda nesta terra, então estarei removendo-a dela.

Só consigo piscar para ele, sem palavras por alguns instantes. Apesar disso, meu estômago é um poço de borboletas inquietas e sinto meu coração começar a amolecer.

Suas palavras não são assustadoras, mas minha reação é.

— Você está sendo ridículo.

— Eu poderia estar.

— Você não está matando ninguém por minha causa.

— Eu vou.

— Não vou discutir com você sobre isso, Cage.

— Então não faça isso.

Suspiro novamente, com os meus ombros caindo. Eu estou emocionalmente exausta durante a noite e não tenho energia para convencê-lo a manter suas mãos assassinas para si mesmo.

A perspectiva de ele matar o homem que sobrou da casa de Francesca não me incomoda, mas seu raciocínio sim. Não quero que ele faça isso por mim. Porque ele nutre qualquer tipo de emoção por mim. Eu preferiria que ele simplesmente o extinguísse do planeta por ser um monstro e deixasse por isso mesmo.

— O que quer de mim? — resmungo, deslizando minha mão pelo rosto em exasperação.

— Quantas coisas você estiver disposta a dar por esta noite.

Deixo cair minha mão e fico boquiaberta, mas ele apenas espera pacientemente, olhando para mim.

— Só quero saber sobre você. Isso é tudo. Também direi tudo o que você quiser saber.

Franzo os meus lábios, sentindo-me ceder. Principalmente porque também estou inegavelmente curiosa sobre Cage. Passei muitas noites solitárias no Alasca me perguntando sobre o homem que destruiu completamente meu mundo com tanta facilidade. O que mais me incomodou foi que eu sentia falta dele. Como eu poderia sentir falta de alguém que nem conheço?

Espero que, se eu der a ele o que quer, ele encontre algo totalmente desagradável e queira ir para casa. Então, posso finalmente ir para a cama. *Sozinha*.

Não posso permitir que meu mundo seja dizimado novamente e, desta vez, não terei que sentir falta dele.

— Meu nome favorito no mundo é Layla.

Minha garganta aperta e me amaldiçoo por dizer o nome dela. É impossível pensar nela sem sentir que meu coração está sendo empurrado por um picador de lenha. Eu deveria ter dado a ele algo impessoal. Como minha cor favorita.

Ele balança a cabeça lentamente, e um leve sorriso curva um lado de seus lábios para cima. Deus, esse olhar é letal. Eu odeio isso.

— É lindo.

— Sim. — eu resmungo, depois limpo a garganta, com uma tentativa patética de encobrir a emoção que obstrui minha traqueia.

— Minha flor favorita é o lírio-tigre. — ele me diz. Hesitante, encontro seu olhar novamente, mas desta vez vejo sombras dentro deles. — Minha mãe era solteira e meu pai morreu antes de eu nascer. Enquanto crescia, ela comprava lírios-tigre todos os sábados no mercado dos fazendeiros. Ela disse que não precisava de um homem porque poderia conseguir tudo o que quisesse. Quando recebi meu primeiro salário, essa foi a primeira coisa que comprei para ela. Eu disse a ela que ela podia não precisar de um homem para comprá-las para ela, mas isso não significava que ela não merecia.

— Deixe-me adivinhar: você nunca parou de comprá-las para ela. —

digo, com um sorriso curvando involuntariamente meus lábios.

Ele sorri e meu coração se transforma em massa. — Ainda compro.

Maldito seja.

Ele deveria me dizer algo que me fez considerá-lo abominável. Absolutamente vil.

Mas então, seu sorriso desaparece e suas feições se reorganizam em uma expressão que instantaneamente parece assustadora. Eu já sei o que está pensando. Posso ver isso escrito em seu rosto.

— Deixe-me adivinhar. — repito, com minha voz quase um sussurro. — Você quer falar sobre meu sequestro.

— Eu sabia quem você era antes de entrar na minha loja. O mundo inteiro sabia. E, como a maioria das pessoas, eu estava obcecado pelo seu caso. As imagens de segurança...

— Me fez parecer louca. — digo, com meu estômago se enchendo de ácido.

— Conheço bem a tecnologia e ficou claro que ela foi manipulada. Você não estava louca, e eu entendi que não só o pior momento da sua vida foi transmitido para o mundo inteiro, mas que eles o alteraram para fazer você ter uma determinada aparência. Mesmo naquela época, eu estava com raiva de você.

— Obrigada. — murmuro amargamente. — É por isso que você me fodeu? Queria transar com a famosa garota desaparecida e ter o direito de se gabar?

Seu rosto relaxa e ele parece desapontado.

— Não, Molly. A única pessoa para quem contei foi Silas, e só porque eu estava arrasado. E eu te fodi porque me senti atraído por você de uma forma que nunca senti por mais ninguém. Acho que fiquei obcecado com o seu caso porque minha alma reconheceu a sua. E eu tinha tantas perguntas sobre você.

— Obteve suas respostas? — pergunto, com meu tom endurecendo. Estou procurando motivos para ficar brava, mas, sinceramente, não posso culpá-lo por saber do meu sequestro ou por ficar intrigado com isso. O vídeo é... é algo que a maioria *não poderia* ignorar.

A garota que parecia desaparecer do nada.

E a garota que foi perseguida por fantasmas. Mal sabiam eles, que eu sou o fantasma.

— Não as que importam, e é por isso que quero conhecer você, Molly. Quero conhecer a garota que o mundo ainda pensa que está morta.

— *Gosto* desse jeito. — eu corto. — Todo mundo está muito envolvido em suas próprias vidas para reconhecer uma garota desaparecida há quinze anos. Isso significa que não me torno um pônei do circo da mídia e fico em paz. Há uma razão pela qual não deixei ninguém me conhecer.

Ele balança a cabeça, e o olhar gentil em seus olhos é o que me faz perceber que estou começando a pirar um pouco. Meu coração está acelerado, minhas palmas suadas.

— Não vou contar a ninguém. — garante. — Sou muito egoísta para compartilhar você com alguém, muito menos com malditos abutres que arriscariam sua segurança. Eu nunca colocaria você em perigo.

Respiro fundo, tentando liberar a ansiedade que começou a envenenar minha corrente sanguínea.

— Existe a possibilidade de eu ser suspeita de um assassinato se a imprensa descobrir que eu escapei. — Ele fica quieto, deixando-me ter coragem para confessar algo que nunca contei a ninguém. — Quando fugi, voltei para a casa dos meus pais. Tenho uma irmã e ela tinha apenas um ano na época. Eu não poderia deixá-la com as pessoas que me venderam por dinheiro para drogas.

Seu lábio superior se contrai, com a fúria se instalando em seu olhar. Não sei por que, mas isso me revigora para continuar.

— Minha mãe já tinha morrido de overdose, então era só meu pai. Quando ele viu que eu estava de volta, falou em me vender de novo, mas dessa vez, Layla também. E eu simplesmente... explodi. Não conseguia lidar com a ideia de ele vender minha irmãzinha. As coisas pelas quais passei... tudo em que conseguia pensar era nas mesmas coisas acontecendo com Layla... — eu me interrompi, muito sobrecarregada com o pensamento. Essa fúria residual ressurgiu e minhas bochechas ficam quentes enquanto minhas palavras ficam confusas.

Sua mão agarra a minha, e eu me concentro nela, apenas para me distrair dos meus pensamentos em espiral.

Embora eu tenha visto que eles estavam cobertos de tatuagens, é a primeira vez que as vejo de perto. Ele tatuou chamas nas juntas dos dedos, com o fundo atrás delas escurecido para dar a ilusão de que estavam

derretendo velas. A arte é uma das melhores que já vi e, pela primeira vez, considero cobrir minhas cicatrizes com algo bonito.

— Então o matou. — ele afirma, me trazendo de volta à conversa.

— Eu o matei. — confirmo calmamente. — E nem me senti culpada por isso.

— Você não deveria sentir. — diz ele. — Ele merecia isso e muito pior.

Eu concordo. Ele merecia, e há alguma satisfação em saber que fui eu quem acabou com sua vida.

— Ouvi falar de uma grande fazenda de porcos a algumas horas de onde eu morava. O proprietário era uma fonte local de carne para muitas pessoas e falava-se que ele se aposentaria em breve. Então, limpei tudo, coloquei meu pai em sacos de lixo e coloquei-o no porta-malas do carro.

Ele levanta uma sobrancelha. — Acontece que eu acabei de transar com você na mesma fazenda?

Um rubor imediatamente floresce em minhas bochechas. Caramba.

Limpando a garganta, murmuro: — Sim.

Ele sorri e eu estreito meus olhos com a satisfação que emana dele.

— De qualquer forma. — continuo, dando-lhe um olhar astuto de *calar a boca*. — Depois que levei Layla para tomar banho, me vesti e fiz as malas, fui para a fazenda. Esperei até que o proprietário fosse para a cama, entrei furtivamente em seu celeiro e alimentei meus porcos com meu pai. Não foi bonito e não fiz tudo certo. Foi assim que aprendi que os porcos evitavam dentes e cabelos, o que tornava o processo de limpeza horrível. Ainda estou surpresa por ter conseguido escapar impune.

É uma versão extremamente simplificada daquela noite, mas é o ponto crucial. Os detalhes realmente não importam agora, exceto que aprendi muito sobre alimentar porcos desde então. Mais importante ainda, consegui tirar Layla e eu daquela casa, e ninguém identificou quem realmente somos desde então.

— Onde está Layla agora?

Franzo os lábios na tentativa de evitar que meu queixo trema. Essa pergunta parece um soco no peito. Meu coração aperta dolorosamente e uma tristeza profunda me consome.

— Emma. — eu corrijo. — O nome dela é Emma agora. Quatro anos foi

o tempo que tentei cuidar dela. Como meu pai estava sob investigação pelo meu desaparecimento, não demorou muito para que os federais percebessem o desaparecimento dele e de Layla. Ela foi divulgada em todos os noticiários, assim como eu, e houve muitas conspirações sobre o que aconteceu com nós três. Algumas pessoas especularam que escapei e a levei, mas nunca houve provas suficientes para apoiar isso.

— Então, eu a renomeei como Emma e me esforcei muito para cuidar dela. Foi quase impossível conseguir um emprego porque não consegui uma identidade e me expus. Consegui encontrar alguns empregos informais, embora geralmente fossem mal pagos, e meus chefes, de alguma forma, conseguiam ser sempre uma pessoa horrível. Não era sustentável e eu não estava proporcionando uma vida segura e saudável para ela.

Uma pedra se forma na minha garganta e por um momento não consigo respirar, muito menos falar. Dez anos não é tempo suficiente para amenizar a dor e a devastação. Uma vida inteira nem seria suficiente.

Cage envolve a mão em volta da minha novamente, me lembrando de que ele está aqui.

— Encontrei uma boa família em uma cidade rica e os persegui. Observei-os durante meses, certificando-me de que eram pessoas boas – pessoas realmente boas com crianças felizes. E então... quando tive certeza de que eles seriam capazes de dar a ela a vida que ela merecia... esperei até que ela adormecesse, então a deixei na porta deles com um crachá e sua data de nascimento como se ela fosse um maldito cachorro.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e mesmo quando meu peito arfa e meus pulmões se expandem, ainda parece que não consigo respirar.

— Continuei a observá-los por vários meses para ter certeza de que eles realmente a acolheram e não a entregaram a algum lar adotivo. Demorou um pouco, mas finalmente eles conseguiram adotá-la. Como ela era mais velha do que quando a levei pela primeira vez e estava a várias horas de distância de nossa cidade natal, ninguém suspeitava de quem ela era. Além disso, certifiquei-me de que ela só me conhecesse por meio de Marie. Foi atribuído a uma mãe drogada que acabou de deixar a filha na porta de um estranho. E eu estava bem com isso. Isso significava que ela estava segura e poderia finalmente viver em alguma paz.

Tudo queima – meus olhos, nariz, bochechas e garganta.

— Quando Legion me encontrou, já fazia um ano desde que a deixei. Nunca o vi, mas ele deve ter me visto quando meu chefe ficou agressivo comigo. Ele me enviou para você, e o resto é história.

Balanço minha perna ansiosamente, a vontade de chorar se torna mais difícil de conter. — Porra, ainda é uma pena que eu não pudesse sustentá-la. — eu arfo, com minha voz alterada por lágrimas.

— Mas você providenciou. — ele insiste, captando meu olhar errante. — Essa opção foi roubada de você, baby. Não é porque você não fosse capaz, mas porque você estava em perigo tanto quanto ela. Você era jovem. E eu sei que ela não está dormindo na sua casa. No entanto, você *proporcionou* a ela a vida que ela merece. *Você* deu isso a ela.

Fecho os olhos com força, algumas lágrimas escorrendo de qualquer maneira.

— Sou egoísta e quero que ela se lembre de mim como me lembro dela. Mas sei que nunca poderei estar na vida dela. Não com meu estilo de vida. Eu quero que ela fique longe dessa merda. Mas senti muita falta dela quando estive no Alasca. Eu era uma maldita zumbi, não importa o quanto tentasse viver.

Meus pulmões ainda estão tensos, mas me forço a continuar, embora pareça que cada palavra é feita de fibra de vidro.

— Então, há quatro anos, desabei e voltei. O proprietário anterior havia falecido e a fazenda estava à venda há algum tempo. Eu tinha um emprego decente no Alasca e usei todas as minhas economias para comprá-la. Sinto-me melhor estando no mesmo estado que Layla, mesmo que não possa estar na vida dela.

Termino minha explicação com um suspiro, sentindo-me exausta de repente. Emocionalmente e fisicamente. Não tinha planejado contar isso a ele, embora, admito, tenha sido bom. Mas agora, eu só quero dormir.

— Você ainda cuida dela? — Cage pergunta corajosamente. Meus olhos abaixam para o meu colo, onde mexo os dedos. Um rubor sobe pela minha garganta, o constrangimento criando raízes.

— Sim. — eu admito, forçando o volume em minha voz. Talvez seja errado ou assustador, mas ela é minha irmã e eu me importo demais para não ver como ela está. E embora seja um pouco embaraçoso, também não me sinto culpada por isso.

Ele ri. — Eu faria o mesmo se os papéis fossem invertidos.

Sorrio cansada, prestes a apoiar a cabeça no travesseiro e desmaiar, mesmo que ele não vá embora. Deixá-lo ficar uma noite não precisa ser grande coisa.

Mais uma vez, ele aperta minha mão, chamando minha atenção de volta para ele.

— Você salvou a vida dela, Molly. Lembre-se disso. Sempre lembre disso.

CAPITULO 11

MOLLY

Nove anos atrás - 2013...

— Jesus, você é tão sexy. Quando Brent contratou você? Se eu soubesse, teria visitado meu primo antes e já teria você nua na minha cama.

Ele é definitivamente um incel². Não consigo imaginar um comentário como esse acontecendo com uma mulher solteira quando ele está sem os dois dentes da frente e sua pele pálida está rosada e coberta de crostas pelo uso de drogas.

Eu me apoio pesadamente no balcão que nos separa, olhando para ele como se fosse uma mosca que espera que eu fique impressionada com suas asas tortas quando ela tem merda espalhada no lábio superior.

— Por favor, me diga, quantas mulheres você conseguiu obter na sua cama com essa cantada?

Ele sorri, acentuando a penugem loira cor de pêssego espalhada acima de sua boca. Aposto que ele acha que isso o faz parecer mais um homem.

— Tenho uma lá agora. Mas terei prazer em expulsá-la só por sua causa.

Que nojo.

Odeio essa porra de trabalho. Odeio meu chefe. E, evidentemente, também odeio a família dele.

Trabalho nesta oficina mecânica horrível há um mês e fui assediada sexualmente mais vezes do que posso contar. Estou perdendo o juízo, mas preciso do dinheiro.

— Não, obrigada. — eu ironizo. — Vou avisar Brent que você está aqui para vê-lo.

Seu sorriso desaparece, substituído por uma expressão sombria. Eu lhe dou as costas antes que algo desagradável saia de sua boca — pior do que o que já aconteceu.

A pequena oficina está situada em uma cidade degradada nas montanhas de Montana. Felizmente, não vi meu rosto estampado em nenhum lugar aqui, e a imprensa passou para outro evento mundial que apenas afirma que este planeta foi para o inferno.

Agora que não tenho mais Layla, me pergunto por que me dou ao trabalho de caminhar entre os vivos. Mas me recuso a ter lutado tanto pela minha vida só para jogá-la fora. Só posso chamar isso de pura teimosia neste momento.

— Brent, seu primo está aqui. — eu chamo em seu escritório, permanecendo firmemente do lado de fora da porta. Cada vez que entro, ele me pede para fechá-la atrás de mim, e sempre termina em uma situação altamente desconfortável. Na maioria das vezes, ele dá em cima de mim. Outras vezes, ele encontra um motivo para me repreender e depois completa com uma ameaça adorável.

Ele sabe que estou fugindo de alguma coisa, já que admiti que é muito perigoso para eu ter carteira de motorista, e adora usar isso como garantia.

— Qual deles?

— Ele não disse. — eu respondo friamente.

Ele suspira, com o som misturado com irritação.

— Então como posso saber se é meu primo? — ele diz rispidamente. — Você sabe muito bem que coloquei a polícia na minha cola. E a primeira que a

ser detida é *você*, garotinha.

E aí está a ameaça.

— Vou perguntar. — murmuro.

Ele murmura um insulto baixinho enquanto caminho de volta para o canalha. Ele está mexendo nos odorizantes de carro, tirando um da prateleira, cheirando-o e deliberadamente devolvendo-o à fileira errada, o tempo todo com um sorriso espertinho no rosto feio. Ranjo os dentes, com a raiva queimando. Brent gritou comigo várias vezes por não ter os odorizantes organizados corretamente quando os clientes fazem exatamente isso.

— Qual o seu nome? — pergunto, tentando manter minha expressão neutra. A última coisa que quero que ele saiba é que sua tentativa de me irritar está funcionando.

Seu sorriso de resposta é maligno, e eu odeio o jeito que isso me faz querer me isolar. Já vi esse rosto com muita frequência. E o que vem depois.

— Você precisa do meu cartão de previdência social também? Basta chamar a porra do meu primo.

É preciso esforço para não cuspir nele do jeito que ele cuspiu em mim. Manter a saliva na boca com essa falha deve ser impossível.

— Ele quer seu nome primeiro. — insisto.

— Não vou falar nada... Brent! Brent, saia! — ele grita alto.

Porra.

Meu coração acelera quando ouço a porta do meu chefe bater atrás dele, seguida por seus passos raivosos. O pânico se instala e sou atingida pelas lembranças de Rocco me atacando com os mesmos passos pesados.

Brent vai até a caixa registradora, com fogo nos olhos castanhos. O suor se acumula ao longo do couro cabeludo enquanto luto para permanecer no presente. Exceto que não sei se a realidade é muito melhor.

— Por que você está gritando, porra? — ele se descontrola, olhando para o homem por um instante, antes de virar para mim. Desta vez, eu me encolho.

Meu chefe é um homem grande. E ele é *mau*.

Ao longe, ouço o toque de outro cliente entrando na oficina, embora nenhum de nós o reconheça.

— Essa vadia se recusou a chamar você depois que eu pedi com educação. Ela é desrespeitosa pra caralho!

Ser chamada de vadia certamente não é novidade e certamente não fere meus sentimentos, mas ele arriscar meu emprego é absolutamente desnecessário.

Minha boca se abre, com um protesto crescendo na minha língua. No entanto, ele se dissipa instantaneamente quando o olhar acusador de Brent se volta para mim.

— Isso é verdade?

— E... eu só estava tentando saber o nome dele, como você pediu. — eu me defendo fracamente.

— Besteira. Ela estava me interrogando, cara!

— Cale a boca, Bud. — Brent manda, embora mantenha seu olhar furioso no meu.

A familiaridade entre os dois é aparente. Acho que isso significa que ele é primo de Brent, o que só piora a minha situação.

— Vá para o meu escritório e espere por mim. — ele ordena sinistramente.

A intenção em seus olhos é inconfundível. Se eu fizer o que ele diz, sairei com menos um pedaço de mim intacto.

Concordo com a cabeça, com um movimento brusco, enquanto me viro em direção ao seu escritório. Também há uma saída por aqui, e se eu quiser me salvar, é imperativo que eu a pegue.

Outro trabalho vai por água abaixo e ainda tenho pouco dinheiro para pagar por isso.

A devastação se mistura com minha ansiedade crescente. Terei que encontrar outra cidade e implorar por um emprego ilegal, mais uma vez. E a probabilidade de encontrar um chefe que seja um ser humano decente é baixa. Não tive um até agora e já passei por quatro empregos.

Estou exausta. Tão exausta.

— A vadia burra não consegue nem arrumar isso direito. — Seu primo, Bud, me ataca. — O morango está misturado com o...

Não ouço o resto do que ele diz e nem preciso. Ele apenas solidificou a

necessidade de dar o fora daqui.

Ando rapidamente em direção à saída e saio de lá sem olhar para trás. A luz do sol atinge meus olhos, embora eu mal registre a dor aguda. Tenho uma visão limitada e a única coisa em que penso é ficar o mais longe possível da *Engines & Oil* possível.

Quando chego ao ponto de ônibus, não tenho ideia de quanto tempo se passou. Não me lembro de um único segundo, nem de todo o trajeto até o abrigo para mulheres onde estou hospedada.

Com pensamentos confusos, finalmente consigo chegar ao abrigo. Felizmente, não há muitas mulheres hospedadas aqui, mas sou obrigada a fazer sessões de terapia de grupo com elas para ficar.

Ele é incrivelmente desconfortável. Pelo menos elas são como eu aqui, traumatizadas e só querem ficar sozinhas. E isso me ajuda a conseguir o meu próprio apartamento, embora seja obrigada a pagar uma pequena taxa para mantê-lo. O objetivo do abrigo é dar as sobreviventes uma forma de independência, longe dos seus agressores, e é consideravelmente mais barato do que alugar apartamentos normais na área.

Chego à minha porta e quase a empurro para entrar, convencida de que Brent me seguiu e está bem atrás de mim. Embora não tenha visto uma única alma, ainda parece que alguém estava atrás de mim durante todo o caminho para casa.

Somente quando a porta está fechada e trancada é que me jogo contra ela e solto um suspiro alto.

Sou incapaz de me sentir aliviada quando estou em perigo quase constante, mas pelo menos não estou sozinha naquele escritório com Brent, possivelmente à beira de ser agredida novamente.

Isso... honestamente, isso é tudo que eu poderia pedir neste exato momento. Isso, e não ter sido seguida até em casa por um daqueles canalhas.

Outra expiração e então um soluço surge. Coloco a mão na boca, mas é uma tentativa inútil de conter o clamor.

Logo, estou superada por eles e não sou mais capaz de ficar de pé. Deslizo pela porta, com meus ombros tremendo e meu peito arfando enquanto lamento após lamento repercute na palma da minha mão.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto em rios e, por muito tempo, não há pensamento por trás da minha agonia.

Nem sei mais por que estou chorando. Por causa do que poderia ter acontecido? Ou porque tenho que recomeçar mais uma vez? Talvez seja porque não importa o quanto eu tente manter meus pés firmes sob mim, eles sempre são chutados.

Eu só... não *aguento* mais isso.

Não quero morrer, mas não quero existir. E desejo com cada grama da minha alma nunca ter nascido. Que nunca fui trazida para um mundo tão frio, violento e cheio de dor.

E o pior é que, embora me sinta morta por dentro, tenho uma dolorosa consciência de como estou viva. Tenho medo de todas as noites quando adormeço porque sei que tenho que acordar de novo e viver esta vida por mais um dia.

Simplesmente não quero estar aqui. Isso é tudo o que quero.

Os soluços diminuem, mas as lágrimas são constantes. O ranho escorre pelo meu nariz, não importa o quanto fungue e, eventualmente, minha bunda começa a doer por ficar sentada no ladrilho implacável por tanto tempo.

Forçando meus olhos ficarem abertos, olho ao redor para minha casa devastada. O pequeno cubo de azulejo branco manchado ao redor da porta da frente transforma-se em um fino tapete marrom. As paredes foram recentemente pintadas de branco, embora não traga muita luz para o quarto escuro.

Ao contrário da casa onde cresci, não cheira a fumaça de cigarro, fluidos corporais e sujeira. É simplesmente antigo. E é a casa mais bonita que já tive. Mas ainda não é minha.

É por isso que o mantive vazio, exceto pelos móveis padrão que vieram com ele. Sem decorações. Sem personalidade. Sem... vida.

Suspirando, enxugo as lágrimas e me forço a ficar de pé. A terapia de grupo só acontece mais tarde, mas geralmente eles preparam uma bandeja de doces com antecedência. Neste momento, um brownie de chocolate é a única coisa que me espera.

Pisco para afastar a umidade residual em meus olhos e espio pelo olho mágico para garantir que nenhum ex-chefe ou primo assustador esteja lá fora. Quando tenho certeza de que o caminho está livre, destranco a porta e a abro. Algo preto e resistente cai no chão e meu coração aperta instantaneamente.

Um jornalista me encontrou. Ou um estranho que está planejando me denunciar à polícia. Diferentes cenários passam pelo meu cérebro na

velocidade da luz. Onde eles me viram. Se eles estão esperando por mim em algum lugar.

Quanto tempo tenho para escapar? Ou é tarde demais?

Parece que estou tendo um ataque cardíaco quando me inclino trêmula e pego o cartão. É de metálico, o que me surpreende primeiro. Então, viro-o para encontrar a palavra *Legion* em negrito e letras douradas. Abaixo está um número de telefone e nada mais.

Nenhum nome verdadeiro. Sem título profissional. Nada.

Mas eles parecem realmente importantes.

Com o coração na garganta, olho ao redor com desconfiança, ainda não vendo ninguém, mas sem confiar nem um pouco nisso. Outros apartamentos circundam o abrigo e a rua fica à minha direita. Existem muitos lugares para eles se esconderem.

Rapidamente, entro em meu apartamento e bato a porta, trancando-a novamente. Então, distraidamente vou até minha cama e sento na beirada dela.

Que porra é *Legion*? E o que poderiam querer comigo?

Por uns bons cinco minutos, discuto comigo mesma. Ligar para eles ou fugir como se minha vida dependesse disso, e espero por Deus que essa *Legion* nunca mais me encontre. Não parece um cartão de visita de um jornalista ou funcionário do governo. E parte de mim está ciente de que se qualquer uma dessas pessoas me encontrasse, estaria batendo nessa porta, e não me deixando algum cartão obscuro e sinistro.

Além disso, é incrivelmente sofisticado. E caro.

Estou bastante confiante de que um policial ou repórter não ganha *esse* tanto de dinheiro. De qualquer forma, não é o suficiente para justificar desperdiçá-lo em um cartão.

Resmungo, ficando irritada comigo mesma. Sem pensar mais, tiro meu celular pré-pago do bolso de trás, disco o número e pressiono ligar antes que possa me convencer do contrário.

A curiosidade venceu e, como um gato, pode me matar.

O toque para, sendo substituído por uma voz pecaminosamente deliciosa. Rouca e áspera, mas sem tom.

— Eu estava esperando que você ligasse.

Meus lábios se abrem, tão incrivelmente despreparados que fico sem palavras.

Estranhamente, ele espera. Nem questiona se ainda estou na linha.

Depois de alguns instantes, me recomponho por tempo suficiente para dizer: — Quem é?

— Legion. — ele responde simplesmente.

— E o que você quer? Como você me achou? — Meu tom fica cada vez mais agressivo a cada palavra, com as engrenagens do meu cérebro mudando do choque para a suspeita.

— Vi você no mecânico e testemunhei o que aconteceu entre você e seu chefe. Você parecia alguém que precisava de ajuda, então eu te segui até em casa. Claro, eu não queria fazer você se sentir mais insegura do que já estou, então deixei você decidir fazer contato.

Pisco, incapaz de formular um único pensamento coerente.

— Você gostaria da minha ajuda? — ele pergunta uniformemente.

— Eu... O que isso implica?

— Uma nova vida onde você estaria segura, confortável e protegida.

Novamente, pisco, com minha boca agora aberta. Então, meu lábio se curva.

— Você é um tarado, não é? Esperando que eu foda com você em troca ou algo assim? Você acha que entrarei voluntariamente em outra prisão, seu doente de merda? Vá para o inferno.

Desligo o celular antes que ele possa responder, com minhas mãos tremendo violentamente. Sinto-me enjoada e todas aquelas velhas memórias ressurgem.

Adorando os homens e oferecendo-lhes prazer às custas da minha própria sanidade. Fui "cuidada e sustentada". Eu também tinha um teto sobre a cabeça e comida no estômago na casa de Francesca.

Mas isso não significa que não estava tendo uma morte lenta. Que eu não estava sendo torturada viva e enlouquecida.

Prefiro ser independente e lutar do que ter um monstro para me sustentar. Pelo menos quando estou sozinha, os únicos demônios contra os quais luto são os meus.

O celular toca, tirando-me dos meus pensamentos. Eu pulo, com o celular caindo no chão e voando para debaixo da cama.

Amaldiçoando eu mesma, fico de joelhos e o pego, apenas para ver *Desconhecido* aparecendo na tela.

Estou tentada a quebrar o celular sob meu pé só para que ele nunca mais possa me alcançar. Mas algo em meu íntimo me diz para atender, mesmo que seja para xingá-lo novamente.

Pouco antes do último toque, abro o flip e atendo.

— Escute, idiota, não quero que você ligue...

— Garanto a você, não quero nada de você. — Sua voz rouca e calma afugenta o resto da minha ameaça.

— O... o que? Por que faria isso? Nenhuma pessoa sã ofereceria algo assim sem amarras.

— Só quero que vá a um local específico e conheça um dos meus homens de confiança. Ele é confiável e vai lhe proporcionar uma vida totalmente nova. Vou deixar um carro para você com as chaves dentro, a localização no GPS e bastante dinheiro para você fazer o que quiser. A escolha é sua e ninguém irá forçá-la. Sem sexo. Não há requisitos fora disso. Eu prometo.

Isso é uma piada. Uma pegadinha. Tem que ser.

O suspiro do outro lado da linha é quase discernível.

— Reconheci você, Molly. E posso ver a um quilômetro de distância que não está em um bom lugar. Não contarei a ninguém sobre sua identidade ou localização. Eu só quero ajudar você a chegar a algum lugar seguro, só isso.

Porra. Porra, porra, porra, porra. PORRA.

Meu coração não aguenta esse abuso. É apenas uma questão de segundos antes que isso me faça desistir completamente.

— Por quê? — eu surto, meu modo de fuga começando a entrar em ação. Alguém me *reconheceu*. E isso pode ser catastrófico.

— É o que eu faço. — ele responde.

Não é uma resposta boa o suficiente.

— O que quer em troca?

— Você não conta a ninguém para onde está indo ou sobre o que meu amigo fará por você. Nada mais. Apenas o seu silêncio.

— E se eu não fizer isso?

— Desapareceremos sem deixar vestígios antes que alguém possa nos encontrar e nunca mais estaremos à sua disposição.

— À minha disposição? — eu repito estupidamente.

— Você aprenderá que sou um amigo valioso, caso precise de mim novamente.

Ele fala com uma postura e confiança diferente de tudo que já ouvi antes. É quase tão intimidante quanto reconfortante. Uma combinação estranha e que considero mortal.

Seria incrivelmente estúpida se considerasse isso. Conhecer um completo estranho que está fazendo uma oferta que parece boa demais para ser verdade. Especialmente quando fui reconhecida. Isso pode ser uma armadilha. Uma estratégia para me usar para algo nefasto.

Não... *pior*. Ele poderia estar ligado a Francesca e tentar me levar de volta para aquela casa.

— Para quem você trabalha?

— Eu sou meu próprio patrão.

— Alguém contratou você?

— Não, Molly. Eu faço a contratação.

Por que acredito nele? Ninguém em sã consciência consideraria algo assim.

Mas minha mente não está certa há mais de cinco anos. E neste momento, o que tenho a perder?

Minha vida?

Que vida?

— Você terá uma nova identidade, uma casa, um emprego, uma vida totalmente nova. Existem muito poucas pessoas que merecem isso mais do que você.

É como se ele pudesse sentir que estou à beira de um penhasco e só precisava de um empurrão final.

— Tudo bem. — digo correndo, quase como se minha boca estivesse percorrendo a parte racional do meu cérebro. — Mas no segundo em que sentir que algo está errado, estou fugindo.

Outro suspiro baixo. Este parecia aliviado.

— Claro. Enviarei uma mensagem para você com mais instruções. Você não vai se arrepender disso, Molly.

A linha fica muda e, lentamente, afasto meu celular do ouvido e olho para a tela sem expressão.

Minha mente não está acelerada. Estou atormentada apenas por um único pensamento.

Em que *diabos* estou me metendo?

CAPÍTULO 12

MOLLY

Presente - 2022...

Layla é extremamente atlética e não tenho ideia de quem ela herdou isso.

Talvez a nossa mãe também foi, antes de entrar nas drogas. Duvido que

papai tenha levantado algo mais pesado do que uma garrafa de vodka em sua idade.

Apesar de tudo, minha irmã mais nova é a estrela do time de futebol e acabou de marcar seu terceiro gol.

Pulo da cadeira e bato palmas como se houvesse uma vespa na minha cara, mas evito torcer e gritar como quero. Prefiro que os pais dela pensem que sou um membro da família entusiasmado por outra criança do que me perguntar por que há uma estranha gritando o nome da filha deles.

— VAI, EMMA! — Sua mãe, Margot, grita com as palmas das mãos em volta da boca. Seu marido e pai de Layla, Colin, está ao lado dela, torcendo com o mesmo entusiasmo.

Estou muito grata por eles terem mantido o nome que dei a ela. É o nome que eu daria à minha própria filha, se alguma vez tivesse tido uma.

Eu sabia que, se quisesse manter Layla realmente protegida, não poderia levar uma criança desaparecida *como* uma criança desaparecida e chamá-la descaradamente pelo nome que estava sendo divulgado nos noticiários. Embora eu tentasse evitar o público a todo custo, houve momentos em que isso era inevitável. E eu sabia que, eventualmente que, Layla iria crescer e saber seu nome, e eu não podia arriscar que ela soubesse quem era. Era necessário para sua segurança. E agora, é essencial que ela continue a viver uma vida segura e feliz.

O longo rabo de cavalo loiro de Layla balança atrás dela enquanto ela faz a dança mais fofa e feliz, seus companheiros correndo para torcer com ela. Meus olhos ficam turvos, o orgulho irradia do meu peito tão intensamente que mal consigo respirar.

É impossível para eu saber quem ela é lá no fundo, mas tenho certeza de que ela é a melhor garota de quinze anos que já existiu. Engraçada, inteligente e popular. E pelo que vi, ela é tão gentil.

Qual é a única coisa que realmente importa para mim. Isso, e ela ser sustentada e amada do jeito que merece ser.

Mas se o casal abaixo de mim servir de indicação, ela tem exatamente isso. Suas expressões se assemelham às minhas. Orgulho, alegria e tanto amor que chega a doer.

Ou talvez só doa porque ela não conhece mais o meu amor, e eu só tive o dela durante cinco anos de sua vida.

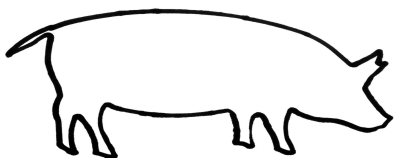
O jogo termina uma hora depois e, para surpresa de ninguém, o time de

Layla vence por 4 a 0. As meninas estão reunidas em um grupo enorme, todas aplaudindo e gritando de alegria.

E quando os pais dela vão até o grupo e abraçam Layla com entusiasmo, com suas bocas formando as palavras *eu te amo* e *estou orgulhoso de você*, eu me viro e vou embora.

Lágrimas ardem em meus olhos, como costumam acontecer depois dos jogos dela. Seja porque ela ganhou e não posso festejar com ela, ou porque perderam e não consigo consolá-la.

Independentemente disso, estou muito feliz por ela. Porque mesmo que não sejam meus braços que a envolvem, o abraço em que ela está não é menos amoroso.



Esta é literalmente a pior coisa que já aconteceu comigo, especialmente no meio de um maldito Target³.

— Marie, esta é minha mãe, Winifred. — Cage nos apresenta, com um sorriso de merda aparecendo em seus lábios. Eu adoraria dar um tapa, mas atualmente estou paralisada.

Sei que meus olhos são do tamanho de bolas de golfe e, se o sorriso igualmente travesso no rosto de sua mãe servir de indicação, isso não passou despercebido.

Ela não pode ter mais de 1,50m de altura e me olha com olhos castanhos. Seu cabelo curto e branco se enrola artisticamente em volta da nuca e na testa, perfeitamente penteado. Batom vermelho brilhante pinta seus lábios sorridentes, e ela usa jeans pretos deslumbrantes e uma blusa com estampa de leopardo.

— É tão bom conhecer você. — grito, estendendo a palma da mão para ela apertar. Ela zomba e rebate antes de me puxar para o abraço mais caloroso que já experimentei.

Minha garganta aperta, mas escolho acreditar que é porque estou tão aliviada por ela não ter que tocar minha mão suada. Quando me afasto, encontro o olhar de Cage, apenas para meus olhos gravitarem em direção à caixa de camisinhas logo atrás dele.

Jesus Cristo.

Nunca vou me recuperar disso.

Depois do jogo de Layla, recebi uma ligação do Legion informando que receberia outra entrega esta noite.

No último mês, Cage vem entregando corpos de três a quatro vezes por semana e, a cada vez, ele encontra uma nova maneira de acabar na minha cama.

Além do incidente no celeiro, comecei a obrigá-lo a usar camisinha. E devido ao seu desejo sexual insaciável, já usamos uma caixa inteira de cinquenta.

Tentei me convencer de que o mês passado foi um sonho estranho e lúcido, mas os hematomas em meus quadris e na bunda tornaram isso impossível de negar.

E todas as noites, depois que ele ia embora, eu tentava dizer a mim mesma para manter as coisas estritamente profissionais dali em diante, mas a pontada em meu coração me deixou saber que o meu corpo discordava fortemente.

Então, como qualquer mulher responsável de 34 anos, eu estou comprando mais camisinhas.

Só por precaução.

Um esforço seguro de qualquer forma. Até que uma presença se aproximou de mim, com um aroma delicioso invadindo meus sentidos antes que uma mão familiar apontasse para uma marca específica.

— Eu precisaria dessa.

Meus olhos arregalados processaram lentamente o XL brilhante na caixa, depois o sorriso largo de Cage bem na minha frente.

Antes que eu pudesse pronunciar uma palavra, um rosto doce apareceu do outro lado dele, repreendendo-o por tentar "*cortejar uma senhorita de uma maneira tão descaradamente*".

— Não sabia que Cage tinha uma nova amiga! — ela exclama calorosamente, afastando-se apenas para capturar meu rosto entre suas mãos macias. — Ah, que beleza você tem! Seus olhos são muito sexy, sabia disso? E essa marca de mordida, querido Senhor, deve ter vindo de uma pessoa horrível. Mas, ousou dizer, isso faz você parecer muito ousada, minha querida.

Minha boca abre.

Cage suspira.

— Ela está passando por uma fase de chamar as mulheres de sexy. Ontem ela me disse que queria voltar a usar calças de couro. — explica Cage. Apesar do tom seco, seus olhos brilham com diversão.

Winifred me libera para dar ao filho um olhar descontente. — Foi assim que seduzi seu pai, você sabe. Eu estava usando uma calça de couro justa e um top vermelho brilhante. — ela retorna seu olhar para o meu, com entusiasmo brilhando em seus olhos. — As meninas nunca estiveram melhores, deixe-me dizer. O pai dele deu uma olhada e me fez curvar...

— Mãe. — Cage intervém severamente.

Ela revira os olhos e pisca para mim, com um sorriso tortuoso curvando os seus lábios vermelhos. — Não se preocupe, querida, eu terminarei a história em outra hora. Ele fica *sensível* quando falo sobre minha vida sexual na frente dele.

Uma reação válida, só que não digo isso. Em vez disso, retribuo o sorriso, embora nervoso.

— Sim, eu adoraria ouvir isso. — murmuro.

— Ótimo! — ela grita, assustando um cliente no final do corredor. Eu reprimo um sorriso quando a jovem loira nos dá uma expressão perplexa. É certo que é hilário e uma risada escapa.

Winifred nem percebe.

— Venha jantar amanhã à noite e eu lhe contarei todas as histórias. Eu costumava ser uma groupie naquela época. E deixe-me apenas dizer que os aspirantes a astros do rock são melhores do que os de sucesso. Quando ficam ricos, sentem que não têm ninguém para impressionar. —ela acena com a mão alegremente.

— Mãe...

— De qualquer forma, você pode? Faço a melhor torta de pêssego.

Seu olhar está cheio de tanta esperança que é literalmente impossível dizer não. Olho para Cage, encontrando uma expressão sombria e quase provocadora. Ele quer que eu responda, o que só faz com que minha frequência cardíaca suba a níveis perigosos.

Ele obviamente não está se sentindo inclinado a me dar uma chance, e não tenho certeza se é porque está gostando de me ver lutar ou porque ele realmente quer que eu vá.

De qualquer forma, ele é um idiota.

— Si... sim, claro. Eu não tenho planos.

— Ótimo! — ela grita pela segunda vez e, mais uma vez, assusta a mesma jovem, que desde então se aproximou. Ela pula de susto, deixa cair uma caixa e corre para pegá-la, com as bochechas agora vermelhas.

Então, a cliente cansada dá um olhar perplexo para Winifred, prendendo freneticamente os fios loiros atrás da orelha, e sai correndo antes que sofra um ataque cardíaco em uma idade muito jovem.

— Cage adoraria ir buscá-la. — ela sugere, nem mesmo se preocupando em checar com ele primeiro. Ela se vira para ele. — Traga-a às seis. E compre para nós algumas daquelas coisas boas que eu gosto.

Minhas sobrancelhas levantam.

Cage revira os olhos. — Ela está se referindo ao vinho. — ele esclarece secamente.

Winifred volta a se concentrar em mim. — E, pelo amor de Deus, use algo confortável. Estaremos sentados em um sofá, bebendo e falando mal do meu filho maravilhoso, então, por favor, não sinta necessidade de me impressionar com um vestido bobo. Garanto que os que estão no meu armário são mais sexy de qualquer maneira. — ela orienta. Ela vai se virar, mas depois vira de volta. — Ah, e não deixe ele te convencer a não usar camisinha. Criar filhos é tão década de 1950. Aqui, se ele for parecido com o pai, então isso deve funcionar.

Eu rio quando ela pega as camisinhas pequenas da prateleira e as joga no meu carrinho sem olhar para trás, depois se despede de mim.

O rosto de Cage passa de choque para visivelmente ofendido. — Ah, ela tem piadas.

A gargalhada de resposta de Winifred pode ser ouvida em vários corredores, e tenho quase certeza de que, onde quer que a jovem loira esteja

na loja, isso conseguiu assustá-la novamente.

CAPÍTULO 13

CAGE

Nove anos atrás - 2013...

— Quero devolver essa merda de TV. — A velha se descontrola, com o cabelo loiro e grisalho bagunçado enquanto ela bate o recibo no balcão.

— O que há de errado com ela? — Meu funcionário, Silas, pergunta, mantendo seu tom gentil, apesar da má atitude da mulher desde que invadiu a loja. Ela é baixa, claramente fumante e tem o peito inflado como se fosse uma durona. Seus ossos são como gravetos, mas seja o que for a tira da cama.

— Não ligava! — ela exclama, batendo as mãos enrugadas no balcão. — Que tipo de idiota vende uma TV que não liga?

Os olhos de Silas tremem e eu rio baixinho.

— Continuei pressionando o maldito controle remoto e nada!

— Você se certificou de que estava conectada?

A mulher olha para Silas como se ele falasse uma língua estranha, o que parece apenas enfiar-lhe a faca ainda mais.

— Conectada em quê? — ela grita, com sua voz aumentando. — Quer saber, não importa. Devolva-me meu dinheiro, seu pedaço de merda. — ela joga o recibo no peito de Silas.

É quase impossível conter meu sorriso, considerando que sei exatamente a pergunta que vai sair de sua boca.

— Claro, senhora. Onde está a TV

Mais uma vez, ela olha para ele como se não entendesse.

— Na minha casa! Você acha que uma velhinha como eu pode carregar isso sozinha aqui? Vocês não podem ir buscá-la?

Silas agora é quem está olhando, completamente pasmo. Abaixo a cabeça para esconder minha risada silenciosa.

— Hum, não, senhora. Se quiser devolver um item, você precisa trazê-lo. Não vamos à casa das pessoas para recuperá-lo.

A boca da senhora cai por um momento e então ela começa a sair pela tangente. As palavras "*vocês*" e "*pedaços de merda*" são ditas tanto que estou pronto para mandá-la para uma sepultura precoce e escrever as palavras em sua maldita lápide.

Eventualmente, eu intervenho e a mando embora, prometendo uma devolução quando ela trouxer de volta a porra da TV. Ela não discutiu muito. A maioria não faz isso quando quebra o pescoço simplesmente para olhar para mim.

O que torna meu trabalho muito mais fácil, considerando que os meus clientes habituais não querem comprar TVs. E embora eu tenha trabalhado com algumas avós, elas certamente não eram inofensivas.

— Por que é tão mais fácil lidar com criminosos? — Silas resmunga, dando um olhar feio para a porta pela qual a velha acabou de sair.

Levanto uma sobrançelha. — Por que acha que criei este negócio?

Silas levanta a própria sobrançelha zombeteiramente. — Porque você é um filho da puta inteligente que aprendeu a fazer algo que noventa e nove por cento da população não consegue fazer?

— Noventa e nove por cento é um pouco exagerado. — respondo secamente.

Mas não está longe.

Eu tinha doze anos quando minha irmã mais velha, Olivia, pagou a algum idiota por uma identidade falsa. Lembro-me dela estar tão animada, com seus olhos azuis brilhando enquanto falava sobre entrar em seu primeiro bar.

Ela tinha dezesseis anos e estava profundamente em sua fase rebelde.

Naquele fim de semana, Olivia se arrumou com sua melhor amiga, Kelly, e elas escaparam depois que nossa mãe foi dormir. Essa foi a última vez que a vi, e lembro-me vividamente de chamá-la de idiota antes de ela sair pela janela e fugir noite adentro.

A história do que aconteceu depois foi contada pela boca do assassino durante seu julgamento.

Segundo o policial James Gill, ele foi chamado ao clube em que Olivia e Kelly tentaram entrar. O segurança deu uma olhada e percebeu que suas identidades estavam mal feitas. Então, para lhes dar uma lição, ele chamou a polícia.

O oficial Gill chegou ao clube dez minutos depois e as conduziu para o banco traseiro de sua viatura. Exceto que ele nunca as levou para a delegacia.

Em vez disso, ele as levou até a sua casa, situada perto das montanhas, nos arredores da cidade. Lá, ele estuprou e torturou-as por dois dias, até que finalmente atirou na nuca de ambas.

Durante dois anos, não sabíamos o que aconteceu com elas. Até que o policial Gill sequestrou outra garota e, ao contrário de minha irmã e de sua amiga, ela escapou e sobreviveu para contar à força policial que homem malvado trabalhava para eles.

Depois disso, revistaram sua casa e encontraram Olivia, Kelly e outras sete meninas enterradas em sua propriedade.

Tudo que eu conseguia pensar era que se minha irmã e sua amiga nunca tivessem conseguido identidades ruins, James Gill nunca teria entrado em suas vidas. Nunca as teria colocado na traseira do carro e as assassinado sem sentido.

No meu cérebro estúpido de quatorze anos, pensei que estava vingando minha irmã aprendendo como fazer identidades falsas legítimas para mulheres jovens. Não demorou muito para eu perceber que estava apenas permitindo que elas entrassem em um ambiente cheio de homens igualmente maus. Elas não estavam mais seguras e se minha irmã tivesse entrado no bar naquela noite, não havia garantia de que um homem diferente não teria cometido o mesmo ato atroz.

Então, por um tempo, tive uma habilidade que não sabia utilizar.

Até que um dia, um garoto alguns anos mais velho, David, veio até mim e perguntou se eu poderia fazer mais do que apenas fazer uma nova

identidade para ele. Ele queria uma nova vida.

Seu pai era general do Corpo de Fuzileiros Navais e altamente abusivo. David sentia que sua vida corria perigo sempre que voltava para casa e estava convencido de que, se simplesmente fugisse, seu pai o encontraria. Acho que o pai dele o ameaçou.

Levei duas semanas para descobrir como conseguir para ele um novo cartão de previdência social e uma certidão de nascimento. Até consegui um emprego para ele em um barco de pesca.

Isso despertou uma paixão que eu não sabia que tinha. Acontece que fazer as pessoas desaparecerem seria a forma como eu as salvaria.

Fiz dezoito anos e comecei meu próprio negócio, a *Black Portal*, uma loja de eletrônicos que vende TVs. Mas isso era apenas a minha fachada. Vendi meus serviços reais de boca em boca no início. Por fim, chamei a atenção de Legion por um de meus clientes que o conhecia, e ele gostou do que eu poderia fazer e enviou mais clientes para mim. Ele ajuda a me trazer negócios; em troca, eu o ajudo com favores.

Minha única regra: não ajudo estupradores ou pedófilos, o que não é um problema, já que Legion faz com que esses tipos desapareçam de forma mais permanente. Assassinos, eu considero caso a caso. Ajudei bandidos a fugir, mas não lhes faltou a bússola moral de que necessito se quiserem minha ajuda. Existe uma área cinzenta, principalmente quando se trata de assassinato.

— Jesus, é quem eu penso que é? — Silas sussurra, com sua pergunta saturada de descrença.

Meu coração para de bater no segundo em que coloco os olhos nela.

A maldita Molly Devereaux está vindo em direção ao balcão, com os olhos movendo em todas as direções. Seus ombros estão curvados para dentro e está mexendo nas unhas ansiosamente. Cachos castanhos escuros estão deliberadamente soltos ao redor de seu rosto, mas aqueles olhos verdes e tristes e a cicatriz na maçã de sua bochecha... é uma revelação absoluta.

Ela estava estampada em todos os noticiários quando desapareceu. E então sua irmãzinha, Layla, oito meses depois. A maioria presume que o pai pegou Layla e fugiu, mas nenhum dos dois foi visto desde então. Ambas meninas com desaparecimentos estranhos, que até hoje não foram solucionados.

Já se passaram quase seis anos desde que ela desapareceu. Agora, aqui está ela, em carne e osso. E ela não parece menos triste do que no pôster de

pessoa desaparecida.

— Eu resolvo isso. — Aponto o queixo para Silas, sinalizando para ele nos deixar em paz. Sem dizer uma palavra, ele desaparece nos fundos.

— Dizem que pessoas que têm olhos como os seus estão destinadas a uma morte trágica.

Há uma ligeira pausa em seu andar, mas ela avança até ficar a trinta centímetros de distância, com apenas um contraponto entre nós.

— Olhos Sanpaku. — esclareço. — Quando você tem uma lacuna abaixo da íris.

— Você cumprimenta todos os seus clientes dizendo que eles vão sair em uma bola de chamas?

— Normalmente é por isso que eles vêm me encontrar. Sou eu quem os salva do fogo.

Ela resmunga, me distraíndo da contagem das sardas em seu nariz. Só cheguei aos quinze, mas não me importo de reiniciar.

— Só estou aqui para ver TV. — ela mente.

Meu sorriso de resposta é involuntário. — Claro, de que tipo? — pergunto

— Hum... — ela olha ao redor e depois aponta para uma tela plana de cinquenta polegadas. E se eu tivesse que adivinhar, muito fora de seu orçamento. — Aquela.

— São quinhentos dólares.

Seus olhos arregalados desviam para os meus. — Jesus. — ela murmura. — Isso é literalmente tão supérfluo.

Aponto para nossa TV mais barata. É uma pequena caixa de uma década atrás, mas foi reformada.

— Cinquenta dólares por essa.

Seu nariz franze de desgosto. — Isso não parece valer mais do que um dólar.

— É uma antiguidade.

— Parece mais adequada para fazer uma fogueira. — ela responde sem

hesitação.

Estou sorrindo como um idiota.

— Provavelmente é, mas tenha cuidado, meu funcionário pode ouvir você. Esse é o seu orgulho e alegria.

Ela levanta uma sobrancelha. — Minhas condolências ao seu ego ferido.

Droga. Eu acho que a amo.

Ela limpa a garganta, percebendo que estávamos nos encarando com sorrisos estúpidos em nossos rostos.

— Então, você aceita planos de pagamento para apagar incêndios?

Apoio os braços no balcão, agora encarando-a. Posso sentir o quanto perverso isso é, mas não consigo esconder.

— Primeiro, diga-me seu nome. O meu é Cage Everhart.

Ela estreita os olhos, aparentemente desconfiada.

— Você está me dizendo que não sabe quem eu sou? Legion não te contou que eu estava vindo?

Sorrio, apreciando sua observação.

— Legion na verdade não me avisou, filho da puta. Mas embora eu reconheça você, queria ter cuidado caso você passasse por outra coisa.

Ela resmunga e depois responde: — Molly. Você pode me chamar de Molly.

Estendo a mão para ela apertar, a qual ela agarra timidamente. No segundo em que sua pele toca a minha, parece que pequenas correntes elétricas passam por nossas palmas.

— Prazer em conhecê-la, Molly. — digo.

Se eu tivesse que segurar a mão dela para sempre, não seria o suficiente. No entanto, ela me solta e tira um cartão preto do bolso de trás da calça jeans azul escura, parecendo insegura. — Legion?

Ela diz isso como se fosse uma pergunta, embora as letras douradas digam exatamente isso.

Já vi esse cartão algumas vezes. E sempre, a pessoa que o entrega é

alguém que precisa desesperadamente de uma fuga.

Isso também significa que Legion está cobrindo completamente suas taxas. E meus preços são altos.

— Você sabe para onde quer ir? — pergunto, passando o polegar sobre as letras metálicas. Normalmente, guardo o cartão, mas devolvo-o a ela por motivos que não consigo explicar. Hesitante, ela o agarra e enfia novamente na calça jeans.

— Alasca. — A resposta parece sair de sua garganta, como se estivesse aprisionada atrás de seus dentes.

Levanto uma sobrancelha em surpresa. A maioria das pessoas tenta ir à praia, onde faz calor e faz com que se sintam como se tivessem fugido para uma ilha tropical. Eu *poderia* enviar pessoas para lugares como esse, mas a maioria não pode pagar essa taxa elevada.

No final das contas, elas vão para onde eu as mando, embora eu tente encontrar um lugar que as deixe satisfeitas. Especialmente se elas merecem essa paz.

— Você gosta do frio?

Ela encolhe os ombros e parece que está lutando com as próximas palavras.

— Se eu estiver no deserto, só eu e os lobos, ninguém vai me encontrar. Ninguém vai me reconhecer. Eu desapareci uma vez. Desta vez, quero que seja para sempre.

Minha língua forma as palavras para perguntar o que aconteceu com ela naquele dia. Quem a estava perseguindo? Eles colocaram aquele olhar assombrado em seus olhos? Como ela escapou? E o que a leva a permanecer escondida do mundo?

— Vai levar umas boas vinte e quatro horas para minha equipe conseguir tudo. — digo a ela.

Seus dedos batem no balcão e ela morde o lábio nervosamente.

— Isso vem com acomodações antes de eu partir? — ela pergunta, com suas bochechas começando a ficar vermelhas de vergonha. — Eu, hum, eu realmente não tenho para onde ir enquanto espero.

Legion cobrirá todas as suas despesas, incluindo alimentação e necessidades básicas. Se ela tem aquele cartão preto, ela também pode ter o

cartão de crédito dele.

Mas eu não conto essa parte para ela. Ainda não, pelo menos.

— Claro. — digo. — Nós ajudaremos você a se instalar em um hotel. Legion irá pagar para você.

Seus ombros caem de alívio, mas os meus se contraem.

É um sentimento que não consigo nomear. Um que provavelmente tem alguma palavra obscura para descrevê-lo. Mas saber que esta pode ser a última vez que a vejo antes de ela partir não me agrada. Na verdade, fico desesperado para garantir que não seja o meu último momento com ela.

Não por causa de quem ela é e do que aconteceu com ela. Mas porque, por alguma razão indescritível, ela parece minha.

— Dê-me um segundo para resolver algumas coisas. Fique aí, ok?

— Ok. — ela resmunga, dando outro olhar ao redor.

Ela está desconfortável, e eu decido imediatamente que realmente odeio isso.

Não é fácil desviar o olhar dela, mas me forço a virar e ir para os fundos. Silas está parado na frente de uma pilha de TVs embaladas, com uma prancheta na mão enquanto examina o inventário.

— Vá lá para frente fique de olho nela. Certifique-se de que ela não seja reconhecida. Só vou demorar um minuto.

— É para já. — ele murmura, antes de largar a prancheta e ir para frente.

Espero alguns minutos, garantindo que ele não esteja por perto, então pego meu celular e começo a trabalhar. Dentro de um minuto, ligo para o primeiro do hotel.

— Obrigada por ligar para o Milton Hotels. Como posso ajudá-lo? — Uma mulher cumprimenta, com a voz estridente.

— Gostaria de reservar todos os quartos disponíveis para esta noite.

Há uma pausa. — Des... desculpe, você disse *todos* os quartos disponíveis?

— Sim, por favor. Todos os quartos. Até que você esteja lotado e não tenha nenhum sobrando.

— Hum, ok. Claro.

Feito isso, ligo para todos os hotéis em um raio de cinquenta quilômetros e reservo-os também.

CAPITULO 14

MOLLY

Nove anos atrás - 2013...

— Você tem um computador que eu possa usar para encontrar um hotel? – pergunto, batendo meus dedos contra o balcão nervosamente. Cage acabou de voltar dos fundos e a ansiedade está corroendo meu estômago.

Toda essa situação está muito além do meu alcance, e me sinto um pouco enjoada se analisá-la muito profundamente.

Tão facilmente, eu poderia estar entrando na toca de outro lobo. Não tenho certeza se escapar do tráfico humano me tornou cautelosa ou imprudente neste momento. Tudo o que faço parece que minha vida está em risco e não tenho certeza se viverei o suficiente para conhecer a paz.

— Silas vai reservar o quarto para você e cuidar disso. – diz Cage.

Seu funcionário não perde mais um segundo e pega o celular, pesquisando no Google os hotéis próximos.

— Certo. Obrigada. – murmuro.

— Você precisa de alguma coisa enquanto isso? Água? Comida?

Eu pisco. A comida tem sido mais um luxo do que uma necessidade, e me tornei bom em ignorar as dores da fome. Desde que me lembro, sempre foi uma luta para abastecer meu corpo. E não sei se alguma vez me ofereceram comida e água em todos os meus vinte e cinco anos de vida.

— Hum, acho que água seria bom. — digo, com minhas bochechas queimando.

— Claro, obrigado. — Silas murmura ao celular antes de desligar, com a testa franzida. — Esse é o segundo hotel para o qual liguei que está completamente lotado.

Cage olha para ele. — Continue tentando. Tenho certeza de que há pelo menos um com quarto disponível. — Então, seu olhar volta para o meu. — De qualquer forma, já é hora do jantar para nós. Estaremos abertos por mais uma hora e suponho que não seja inteligente levá-la para sair em público, então posso pedir uma pizza, se quiser?

Meus lábios se abrem, mas não tenho palavras. Não sei por que, mas é constrangedor que ele queira me alimentar. Sei que estou desnutrida, mas acho que não gosto que seja tão óbvio.

No entanto, estou com muita fome para recusar.

— Claro. Isso seria legal. Obrigada.

— Quais coberturas você gosta na sua pizza?

Fico mais quente e evito o contato visual, decidindo fixar meu olhar nas minhas unhas lascadas. — Nunca comi pizza antes, então realmente não sei. Acho que só queijo está bom.

Quando encontro coragem para olhar em sua direção, fico quase impressionada com a facilidade com que ele domina sua expressão. Ele não fica boquiaberto para mim como eu esperava. Em vez disso, um sorriso malicioso curva seus lábios.

— Então me deixe apresentar a você a melhor coisa que você já comeu na vida. Vou pedir uma suprema, talvez uma havaiana, se você for do tipo que gosta de abacaxi na pizza - um grande debate no mundo, aliás - e, claro, uma de queijo simples e uma de calabresa, só para garantir.

Meus olhos quase saltam das órbitas enquanto ele continua. — Ah meu Deus, não. Isso é muita comida! Você realmente não precisa fazer isso...

Ele se apoia pesadamente no balcão à minha frente, interrompendo o que diabos eu ia dizer. Ele olha para mim com uma expressão desafiadora, mas o que me deixa sem palavras é a energia animalésca que irradia dele. Eu não sei se ele está ciente disso, mas isso me deixa em chamas de qualquer maneira.

— Sei que eu não preciso. Mas eu gosto de comer. — ele fala preguiçosamente.

Meu peito aperta e um enxame de borboletas vibra na boca do estômago. Não parece que ele esteja declarando o seu carinho por consumir *comida* neste momento.

É como se uma garra afiada e pontuda estivesse apoiada no interior da minha garganta e lentamente se arrastasse pelo meu peito, até o estômago e entre as coxas, deixando um rastro quente em seu rastro.

Fico tentada a fazer alguma piada brega sobre não ter prática em comer, embora saiba engolir. Exceto que não tenho confiança para dizer algo assim. Nem tenho certeza se gostaria.

Sexo não é algo que me interesse. Não depois de passar por tudo o que passei. Na verdade, ficarei perfeitamente satisfeita se nunca mais tiver que ver outro pau pelo resto da minha vida.

No entanto, a forma como Cage olha para mim agora... me pergunto se isso é realmente verdade.

Eu não tinha considerado como seria o sexo se eu o escolhesse e se fosse algo que me faria sentir bem.

— Droga! — Silas grita, quase me assustando. Cage estica a cabeça por cima do ombro, olhando para seu funcionário.

— Desculpe. — ele murmura. — Liguei para todos os malditos hotéis próximos e todos eles estão reservados. Como isso é possível?

Meu coração dispara e imediatamente meus pensamentos começam a girar. Tenho o carro de Legion e provavelmente poderia dormir nele esta noite. Não é seguro, mas se eu encontrar um estacionamento com outros carros, talvez ninguém perceba.

— Está tudo bem. Posso encontrar outro lugar para ficar...

— Absolutamente não. — interrompe Cage, endireitando a coluna. — Eu tenho um quarto extra. Você pode ficar comigo esta noite.

Minha boca vacila por alguns momentos antes de eu levantar as mãos, finalmente tendo a voz para protestar. — Nã... não. Isso não é necessário. Eu encontrarei...

— Se você está pensando em dormir em algum lugar ao ar livre, terei que impedi-la aí. Isso é muito perigoso.

Um vinco se forma entre minhas sobrancelhas. — E ficar com um completo estranho não é?

Suas feições relaxam um pouco e ele dá um sorriso suave.

— Ligue para o Legion. Ele colocará seguranças do lado de fora da minha casa. No segundo em que você gritar por socorro, eles virão correndo e eu levarei uma bala no cérebro antes de poder piscar.

— Uma bala? Isso... isso também parece desnecessário.

Ele levanta uma sobrancelha. — Não é?

Uma imagem do meu pai sendo despedido por porcos passa pela minha cabeça e eu cedo: — Acho que não.

— Se vale de alguma coisa, eu nunca machucaria você. Prometo não encostar um dedo em você. — Há uma pausa e ouço as palavras não ditas às quais ele não dá voz.

A menos que você me peça.

Uma grande parte de mim está feliz por ele não ter dito isso. Mas outra parte de mim está um pouco decepcionada. Talvez porque não sei se algum dia terei coragem de dizer que *quero* que ele faça isso.

Ele acena para mim. — Ligue para o Legion.

O celular preto queima no meu bolso de trás e estou tentada a retirá-lo e fazer exatamente isso. Mas e se Legion não for um homem melhor do que Cage? Se ele me levou a alguém disposto a me machucar, também duvido que ele seja um cara honesto.

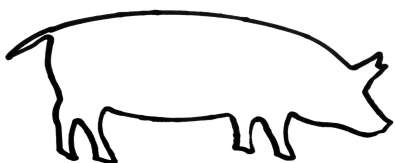
E prefiro lutar contra um homem num lugar onde tenho acesso a uma faca do que contra um homem quando estou sozinha no carro.

Eu me sinto segura com Cage? Não. Mas não porque eu ache que ele vai me machucar.

Só que vai doer quando eu precisar ir embora.

Não sei por que me sinto segura com ele, só que me sinto. E se há uma coisa em que me tornei realmente boa ao longo dos anos, foi confiar no meu instinto.

— Está tudo bem. — eu forço. — Vou acreditar na sua palavra.



— Quantos anos você tem? — pergunto, embora minha voz esteja ofegante de admiração enquanto meu olhar percorre sua casa.

— 27. — ele responde instantaneamente.

Nunca vi um jovem de 27 anos possuir uma casa como esta. É *linda*.

O interior é uma combinação de pedra preta, painéis de madeira folheada e paredes cor de creme. A vida vegetal está espalhada por toda a planta aberta, complementando os móveis em tons terrosos.

A sala de estar é rebaixada em relação à cozinha, dois degraus arredondados que levam até onde um enorme sofá preto circular fica em frente a uma lareira, com uma enorme TV instalada acima dela.

À minha esquerda está uma cozinha elegante com uma enorme bancada no meio. Lá, Cage coloca a pilha de papelão com caixas de pizza, que sobrou de algumas horas atrás. A suprema era a minha preferida, e achei a de queijo muito chata. Para consternação de Silas, não me importei com a de abacaxi na pizza, embora não fosse algo que eu pediria para mim.

— Você pode comer mais se ainda estiver com fome. — Cage diz, apontando para a comida.

— Estou cheia. — protesto. Nunca comi tanto na vida, mesmo que tenham sido apenas quatro fatias.

Cresci comendo sanduíches de ketchup com pão amanhecido e sopa quando estava com Francesca. Alimentos gordurosos e fritos eram um luxo que nunca conheci.

Seu olhar percorre lentamente pelo meu corpo antes de retornar para o meu. Quando ele termina, estou pegando fogo e me mexendo, com minhas coxas apertando com a pulsação entre elas.

— Você estará com fome de novo em breve.

Eu não sei o que isso significa. Mas a maneira como sua voz ficou áspera me fez me mexer mais uma vez.

— Veremos. — respondo, sentindo como se tivesse acabado de lançar um desafio. Seus olhos escuros parecem confirmar isso.

Quase espero que ele destrua a pretensão de que esta é uma festa do pijama inocente e me deixe onde estou. Em vez disso, ele se vira e gesticula para que eu o siga.

Não consigo decifrar por que me sinto decepcionada com isso, só que me sinto.

— O quarto de hóspedes é por aqui. — ele grita. Demoro mais um segundo para descolar meus pés do chão de madeira e segui-lo. — Você precisa tomar banho?

Essa pergunta quase me faz parar novamente. Tomei banho no hotel onde fiquei ontem à noite, mas a pressão da água era comparável à de um sprinkler de quintal, o ralo estava entupido e a banheira continha mais ferrugem e sujeira do que sabonete.

Um banho em um lugar como este pode ser o mais próximo do céu que alguma vez chegarei.

— Si... sim, se você não se importar. — eu consigo dizer. No entanto, no segundo em que as palavras saem da minha boca, me pergunto se estou sendo incrivelmente estúpida. Ou melhor, estupidíssima. Tomar banho na casa de um estranho, nua e vulnerável. Não que eu esteja muito mais protegida com uma camiseta surrada e jeans rasgados, mas pelo menos morreria com um pouco de dignidade.

— Eu tenho uma toalha e um pano para você. Uma escova de dentes sobressalente também, se precisar. Até lâminas de barbear.

Mordo meu lábio inferior, sentindo uma pequena explosão de animação. É certo que já faz muito tempo que não tive o luxo de depilar as pernas.

— Tudo isso. — eu corro, então instantaneamente fico vermelha de vergonha por causa do meu claro desespero por um banho decente. Limpando

a garganta, continuo: — Por favor.

Não consigo ver seu rosto, mas sei que ele está sorrindo.

Ele me leva a um corredor espaçoso, onde um banco de pedra gótica ornamentado é colocado no lado esquerdo, com uma variedade de plantas diferentes cobrindo-o e belas obras de arte ao seu redor. Viramos para a esquerda e entramos por portas duplas que se abrem para um quarto enorme.

— Este é o quarto de hóspedes? — pergunto, incrédula, observando a maior cama que já vi, coberta com lençóis pretos e macios, com a lareira crepitante na parede oposta e o teto branco com lindas vigas de madeira pretas.

— Um deles, sim.

— Não consigo imaginar como será o master então. — murmuro, com um olhar engraçado em meu rosto.

Ele se vira, com uma expressão diabólica no rosto enquanto pergunta: — Você gostaria de ver?

— Não. Maior nem sempre é melhor. — brinco, notando a porta aberta à minha esquerda, onde posso ver uma penteadeira de pedra preta. Vou em direção a ele sem esperar pela resposta dele, e seu olhar ardente não diminui enquanto me segue. — Presumo que o banheiro já esteja abastecido com o que preciso?

— Claro que está. — ele fala profundamente.

Meu estômago se agita enquanto corro para o banheiro, muito covarde para lhe dar uma olhada. No momento em que fecho a porta e me inclino pesadamente contra ela, meu coração está batendo forte.

Ele estará esperando que eu termine, e o que virá depois será algo que nunca fiz antes.

Vou transar com ele.

E pela primeira vez, será minha escolha.

Estou tão nervosa, mas não parece... ruim. Na verdade, é emocionante. É uma emoção estranha, mas posso entender por que as pessoas ficam viciadas nela.

Porque neste momento nunca me senti mais viva.

CAPÍTULO 15

CAGE

Presente - 2022...

Quando eu era criança, uma vez minha avó me convenceu de que minha mãe saiu do útero falando.

Ainda estou convencido disso.

— Então, eu disse a ela: "Senhora, se você vai continuar falando toda essa merda, pelo menos leve um pouco de papel higiênico com você para limpar a maldita boca".

Molly coloca a mão sobre os lábios sorridentes, com os olhos verdes brilhando de alegria enquanto ela balança a cabeça para minha mãe.

Ela costumava envergonhar a mim e a Olivia. Mas depois que perdemos a minha irmã, descobri uma nova apreciação por sua personalidade excêntrica. Ela é tudo que tenho neste mundo e, apesar de seu sofrimento total pela morte da filha, ela sempre esteve lá para mim. Nunca me decepcionou, apesar do quanto o mundo tentou derrubá-la no chão.

— Eu não gosto de valentões. Como vocês os chamam hoje em dia? Karens⁴? Bem, ela era uma delas. Exceto que acabei de chamá-la pelo que ela realmente é, que é um espermatozoide defeituoso que cresceu demais em forma de boca em vez de cérebro.

— Você é uma poetisa, mãe. — comento secamente.

Os lírios-tigre que acabei de comprar para mamãe estão arrumados no vaso de cristal que ela mantém há décadas no centro da mesa de jantar, com nossos pratos e taças de vinho vazios à nossa frente.

Pego minha embalagem de chicletes de nicotina e coloco um na boca.

Estou tentado a comer a manga inteira agora que terminamos o jantar. Mamãe já serviu a torta de pêssego, que pulei. Não sou muito de doces.

A menos, claro, que seja a boceta da Molly.

— Eu sou? Da próxima vez, vou cobrar só para me ouvir falar. — ela responde. — Todo esse tempo, eu poderia estar ficando rica só de gritar com você.

Eu rio, olhando para Molly e descobrindo que ela reprimiu um sorriso. Um dia destes, ensinar-lhe-ei como libertá-los.

— Beba mais um pouco. — Mamãe incentiva, servindo mais vinho tinto na taça de Molly. — Por mais rígida que você esteja, temo que meu filho se case com uma marionete de madeira. Ele estará tirando lascas de seu...

— Jesus Cristo. — eu resmungo. — Pare de falar.

— Vou comprar uma lupa para ele então. — diz Molly, com um canto dos lábios curvado para cima.

— Para as lascas ou para o pau?

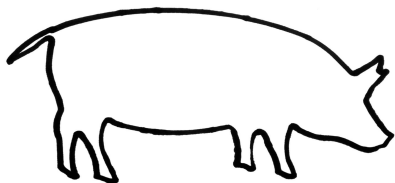
— Mãe.

Uma risada escapa da garganta de Molly e, instantaneamente, perdoo minha mãe por ter sido tão grosseira. Eu estou acostumado com ela fazendo piadas às minhas custas, mas tenho certeza de que a Molly nunca conheceu ninguém como minha mãe e a sua personalidade definitivamente não é padrão. Houve algumas namoradas no passado que ela assustou, o que imediatamente me disse que elas não valiam a pena de qualquer maneira.

— Não vou te assustar, vou? — Mamãe pergunta a ela, como se estivesse lendo minha mente.

Ela balança a cabeça. — Não me assusto tão facilmente. Não mais, pelo menos.

— Viu? Ela é durona. — Mamãe me diz, depois se concentra em Molly, com um sorriso malicioso no rosto. Ela vai dizer algo terrível, só que não tenho tempo para impedi-la. — Quanto viável é o seu útero? Os óvulos ainda não murcharam, certo? Estou esperando pelos netos.



— Sinto muito por ela. — peço desculpas, conduzindo Molly para o meu quarto de infância. — Acredite ou não, ela não perguntou sobre o útero de todas as mulheres que eu trouxe.

Ela me dá um olhar cauteloso. — Quantas mulheres você trouxe?

Minha expressão é séria quando digo: — Duas. E foram tentativas inúteis de tentar me fazer sentir o que senti por você.

Ela se vira, optando por não responder.

— Minha mãe gosta muito de você. — digo a ela, recusando-me a deixá-la fugir, mesmo que seja em sua mente.

— Ela mal me conhece. — Molly argumenta suavemente, passando os dedos sobre um troféu de futebol do colégio.

— Ela sabe tudo o que precisa. — digo, encolhendo os ombros.

Ela levanta uma sobrancelha. — O que você disse a ela?

Sorrio. — Apenas as partes importantes. Que você é incrivelmente forte, engraçada e a mulher mais incrível que já conheci. Acho que ela já pode ver isso.

— E se ela estiver errada? Nós nem estamos namorando.

Meus músculos se contraem e meus dentes rangem. Estou dominado pela vontade de mostrar a ela o quanto errada ela está. Ela é minha, tão explicitamente quanto o coração no meu peito.

Estou avançando sobre ela antes que ela possa deslizar os dedos por outro troféu. Sua respiração para quando me aproximo dela, com meu peito moldando-se contra suas costas. Ela estremece quando me inclino mais perto, deslizando meus lábios pela concha de sua orelha.

Esses pequenos tremores não são suficientes.

Quero que ela tenha convulsões como se estivesse possuída, e será com meu pau dentro dela enquanto ela faz isso.

— Você acha que preciso de uma data de aniversário para colocar meu bebê dentro de você?

Não reconheço mais minha própria voz, mas acho aquele pequeno suspiro familiar.

— Você não faria isso. — ela respira. — Quase não nos conhecemos.

— Não. — eu concordo. — Ainda não, pelo menos. — eu dou um beijo abaixo da orelha dela. — Mas eu queria. Eu absolutamente... — *Beijo*. — Porra... — *Beijo*. — Queria.

Ela se vira, com aqueles olhos de fogo fixos nos meus enquanto diz: — Eu não deixaria. E se achar que você é absolutamente insuportável? Você pode deixar os alimentos com crostas nos pratos em vez de enxaguá-los. Ou deixar roupas sujas espalhadas pelo chão e toalhas encharcadas na cama. — ela faz uma pausa e olha nervosamente para o lado. — Você poderia achar meus pesadelos intoleráveis.

— Você não acha que eu os tenho? — questiono, aproveitando a sensação do coração dela batendo contra o meu peito. — Eu também sofri na vida, baby. Apenas de maneiras diferentes.

— Você tem pesadelos? — ela pergunta curiosamente.

Em resposta, agarro a mão dela e a puxo atrás de mim.

— Quando...?

Ela para enquanto eu a levo para fora do meu antigo quarto, pelo corredor e até a última porta à direita.

Ela não fala enquanto observa as paredes amarelo-claras, o edredom azul e amarelo e as fotos pregadas no quadro de cortiça pendurado acima de sua mesa branca. Fotos de uma garota loira mostrando a língua ao lado de amigos ou fazendo o símbolo da paz e franzindo os lábios.

Ela era bonita.

— O nome dela era Olívia. Ela foi assassinada quando tinha dezesseis anos e eu tinha doze. No final das contas, isso me levou a entrar no negócio em que atuo. Ela e sua amiga foram pegas tentando entrar em uma boate com uma identidade falsa. O assassino dela foi um policial que foi buscá-las e ela nunca voltou para casa.

— Sinto muito. — sussurra Molly, caminhando lentamente até as fotos e observando-as atentamente. — Poucas pessoas voltam para casa.

— Mas você fez isso, não foi?

Lentamente, ela vira a cabeça apenas o suficiente para me olhar por cima do ombro.

— Se alguém merecesse escapar, teria sido ela. — ela se vira, mas não antes de eu ver a tristeza contaminando seus olhos. — Acontece que eu não era importante o suficiente para merecer isso. Achei que Layla precisava de mim, mas acho que apenas atrasei a felicidade dela. Meu pai estava sendo investigado e, eventualmente, o Conselho Tutelar o consideraria inapto de qualquer maneira. Eu estava convencida de que ela iria para outra casa inadequada, mas e se ela não fosse? E se ela encontrasse um bom lar, em vez de eu levá-la embora para viver quatro anos miseráveis comigo? Sem estabilidade. Estando com fome o tempo todo... — Sua voz falha e ela se interrompe abruptamente.

— Você está errada, você sabe. — digo a ela, com fogo crescendo em meu peito. — Ou, pelo menos, há uma boa chance de que você esteja. Ela teria entrado para a adoção e não há garantia de que teria uma boa família. Ela poderia ter passado de um agressor para outro.

Molly balança a cabeça, com o movimento vacilante, mas ela não parece convencida.

Estou furioso por ela poder pensar tão pouco de si mesma. Ainda mais furioso com as pessoas que a fizeram sentir como se ela não fosse uma maldita deusa caminhando nesta terra que não merecemos.

— Você é a pessoa mais importante que já conheci, Molly. —sussurro. — E embora eu sempre fique arrasado porque minha irmã não sobreviveu, estou muito feliz que você sobreviveu.

Embora ela esteja de costas para mim, ouço uma fungada suave. Ela não responde. Em vez disso, ela olha para Olivia, com aquele sorriso em seu rosto congelado para sempre no tempo.

— Durante anos, não consegui pisar neste quarto. Sempre que eu via essas fotos com seu rosto sorridente, isso lentamente se transformava em uma carranca dramática, com sua boca se abrindo em um gemido. Parecia demoníaco, e eu tinha quase me convencido de que essa era a verdadeira expressão congelada em seu rosto quando ela morreu. Seus gritos de terror sobreviveram aos batimentos cardíacos.

— Quer falar sobre ela? — Molly pergunta baixinho, com a voz

entupida de lágrimas. — Eu gostaria de conhecê-la.

Meu peito aperta e eu não sei dizer se quero envolvê-la em meus braços porque ela se importa ou porque preciso de algo em que me segurar enquanto conto a ela sobre minha irmã.

— Ela adorava a música dos anos 80. "*Sunglasses at Night*" de Corey Hart, era a sua música favorita, e ela insistiu em usar constantemente esses óculos de sol rosa neon por três meses depois de ouvi-la pela primeira vez. Mamãe achava que ela era a coisa mais fofa, e fiz questão de dizer a ela o quanto ridícula ela parecia.

A cabeça de Molly vira para encontrar a foto de Olivia usando-os, com um sorriso brilhante estampado em seu rosto enquanto ela se senta ao meu lado no carro da nossa mãe, com meu rosto relaxado em uma expressão seca e sem graça. Ela tinha acabado de tirar sua carteira de motorista naquele dia e, claro, tocou aquela música de Corey Hart no caminho para casa.

— Ela usava batom rosa todos os dias, mesmo quando estava doente. Ela sempre disse que a versão dela sem isso era seu alter ego maligno. Ela odiava tomates, mas colocava ketchup em tudo, até no purê de batata. O que ainda acho muito nojento, aliás.

— Eu teria que concordar com isso. — Molly ri baixinho.

Seu olhar desvia para uma foto de Olivia sentada ao lado de um garotinho careca em uma cama de hospital, com chapéus de aniversário na cabeça.

— Quando ela completou dezesseis anos, ela passou seu aniversário no hospital infantil da unidade de câncer porque se sentiu culpada por eles nunca chegarem a essa idade.

Meu coração dói e, por um momento, parece impossível continuar.

— Ela também nunca soube que não veria além dessa idade.

Molly se vira para mim, com a tristeza rodopiando em seu olhar.

— Parece que ela era uma criança incrível. — ela sussurra. — Incrível, realmente.

Concordo com a cabeça, tentando engolir a pedra na minha garganta.

Quase timidamente, ela agarra minha mão e me leva até a cama de Olivia. Não tenho certeza do que pretende, mas minha cabeça está confusa demais para perguntar.

Com um leve sorriso no rosto, ela se deita em um lado da cama e dá um tapinha no lugar vazio ao seu lado. Confuso, sigo o exemplo, com nós dois olhando para o teto em silêncio. Assim que começo a perguntar o que ela está fazendo, uma explosão de música enche o quarto.

Meus olhos se voltam para onde ela segura o celular, com "*Sunglasses at Night*" tocando nos alto-falantes.

— Mo...

— Shh. — ela silencia, colocando a mão sobre a minha. — Não seja rude. Olivia pode estar tentando ouvir também.

Não consigo respirar.

Uma chama surge em meu peito, abrindo caminho até nossas mãos entrelaçadas.

Espero em Deus que isso a queime também.

Quero que as chamas derretam nossas mãos para que ela nunca possa soltá-las.

Se ela queria que eu me apaixonasse por ela, ela só precisava me dizer. Agora, ela não tem escolha no assunto.

Porém, suponho que ela nunca tenha feito isso.

Virando minha cabeça, olho para ela até que ela encontra meus olhos.
— Vou afugentar todos os seus pesadelos até que fiquem com medo de retornar. Eles vão me temer, minha fantasma. Mas você nunca o fará.

CAPÍTULO 16

MOLLY

Nove anos atrás - 2013...

Não sei se me senti tão limpa em toda a minha vida. Nem minha pele nunca foi tão macia.

Uma toalha está enrolada firmemente em volta do meu corpo, e meu cabelo cai sobre meus ombros em uma massa de cachos, com água pingando das pontas.

A ansiedade está mantendo todos os meus nervos como reféns. Estou parada na porta, olhando para ela como se fosse o espelho da *Branca de Neve* na parede, e ela vai me dizer meu futuro.

Vou gostar de sexo?

Nunca tive um orgasmo antes. Muito envolvida em tentar sobreviver para sequer considerar isso. Sempre evitei intimidade ou qualquer coisa relacionada a sexo. Depois do que meu pai fez comigo e de tudo o que aconteceu na casa de Francesca, nunca me senti inclinada a tentar.

Agora, eu gostaria de ter feito isso. Se eu nem sei do que gosto, como ele saberá?

Estou muito na minha cabeça.

Certamente, ele pode descobrir isso.

Respirando fundo, abro a porta e encontro o quarto vazio. Isso é decepcionante e aliviador. Se ele estivesse ali, eu provavelmente não saberia o que fazer comigo mesmo. Mas isso significa que terei que procurá-lo agora. O que parece igualmente assustador.

Que porra eu deveria dizer a ele?

Oi, com licença, você pode colocar seu pau dentro de mim? Não tenho certeza se vou gostar, mas vamos descobrir juntos.

Vou me envergonhar. Eu simplesmente sei disso.

Vou até a cama e noto uma pilha de roupas dobradas em cima. Parecem roupas masculinas, e quando pego a camiseta preta macia, sou instantaneamente atingida por um aroma delicioso – uma mistura de vetiver e sândalo.

Meus olhos quase reviram, e fico descarada na maneira como praticamente enfio o tecido macio no nariz.

— Cheiro bom?

A voz é tão repentina que não consigo conter o grito alto que sai da minha garganta. Deixo cair a camiseta enquanto me viro, com minha toalha se desenrolando com o movimento rápido. Eu a pego antes que ele caia completamente, então envolvo meu braço sobre meus seios e o seguro ali, embora ele só consiga cobrir meu centro. Com a outra mão, seguro a toalha contra a barriga, evitando que ela mova e me exponha ainda mais.

Meu coração está prestes a explodir no peito e estou atordoada demais para me recompor e me cobrir adequadamente. Neste momento, mal me lembro de como respirar. Meus pulmões não funcionam melhor do que um motor velho e enferrujado que foi abandonado em um ferro-velho.

Os olhos verdes escurecem, com uma chama incandescente queimando por dentro. Eles abrem um rastro sobre minha carne exposta, sem vergonha da maneira como seu olhar me devora tão prontamente. Não perco a maneira como ele se fixa nas marcas brancas de mordidas impressas na minha pele. Meus quadris, minhas coxas, minha barriga...

Seus dentes rangem visivelmente, com a raiva brilhando em seu olhar.

— O que? – A pergunta atrasada sai como um grito ofegante.

Com as narinas infladas, ele dá um passo em minha direção, e o músculo machucado em meu peito sobe até minha garganta. Pressiono os joelhos, forçando-me a ficar parada, apesar de querer recuar.

Distintamente, sinto uma gota de água pingar no inchaço do meu peito, que seu olhar imediatamente rastreia. A gota desce lentamente pelo vale entre meus seios, e o músculo em sua mandíbula pulsa, quase rasgando sua pele. Seu olhar animalesco se volta para o meu, seu queixo se abaixa enquanto ele me encara ferozmente por baixo de sobrelhas grossas.

O calor se acumula no meu estômago, descendo entre minhas coxas trêmulas. Meu clitóris pulsa apenas com aquele único olhar, e eu sei que se ele separasse minhas pernas, ele veria a evidência brilhando por dentro.

Nunca na minha vida me senti assim. Nunca meu núcleo se sentiu tão... vazio.

Ele fica em silêncio enquanto caminha em minha direção, mas tenho certeza de que minha frequência cardíaca acelerada é audível.

Eu me movo, sentindo o quanto molhada me tornei. É quase embaraçoso, mas é uma reação que os homens da casa de Francesca alegariam, mas nunca concretizaram. Queriam que chorássemos por eles, mas a única coisa que molharam foram os nossos olhos.

Cage, por outro lado, facilmente faz minha boceta chorar, e ele nem sequer me tocou ainda.

Ele para alguns centímetros diante de mim, o calor que irradia dele aquece minha pele. Arrepios se espalham pela minha pele e um arrepio percorre minha espinha. É como se as abelhas estivessem zumbindo sob a superfície, com suas asas agitadas criando eletricidade e envolvendo meu corpo.

— Você quer que eu saia? – ele pergunta baixinho.

É uma pergunta que requer uma resposta simples. Sim ou não. No entanto, meu cérebro gira como se ele me apresentasse uma equação matemática complicada.

O latejar entre minhas pernas grita sua resposta, embora minha cabeça não possa fazer nada além de focar em como não tenho ideia do que diabos estou fazendo.

— E... eu não sou muito boa nisso. – murmuro, mantendo meus olhos fixos em seu peito. Não tenho coragem suficiente para encarar seu olhar. Isso vai me devorar viva, e tenho muito medo de permitir que ele me afaste antes de deixá-lo me tocar.

— Alguém já fez você se sentir bem antes?

Lambo meus lábios, sentindo como se qualquer umidade em meu corpo tivesse inundado o sul.

— Não.

— Então isso é tudo que você precisa fazer. Você não precisa fazer mais nada, exceto deixar-me fazer você se sentir bem.

Meu aceno é vacilante e o friozinho na barriga foi liberado. Mas eles também estão com fome e começaram a dilacerar minhas entranhas. Especialmente quando seu dedo indicador se prende sob meu queixo e o força para cima, até que meu olhar se fixa no dele como um ímã.

— Onde você quer que eu beije primeiro? – ele pergunta, com seu tom abafado, profundo e áspero.

Silenciosamente, estendo a mão e passo os dedos pelos lábios, chamando a atenção dele para lá.

Ele demora a se inclinar, como se quisesse prolongar a tortura. Mas no segundo em que seus lábios capturam os meus entre os dele, gostaria que ele tivesse me dado um momento extra para respirar.

O beijo é curto, mas primitivo e explosivo demais por apenas um segundo. Não é nada parecido com aqueles beijos que vi na TV, e não consigo imaginar que eles sentiram o fogo puro que arde entre nós.

Ele me observa por meio segundo antes de pressionar sua boca contra a minha, evocando uma erupção vulcânica que está me transformando em uma pilha de cinzas. No entanto, ele segura todos os meus pedaços e os junta contra seu peito até que não exista mais eu e ele. Apenas um nós.

Sua mão desliza ao longo do meu queixo e desce em meus cachos úmidos, direcionando o ângulo da minha cabeça para que ele possa lambeo ao longo do contorno dos meus lábios. E como uma marionete gananciosa, eu abro ansiosamente para ele. Ele sente o menor suspiro em sua língua enquanto ela desliza contra a minha, o que parece apenas revigorá-lo.

Passa de um beijo apaixonado a ser devorada inteira, e a única coisa que posso fazer é me submeter. Sou uma escrava dele e é a primeira vez que fico feliz por ser uma.

Em um momento de loucura, eu deixo cair a minha toalha completamente, o som em meus pés faz com que ele se afaste, embora seus lábios fiquem contra os meus.

— Onde você quer que eu beije a seguir? – ele murmura.

Nunca ouvi uma voz tão profunda, beirando a demoníaca. Faria sentido porque me sinto tão possuída.

— Mais baixo. – eu falo.

Ele dá um beijo de boca aberta no meu queixo, terminando ali.

— Deixe-me ouvir suas palavras. – ele murmura. — Você quer que eu beije esses peitos lindos? Ou posso beijar sua doce boceta. Vou festejar com ela se você quiser.

— Sim. – eu gemo. — Tudo isso.

Ele flexiona os joelhos apenas o suficiente para agarrar a parte de trás das minhas coxas e me levantar, com meus pés enganchando-se atrás de suas

costas. Mas é inútil porque, em poucos instantes, ele está me deitando na cama e descendo pelo meu corpo, sem perder tempo envolvendo os lábios em volta do meu mamilo.

Uma descarga de eletricidade percorre minha espinha e minhas costas se curvam para fora da cama, com um grito escapando dos meus lábios.

— Cage!

Seu gemido de resposta é primitivo, seguido pela mordida afiada de seus dentes. Minha boca se abre em um grito silencioso, com meu corpo incapaz de funcionar adequadamente sob o ataque.

Cada um dos meus nervos está hiperfixado na maneira como sua língua gira sobre mim. Então, ele muda para o outro, segurando meus seios com as palmas grandes, como se os estivesse colocando na boca.

Meus dedos mergulham em seus fios curtos, arranhando seu couro cabeludo.

Seus dentes rangem no meu mamilo maltratado mais uma vez antes de ele se afastar, levando seus beijos molhados para baixo.

Meus pulmões se apertam, recusando-me a respirar quando ele chega ao meu umbigo. Há uma cicatriz que se ajusta perfeitamente ao redor dela. Além daquela que está no meu rosto, sempre odiei aquela por causa de quanto feia e centrada no meu corpo ela é.

Estou preparada para dizer a ele para ignorar isso, mas antes que eu consiga emitir um som, ele está combinando os dentes com a cicatriz e os afundando nela.

— Cage! – grito, com a dor ardente abrangendo meu choque.

Quando ele levanta seu olhar perverso para mim, vejo uma mistura de raiva e algo que só poderia descrever como possessão.

— Reivindicarei cada parte de você, Molly. E isso inclui as partes de você que aqueles filhos da puta tentaram tirar de mim.

Minhas sobrancelhas franzem. — De você? – repito estupidamente.

Deliberadamente, ele dá um beijo na mordida.

— Não se deixe enganar, fantasma, serei seu dono mesmo depois que você desaparecer. Você pode desaparecer, mas sua alma sempre será minha.

Não tenho certeza se é normal que sexo casual seja tão intenso. Parece uma proclamação de amor sem dizer as palavras. Exceto muito mais... permanente.

No entanto, ele poderia muito bem ter tido qualquer determinação que me restasse e esmagado-a sob a bota. Ele é tão intenso, mas não há um pinga de mim que se importe agora. Ele é tão bom, e se continuar assim, talvez ele esteja certo.

Embora isso não vá me impedir de me tornar um fantasma.

É a única coisa que sei ser.

Seu olhar desce e ele retoma seu caminho em direção à minha boceta, parando brevemente para morder as cicatrizes brancas em meu quadril e coxas. Cada vez, fica mais intenso. No momento em que seu hálito quente atinge meu centro, estou tremendo.

— Cage. – eu sussurro, sentindo como se estivesse à beira de entrar em combustão. Preciso de muito mais, mas também não tenho certeza se conseguirei lidar com o que vem a seguir.

Ele inspira e meus olhos se arregalam de mortificação. Antes que eu possa dar um tapa nele ou me afastar, ele abre minhas coxas e cobre meu clitóris com a boca. Exceto que ele ainda não me lambe, privando-me da sensação que meu corpo precisa tão desesperadamente.

— Por favor. – eu gemo impacientemente.

Sorrindo diabolicamente, ele dá uma pequena lambida, enviando uma onda de choque pela minha espinha.

Minhas costas se arqueiam e uma estranha confiança toma conta de mim.

— Por favor, lamba minha boceta. Preciso que me faça sentir bem. – imploro. — Você prometeu.

— Porra. – ele diz o palavrão um momento antes de pressionar a língua e deslizá-la pela minha fenda. Meu clamor é respondido por outra lambida completa, na qual ele geme profundamente.

— Cristo, baby, você tem um gosto tão doce, não sei como vou parar. Eu ficaria feliz em me afogar na boceta mais linda que já comi.

Suas palavras são obscenas, mas a maneira como ele continuamente desliza a língua pontiaguda sobre meu clitóris é totalmente depravada. Não há

tempo para me preparar para as sensações agudas que invadem cada centímetro do meu interior. Estou tomada de pura felicidade e, por vários segundos, o único som que consigo emitir é um gemido alto.

— Ah, poorra... Ah meu Deus, Cage.

Ele não cede e, em poucos instantes, estou correndo em direção a uma sensação muito mais poderosa. Prazer, euforia - são palavras muito fracas para descrever o furacão que se forma dentro de mim.

— Ah, por favor, não pare. – No entanto, é exatamente isso que ele faz. — Cage! – grito quando ele se afasta, apenas para deslizar a língua na minha boceta.

Eu me contorço embaixo dele, pressionando meus quadris contra ele e esperando por Deus que ele se afogue. Minhas unhas arranham seu couro cabeludo, e se eu pudesse prendê-las sob sua carne e forçá-lo a me fazer gozar, eu ficaria feliz em mostrar a ele o que significa ser uma marionete.

Meus olhos reviram quando me aproximo novamente e, pela segunda vez, ele se afasta.

Um grito frustrado sai da minha garganta, mas antes que eu possa dizer uma ameaça para ele, ele agarra a parte inferior das minhas coxas e as empurra para frente até que minha parte inferior das costas seja levantada da cama e meus joelhos cheguem às orelhas. Estou dobrada ao meio, com meu núcleo a menos de trinta centímetros do meu rosto.

Em segundos, a sua boca está cobrindo a minha boceta novamente, e desta vez, ele está me mostrando exatamente o que está me fazendo. Com perfeita precisão, ele toca meu clitóris, com meus fluídos e sua saliva escorrendo pelo meu monte e pingando em meus seios.

Gritos saem da minha garganta enquanto agarro seus antebraços, com unhas vermelhas se formando em sua pele. Mais uma vez, ele está me levando diretamente para o limite. Minhas coxas tremem violentamente em seu aperto enquanto ele se delicia comigo como um animal faminto levado à loucura pela fome.

— Cage, eu vou. Por favor, *por favor*, deixe-me gozar. – eu imploro, sem fôlego. — Deixe-me afogar você.

Um gemido sai de seu peito, vibrando contra mim. Olhos verdes escuros estão fixados em mim enquanto ele chupa violentamente meu clitóris, com sua língua implacável.

Minha garganta se fecha e minha visão escurece um momento antes de

eu gozar. O grito que desencadeia é tão agudo que deixa minha garganta em carne viva. Fogos de artifício coloridos explodem atrás dos meus olhos apertados, enchendo a escuridão com uma miragem de azuis, rosas, verdes e roxos.

Não sei quanto tempo estou submersa na tempestade, mas claramente eu posso sentir meu corpo se contraindo furiosamente. No entanto, ele me segura com firmeza, me mantendo no lugar enquanto continua a lamber minha boceta até que eu não tenha mais nada para dar.

Depois do que pareceu uma eternidade, desci de uma experiência que só poderia ser descrita como um exorcismo.

— Jesus Cristo. — gaguejo, com minha voz embargada e trêmula, e minha boca quase entorpecida.

Seu olhar é feroz. — Se você está pedindo a Ele para salvá-la, então vou pregá-lo naquela maldita cruz novamente. Você será minha ruína, mas somente *eu* serei seu salvador.

CAPITULO 17

MOLLY

Nove anos atrás - 2013...

Mesmo se eu tivesse função cerebral para responder, não saberia como.

Gentilmente, ele coloca minhas pernas trêmulas de volta na cama,

apenas para tirar a camiseta pela cabeça.

Jesus Cristo.

Desta vez guardo as palavras para mim, mas um pequeno suspiro consegue escapar.

Seu corpo é esculpido melhor do que as estátuas de deuses em mármore em museus de todo o mundo. Esculpidos com pura perfeição, com tatuagens pretas cobrindo a barriga, o peito e os braços.

A calça de moletom cinza que ele está vestindo não esconde seu pau duro, e no momento em que coloco os olhos nele, imediatamente desejo não ter feito isso. Neste caso, talvez a ignorância fosse uma bênção.

— Cage, não sei se consigo lidar com isso. — digo hesitante, agora extremamente cautelosa ao tentar colocar tudo dele para dentro de mim. Não tenho certeza de como caberia isso na minha maldita *boca*.

— Vai caber, baby. — ele garante com confiança, enganchando os polegares no cós do moletom e deslizando-os pelas coxas grossas e pelas pernas.

Seu pau é ainda mais intimidante sem a roupa por cima, e muito maior do que eu pensava. Mas, porra, é lindo. Longo e deliciosamente espesso, com veias pulsantes percorrendo-o. Ele tem proporções perfeitas, e até mesmo a cabeça inchada me deixa com vontade de chupá-lo.

— Continue me olhando assim, e eu darei a essa sua boquinha mais do que ela pode aguentar.

É preciso esforço para desviar meu olhar até o dele, com minha expressão distorcida de apreensão. — Isso não vai caber.

Ele sorri diabolicamente. — Vai caber.

Dando-lhe um olhar que diz o quanto acho que ele está errado, embora isso só aumente seu sorriso. Ele exala confiança e, embora eu ainda esteja com um pavor incrível da fera entre suas pernas, sinto-me à vontade por ele saber o que está fazendo.

— Você quer me ver provar que você está errada? — ele pergunta humildemente, com sua voz se aprofundando. Alcançando o moletom descartado, ele enfia a mão no bolso e tira uma embalagem de alumínio.

Ele trouxe proteção.

O alívio toma conta de mim. Tanto que não hesito em sussurrar: —

Sim.

Estou encantada com a maneira como ele desliza habilmente a camisinha sobre seu comprimento grosso, e estou sem fôlego quando ele ronda pelo meu corpo, pairando sobre mim. Meu estômago se aperta quando ele se inclina e dá um leve beijo em meus lábios, provocando estática crepitante entre eles.

— Vou alimentar meu pau com sua boceta pau bem devagar, ok, baby? Vou me certificar de que você esteja saciada, então, quando achar que não aguenta mais... — Seu lábio se curva em um rosnado selvagem. — Eu vou mais fundo.

Isso não é apenas uma promessa, mas uma ameaça.

— E se eu não aguentar? — pergunto, com meu tom rouco de desejo.

Ele desliza os lábios pelo meu queixo e pela concha da minha orelha. Pouco antes de dar um beijo suave abaixo do meu lóbulo, ele murmura sombriamente: — Você sobreviveu a coisas muito piores.

Seu tom não pede desculpas, indicando que está confiante na minha capacidade de sobreviver a *ele*. Meu estômago se aperta com o friozinho na barriga dentro de mim.

Mais uma vez, ele levanta a parte inferior das minhas coxas, prendendo-as nos braços enquanto posiciona a ponta na minha entrada. Ele aplica pressão suficiente para separar meus lábios, mas não o suficiente para passar pela minha abertura.

Nunca estive em uma montanha-russa, exceto que é exatamente assim que imagino que seja quando chega ao topo da colina logo antes da grande queda. A expectativa é quase tão aterrorizante quanto emocionante.

— Cage. — eu respiro trêmula, precisando que ele faça alguma coisa — qualquer coisa — mas me deixa em suspense.

— Aceite-me. — ele ordena rudemente. Balanço a cabeça, sem saber o que ele precisa que eu faça. Só então a minha boceta aperta e parece que o meu corpo o está a sugar.

— Porra, é isso. — ele diz, com nós dois observando a ponta de seu pau desaparecer. — *Porra*, tão apertada, Molly.

— Eu... o que...

— É uma reação natural, baby. A maioria dos homens simplesmente

não é paciente o suficiente para esperar que a boceta de uma mulher o convide para entrar. – explica ele com firmeza.

Não sabia que isso era possível, mas ele está movendo os quadris mais fundo e não me importo mais. Estou muito focada em aprender a respirar novamente, mas parece um esforço inútil. Assim como prometeu, ele enfia seu pau em mim até que estou prestes a explodir.

— Ohhh, isso é tão bom. – gemo, com meus olhos ameaçando revirar com o prazer que me domina.

— Olha como sua boceta é gananciosa, baby. Você vê o quanto ela quer meu pau? Está praticamente implorando para eu foder. – ele diz as palavras entre os dentes, com o corpo em tensão, com as veias pulsando nos braços e nas mãos. — É isso que você quer, Molly? Sua bocetinha ser fodida?

Concordo com a cabeça, tentando dizer um simples sim, mas apenas conseguindo emitir um som agudo e arrastado. Estou drogada de euforia, mas preciso de mais. Eu adoro isso, e é algo que só Cage pode me dar.

Ele dirige completamente dentro de mim, e meus olhos reviram, enquanto o gemido mais erótico sai de sua garganta.

— Ah... Porra, Cage. – grito, com as palavras tão privadas de oxigênio quanto meus pulmões.

Seus lábios cobrem minha orelha, e um pressentimento profundo se acumula em meus ossos um momento antes de ele dar seu aviso.

— Prepare-se, fantasma. Eu não fodo gentilmente.

Meu coração dispara até a garganta e corro para envolver seus bíceps com as mãos, mas ele não me dá tempo para me preparar.

Ele recua até a ponta e então se dirige para mim, estabelecendo um ritmo forte e constante que rouba meu fôlego, minha visão, minha maldita sanidade.

Gemidos deliciosos passam por seus lábios, seu prazer é tão alto e desequilibrado quanto o meu. Isso apenas deixa meu estômago com frio na barriga, como se elas não tivessem direção para migrar, deixando-as vagando.

— Porra, Molly, sua boceta está me segurando com tanta força. – ele geme. — Está se agarrando a mim como uma putinha desesperada.

Um braço se solta da minha perna antes que ele deslize a palma da mão pela minha garganta para segurar a parte inferior da minha mandíbula. Ele

aperta com força, forçando meu olhar desfocado para o dele. A emoção em seu olhar é tão intensa quanto a forma como ele me penetra. Isso beira a obsessão e faz com que os órgãos do meu corpo despenquem até a boca do estômago.

— Olhos em mim enquanto reivindico você. – ele murmura. — Preciso que você me veja como eu vejo você.

— Eu vejo você. – gemo, embora meu foco esteja instável.

Já estou me aproximando de outro orgasmo e não sei se algum de nós será capaz de conter minha reação quando ele chegar.

Não há controle sobre um desastre natural. Apenas permitindo que isso cause estragos e se preparando para o resultado. A tempestade crescendo dentro de mim é catastrófica. Será devastador e estarei em ruínas.

— Porra, eu vou gozar. – suspiro, com meus olhos começando a revirar. Sinto-me totalmente fora de controle enquanto vou em direção a esse limite. Meu entorno fica confuso, e a única coisa que consigo ver através da minha visão turva é seu sorriso diabólico. Parece que ele está rindo de mim, como se estivesse se divertindo com a facilidade com que pode me fazer gozar. É quase degradante, mas mesmo assim me incendeia.

Seus quadris param de repente e imediatamente meu orgasmo diminui, com um movimento descendente em uma colina íngreme.

Um gemido frustrado é a única resposta de que sou capaz.

— Já não disse para você manter os olhos em mim? Meu objetivo é fazer você gozar, não me repetir. – ele afirma, com seu tom quase ameaçador. Meu olhar vidrado desvia para o dele.

— Sinto muito, por favor, continue me fodendo. – digo, movendo meus quadris para reacender o prazer.

— Não me faça pedir de novo, Molly. – ele murmura antes de apertar meu queixo com mais força, garantindo que minha atenção permaneça presa nele.

Estou balançando a cabeça, preparada para fazer qualquer coisa que ele me peça, se isso significar que ele me fará sentir bem novamente.

— Essa é uma boa menina. – ele murmura sombriamente, finalmente retomando. Só que desta vez inclina os quadris de maneira diferente, atingindo um ponto dentro de mim que nunca foi alcançado antes.

É quase impossível manter os olhos para frente, mas a expressão em seu lindo rosto é tão impressionante quanto de cortar o coração. Sua boca está aberta enquanto gemidos sensuais saem de sua boca, e suas sobrancelhas grossas estão franzidas acima de seus olhos em uma expressão de êxtase.

Não leva muito tempo para alcançar aquele ápice novamente e depois mergulhar nele.

Seu nome escapa dos meus lábios em um grito que deixa minha garganta em carne viva. Porém, não tenho certeza se notaria alguma coisa fora do orgasmo que me atinge. Isso faz com que minhas costas se arqueiem para fora da cama, como se estivesse possuída por um demônio devorador de almas que está determinado a deixar tudo em seu caminho dizimado.

O poder disso é de tirar o fôlego, e qualquer controle que eu tivesse sobre meu corpo deixa de existir. Meus dentes batem com a força que eu agarro, e meu aperto mortal nos braços de Cage não consegue nem me manter no chão.

Não há piedade na forma como continua a me foder enquanto diz seus próprios palavrões.

— Acho que você pode fazer melhor do que isso. — ele diz entre os dentes.

Balanço a cabeça, delirando com o ataque contínuo de suas estocadas, mas entendendo que ele não tem intenção de parar.

— Não posso... eu não aguento mais. — eu ofego, sem fôlego. — Por favor, é demais!

— É? — Seu tom é deboche, seguido por um murmuro que sugere "*pobrezinha*."

Minha cabeça recua, tão completamente sobrecarregada com as sensações que meu cérebro é incapaz de calcular como lidar com isso. Mudo entre tremer violentamente, bater nos braços de Cage, e arranhar sua pele com pouca reserva.

— Vamos ver o quanto apertada essa boceta pode me segurar. — ele resmunga. — Mostre-me como uma putinha pervertida agarra meu pau.

— Vá se foder. — eu sufoco, com explosões de estrelas começando a surgir atrás dos meus olhos apertados.

— Você já está, baby, e porra, você está fazendo um trabalho tão bom. — ele geme em meu ouvido antes de colocar meu lóbulo em sua boca e chupar.

Um grito agudo é o único som que sou capaz de emitir. Um terceiro orgasmo toma conta de mim, enviando minha alma para o espaço onde eu flutuo acima e me vejo totalmente desfeita, com minhas paredes internas se contraindo em torno de seu pau.

— Pooorra, baby, é isso. Simples assim, porra, sim, simples assim. Você é uma garota tão boa. — Cage grita contra mim.

Os músculos de suas costas flexionam e suas estocadas ficam hesitantes, perdendo-se no tempo e no espaço junto comigo.

— Molly. — ele diz, seguido por um gemido que é longo e desenfreado. Distintamente, sinto-o gozar, embora tenha a infelicidade de a camisinha me impedir de sentir isso dentro de mim.

Ele para, ofegante contra meus lábios agora, com a sua respiração sincronizada com a minha. Nós dois estamos tremendo, e ele relaxa em cima de mim, embora tenha cuidado para evitar que seu peso me esmague.

Nós dois ficamos em silêncio por vários minutos, passando o tempo procurando por nossa respiração.

— Fui chamada muito de puta. — admito depois de mais alguns momentos, com minha voz embargada. Ele levanta a cabeça baixa para me olhar com cuidado, esperando que eu organize meus pensamentos. — Mas gostei quando você disse isso. Só... só durante o sexo, ok?

Ele afasta alguns fios do meu rosto suavemente.

— Se um homem te chamar de algo que você não gosta, vou matá-lo. Sempre respeitarei seus limites.

Prendo meu lábio inferior entre os dentes antes que possa tremer. Demora um momento até que a vontade de chorar diminui.

Nunca me senti tão... respeitada. Como se meus sentimentos sobre o que acontece com meu corpo fossem realmente valorizados. Como se eles *significassem* algo para ele.

— Você é diferente. — murmuro. — Obrigada por me mostrar como aproveitar algo que nunca pensei que iria gostar. Por respeitar meu corpo. E por me dar algo em que me agarrar antes de desaparecer.

Seus olhos suavizam. — Você sempre pode se agarrar a mim, Molly. Sempre.

CAPITULO 18

MOLLY

Presente - 2022...

— Não posso ter uma entrega hoje. – digo ao Legion, tentando manter meus nervos sob controle. Eu nunca disse não a ele antes.

Mas isso é necessário.

Há uma pausa. — Posso perguntar por quê?

Mordo o lábio inferior, pensando se devo dizer a verdade ou não. No entanto, não quero que meus problemas pessoais se interponham entre mim e meu trabalho. Ou pelo menos não desejo que Legion saiba disso.

— Estou desconfortável com Cage. – deixo escapar.

Não era isso que eu estava planejando dizer. Eu deveria dizer a ele que meus porcos estão doentes. Embora seja tecnicamente verdade, embora não da maneira que Legion provavelmente está pensando.

Não me sinto desconfortável porque não gosto de Cage; Estou desconfortável porque gosto demais dele.

Mais silêncio.

Depois de alguns instantes, não aguento mais. — Não sei se alguém já te contou isso, mas o seu silêncio é super enervante.

Estou suando. Está se formando ao longo do couro cabeludo e entre meus seios. Sacudo minha mão livre para liberar um pouco de tensão. Nem sei *por que* estou tão nervosa. Legion nunca me fez sentir ameaçada. Mas *porra*, ele é realmente intimidante para um cara que nunca mostra o rosto.

— Que foi que ele fez?

— Nada! – eu exclamo. — Não o mate, por favor.

— É porque ele está apaixonado por você? Ou porque você está apaixonada por ele?

Bato a mão no rosto. Nada disso vai ser planejado.

— Isso... Não, nenhum dos dois. – gaguejo.

— Você está mentindo?

— Legion. – murmuro. — Só acho que é melhor que Cage e eu não trabalhemos mais juntos. Isso é tudo. Nada pessoal.

É tão pessoal. Sou uma grande mentirosa – nem sequer sou das boas.

— Onde está Eli? Não é hora de ele voltar? – pergunto.

Um Mississippi. Dois Mississippi. Três Mississippi...

— Eli fará a entrega hoje à noite. Seu conforto é minha prioridade.

Meus ombros caem de alívio. — Obrigada, Legion.

— Tenha uma boa noite, Molly.

O celular desliga e imediatamente sinto enjoo no estômago. Legion ligará para Cage e avisará que ele está de folga. Talvez seja casual e ele diga a Cage que Eli está simplesmente pronto para voltar. Ou talvez ele diga a verdade e Cage venha aqui exigindo respostas.

Algo para o qual não estou preparada.

Que porra devo dizer? Que passar um tempo com a mãe dele e ficar deitada na cama da irmã ouvindo a música favorita dela me assustou pra caralho?

Isso só prova o quanto eu sou uma fugitiva. Como, mesmo depois de todos estes anos, vivo como se houvesse um alvo nas minhas costas. E, por causa disso, me recuso a deixar alguém se aproximar.

Sei que ninguém vem mais atrás de mim. Não exatamente. De acordo

com Legion, Francesca e Rocco estão mortos e Z destruiu a Society – que acabou sendo um governo paralelo que estava desempenhando um papel importante nas operações de tráfico de pessoas.

Mesmo que eu fosse descoberta pelo público, eu poderia facilmente mentir e dizer que só descobri anos depois do desaparecimento de meu pai e de Layla. Ninguém poderia provar o contrário. Mas encontrei conforto no meu anonimato e, de alguma forma, me convenci de que Cage é uma ameaça para isso.

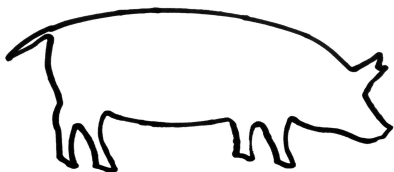
Nunca deveria ter concordado em jantar com a mãe dele.

Mas isso não importa agora.

Estou confortável com minha vida. Encontrei a minha própria retribuição pelo que aconteceu comigo e não preciso do amor de um homem ou de seu pau para me consertar. Eu já peguei cada pedacinho lascado de mim e meticulosamente os coloquei de volta no lugar. Não estou mais quebrada; Eu simplesmente não trabalho da mesma forma. Mas não há nada de errado em ser diferente.

Eu estou melhor sozinha.

Francesca e seus cães de caça garantiram isso.



— Saudades da minha cara, não é? Sempre soube que você não poderia resistir a mim.

Eli sempre foi um incômodo de uma forma carinhosa. Mas ele é um funcionário leal da Legion e, apesar de suas terríveis frases de efeito, suas piadas são inofensivas e ele nunca me deixou desconfortável.

Tenho trabalhado com ele desde que voltei para Montana e tenho uma queda por ele.

— Como eu poderia? Você é o pacote completo. – respondo secamente, embora um pequeno sorriso incline um canto dos meus lábios.

Ele deixa cair o cadáver na minha mesa de metal e depois abre os braços como se estivesse se apresentando como um prêmio.

Ele é um cara bonito – ainda com vinte e poucos anos, com lindos olhos castanhos, um rosto bem barbeado e um sorriso matador, embora tenha vergonha do dente da frente que está ligeiramente deslocado sobre o outro. Seu cabelo castanho claro é cortado curto e penteado longe do rosto com provavelmente cinco produtos diferentes. Ele é um daqueles caras que leva o cabelo muito a sério.

Com a frequência com que ele carrega corpos, ele é esguio, mas em forma, e garante usar roupas que mostrem quantos músculos ele possui.

Independentemente disso, ele não é meu tipo. Parece que apenas um homem se enquadra nessa categoria, e sempre foi Cage.

— Não vou fazer você implorar mais. Venha para o Papai.

Reviro os olhos e pego minha máquina de cortar cabelo, embora o velho quase não tenha sobrado nada.

— Não me faça vomitar em cima do cadáver. Não acho que meus porcos apreciariam isso.

Ele zomba, e seu lábio superior se curva em desaprovação. — De alguma forma, acho que eles considerariam isso um tempero extra.

— Ok, isso é nojento. – murmuro, fingindo uma brincadeira. Estou acostumada com a sujeira que vem junto com a posse de porcos. São animais sujos, independentemente do quanto eu trabalhe para manter este lugar limpo. Não apenas por causa do sangue, mas também da sujeira.

E apesar do que eu os alimento no jantar, ainda não gosto de pensar em todas as coisas diferentes que comerão. É quase ilimitado e isso por si só é bastante perturbador.

— Se eu morrer, por favor, não me dê de comida para eles. Principalmente para Oregano. Aquela fica *muito* ansiosa quando come. – ele implora dramaticamente.

Bufo, terminando de raspar o cabelo do morto e passando a extrair seus dentes. — Tudo bem, contanto que você também não me deixe virar comida de porco.

Ele coloca a mão sobre o coração, como um soldado jurando lealdade à bandeira. — Você tem minha palavra.

Tão dramático.

— Então o que esse cara fez? – pergunto, apontando para o cadáver.

— Ficou um pouco amigo demais da filha dele. A parte mais fodida foi que o amigo dele *também* a estava atacando, e o pai atribuiu tudo a ele e escapou impune.

Balanço a cabeça, com meu coração doendo pela garotinha. Muitas vezes, eu gostaria que eles trouxessem esses idiotas vivos para mim.

— Você falou com Legion ultimamente? – ele pergunta, mudando rapidamente de assunto. A diversão em seu rosto relaxa, deixando suas feições em uma expressão mais séria.

— Eu falei antes. Por quê? – Jogo os dentes no moedor e o ligo, com o barulho alto fazendo pouco para reduzir a tensão crescente no ar.

— Ele mencionou alguma coisa sobre alguma irmandade?

Minhas sobrancelhas franzem enquanto tiro as roupas do homem. — Irmandade? – eu ecoo com confusão. — Não parece familiar.

— Sim, são apelidados de Basilisk Brotherhood. Aparentemente, Z os conhece agora e eles estão interessados em seu trabalho em particular.

Minhas mãos paralisam e meus músculos ficam densos de tensão. — O que eles querem com o meu trabalho? – pergunto, com minha voz endurecendo.

Se tentarem me substituir... vou ter um ataque colossal. Sou substancialmente paga para fazer o que faço e isso não exige que eu me envolva mais no trabalho do Legion do que gostaria.

Vivo uma vida simples e estou *feliz* com isso.

— Eles querem os órgãos. Evidentemente, eles acham que dá-los aos porcos é um desperdício de dinheiro.

Agora, minhas sobrancelhas sobem na minha testa. Quando encontro o olhar de Eli, ele explica: — Eles são traficantes de órgãos. E acho que eles querem trabalhar com você e Legion.

Pisco, sem ter ideia do que pensar ou sentir.

— Como é que Legion contou a você sobre isso e não a mim?

— Ele me pediu para encontrá-los primeiro, para conhecê-los antes que

Legion aceitasse sua oferta. Tenho certeza de que ele não abordará você sobre isso até ter certeza de que eles são boas pessoas.

"*Boas pessoas*" é um termo vago quando se trata deste canto do mundo. No entanto, há um número surpreendente de pessoas como eu. O que fazemos não nos garantiria exatamente acesso aos portões perolados lá em cima, mesmo que o façamos por boas razões. Aqueles que matamos – nem mesmo o diabo os quereria.

— Se Z está trabalhando com eles, então não devem ser tão ruins. – comento, retomando meu trabalho e ligando o Sawzall.

Eli encolhe os ombros. — Meus pensamentos também, mas você nunca pode ter certeza. Eu esperaria algum tipo de contato sobre isso em breve. Você pode estar fazendo novos amigos.

Suspiro, cortando a cabeça do homem. Eli dá um passo para trás quando o sangue respinga perto demais para ser confortável.

— Ótimo. Bem quando eu estava me acostumando com você.

Eli suspira. — Eu me ressinto disso. Quem mais vai te dizer o quanto sexy você é semanalmente?

Levanto uma sobancelha, não impressionada. — De alguma forma, acho que vou sobreviver.

CAPÍTULO 19

CAGE

Duas semanas depois - 2022...

Eu a chamo de fantasma, mas por algum motivo, nunca considerei que a pirralha realmente iria acabar comigo.

Meu sangue ferve enquanto a observo das profundezas da floresta que cerca seu celeiro. Como de costume, as portas duplas estão bem abertas, permitindo a ventilação do celeiro. Está começando a chover, as gotas frias pouco fazem para acalmar meu temperamento.

Ela está limpando depois de alimentar os porcos, acabando de desligar o celular com a senhora que confirma que os cadáveres foram eliminados.

Ela é meticulosa. Tem uma rotina da qual não se desvia. E tudo tem um lugar.

Exceto eu, aparentemente.

Algumas semanas atrás, Legion me ligou para me informar que Eli estava de volta ao trabalho, mas imediatamente eu soube que algo estava errado quando ele, não tão gentilmente, me disse para esquecer onde Molly mora e ficar longe, a menos que ela mesma me contatasse.

Isso foi tudo que precisei ouvir para reconhecer que ela estava fugindo.

Não deveria ter me surpreendido. No entanto, aconteceu.

Mais do que isso, *doeu* pra caralho.

E isso me enfureceu totalmente.

Não tenho dúvidas de que Molly retribui meus sentimentos, exceto que ela é completamente ignorante quando se trata de ser capaz de lidar com essas emoções.

Ela pode nunca ter se apaixonado, mas também nunca conheceu outra pessoa como eu.

E o que ela parece esquecer é que eu *nunca* vou desistir dela.

Eu a deixei sozinha por duas semanas, permanecendo nas sombras quase todas as noites desde que recebi aquela ligação. Apenas observá-la seguir os movimentos da vida como se não fosse eu quem desse isso a ela. Esperando para ver se ela cederia e me procuraria.

Ela não fez isso, e minha paciência diminuiu.

Deus, como é tentador andar por trás dela, envolver minhas mãos em torno daquela garganta delicada e mostrar a ela que a única razão pela qual ela pode respirar é porque eu permito que ela o faça.

— Porra, você realmente me irrita. – digo baixinho. Enfio a mão no bolso e tiro minha embalagem de chicletes, desta vez colocando dois pedaços na boca.

Espero até que ela termine no celeiro, desligue as luzes do teto antes de sair para a chuva. Ela não está carregando a sacola de roupas e cabelos que normalmente queima quando termina, provavelmente por causa da chuva. O que significa que provavelmente esperará para espalhar os dentes nas montanhas.

Penso em deixá-la em paz por mais uma noite. Mas isso dura meio segundo. Perco meu controle.

Legion terá que sair do esconderijo se quiser tentar me impedir.

Duas semanas sem conseguir respirar fundo já é uma tortura suficiente.

Silenciosamente, caminho pela grama alta, mantendo-me nas sombras enquanto me aproximo dela por trás.

Ela não me nota até que seja tarde demais - seus instintos aumentaram nos últimos nove anos.

Ela paralisa, com os ombros enrijecendo e subindo até as orelhas, o pânico endireitando sua coluna. E então seus cachos grossos e úmidos estão presos em minha mão e eu a empurro contra meu peito, com meus lábios em sua orelha.

— Para uma fantasma com tantos ossos, você está apenas implorando para que eu os quebre. – resmungo.

Um suspiro agudo cruza o som melódico da chuva, e um arrepio percorre sua espinha tão violentamente que sinto através de sua pele.

— Cage. – ela respira, com a pulsação em seu pescoço batendo de forma irregular. Fico tentado a pressioná-lo com os dentes para sentir o gosto de algo mais doce do que o amargor que cobre minha língua.

— O que está fazendo aqui? – ela arfa, resistindo ao meu aperto. Mas eu a deixei se afastar de mim por tempo suficiente. Ela tem sorte de eu não costurar a maldita carne dela na minha.

— Já não te disse que deixei você se afastar de mim uma vez e não vou permitir isso uma segunda vez? Você achou que eu deixaria você ir tão facilmente?

— Sim. – ela grita quando aperto seu cabelo com mais força, rangendo os dentes enquanto minha fúria se renova. Justamente quando penso que me acalmei, lembro-me de que ela realmente tentou me transformar em um fantasma.

Nenhuma explicação adequada. Nenhum telefonema dizendo que ela não quer me ver novamente. Nem mesmo uma maldita mensagem de rompimento. Apenas... silêncio.

— Então suponho que não fui suficientemente claro. Permita-me remediar isso.

— Cage, pare com isso! – ela exclama, cravando os calcanhares na grama molhada quando eu a empurro em direção a sua casa.

Quando ela continua a lutar, eu a pego no colo e a jogo por cima do ombro com um gemido frustrado.

— Afaste-se de mim mais uma vez, Molly, e eu garantirei que você não consiga andar.

— Não se atreva a me ameaçar, idiota! – ela exclama.

Enquanto ela envia seus pequenos punhos voando em minhas costas, bato a palma da minha mão diretamente em sua bunda grande.

— Seu idiota! – ela grita enquanto o tapa alto reverbera no ar frio da noite.

Uma risada sombria sai da minha garganta, meus músculos se contraem com a necessidade de puni-la.

— Parece-me que é exatamente disso que você precisa agora.

Ela bufa um som ofendido e desce uma mão na parte de trás da minha calça jeans para agarrar o cós da minha cueca, sua ameaça é clara.

Estreito os olhos enquanto subo os degraus de madeira da varanda.

— Eu adoraria saber o que você acha que isso vai conseguir. Se for algo diferente do meu pau enfiado na sua garganta, está redondamente enganada.

— Você não terá um pau se eu puxar com força suficiente e cortar a

circulação.

Completamente irrealista, mas a deixo ter seu pequeno acesso de raiva enquanto a carrego para casa. O tempo todo, ela continua a me ameaçar, provavelmente ficando mais irritada com a minha falta de preocupação com um possível cuecão. Provavelmente iria doer – *definitivamente* me irritaria – mas não me faria largá-la como espera.

Ela me transformou nisso, e agora ela tem que viver com isso.

— Cage, juro por Deus, se não me deixar ir, vou ligar para Legion...

— Não me faça encontrar aquele filho da puta sem rosto e matá-lo. – respondo. — Ele pode ter salvado você antes, mas com certeza não pode salvá-la agora.

Ela resmunga para mim, batendo nas minhas costas novamente. — Apenas me deixe ir, e então poderemos conversar como adultos maduros!

— Ah, não, baby, você teve essa chance quando decidiu fugir em vez de se apaixonar por mim. Agora, fazemos do meu jeito.

Ela gagueja por um momento, surpresa. — Apaixonar... do que você está falando, seu psicopata? Apenas me deixe ir!

Bato a palma da mão na bunda dela pela segunda vez, evocando outro suspiro agudo, mas desta vez foi apenas um aviso. Em seguida, deslizo meu polegar entre suas coxas fechadas e pressiono firmemente onde está seu clitóris.

Ela fica completamente imóvel.

— Pare com isso. Agora mesmo. – Sua voz está trêmula e essas palavras estão em um terreno devastado por um terremoto. Mas não é o medo saturando seu tom como ela quer que eu acredite. O calor entre suas pernas e as unhas cravadas em minha jaqueta de couro revelam seus verdadeiros sentimentos.

Não posso deixar de sorrir, esfregando pequenos círculos apertados em sua calça jeans enquanto sigo pelo corredor em frente e em direção ao quarto dela no final.

Pequenas respirações arfantes passam furtivamente por seus lábios, embora ela tente contê-las, apenas para que sua garganta a traia e emita um som próprio.

Ela não consegue escapar do prazer, assim como não consegue escapar

de mim. Se eu permitisse, ela preferiria arrancar o coração do meu peito para roubá-lo de volta, mas infelizmente para ela, ela nem percebe que eu o tenho ainda.

E eu nunca a deixaria tirar algo tão precioso.

Mas, porra, não há como negar que é divertido quando ela tenta.

Abro a porta, revelando sua cama com um edredom verde oliva, móveis mais desgastados e peças artísticas penduradas nas paredes de cor creme.

De pé na beira da cama, deslizo-a pelo meu corpo até que suas pernas estejam presas em meus quadris.

Ela está olhando para mim com olhos esmeraldas brilhantes e brutas, polidas até que sua frustração fique evidente. Seu lábio inferior está ligeiramente amuado e suas bochechas sardentas estão vermelhas de raiva, iluminando a marca branca dos dentes abaixo do olho direito.

Ela pode ser feroz, mas não é muito intimidante quando está embalada em meus braços e minhas mãos estão em sua bunda.

— Você é tão linda. – murmuro, completamente extasiado por esta mulher. Cristo, as coisas que faria por ela *e* para ela. É muito ilimitado.

— Você está sendo incrivelmente desrespeitoso agora. – ela corta.

Meu olhar se volta para aqueles lábios carnudos que estão implorando para que eu os morda. — Nem comecei a desrespeitar você ainda, baby. Mas meu Deus, como estou ansioso por isso.

Seus olhos se estreitam em fendas finas, embora suas bochechas corem ainda mais.

— Não podemos ficar juntos, Cage. – ela afirma com firmeza, mas mais uma vez, suas palavras são frágeis.

— Por que isso? – pergunto casualmente, ainda observando cada centímetro de seu rosto.

— Po... porque! Eu disse isso! Eu estou melhor sozinha.

Ofereço meu olhar seco por dois segundos, garantindo que ela possa ver o quanto fraca foi essa desculpa.

Nós dois sabemos que ela não tem um motivo realmente bom além de estar com medo.

Ela bufa. — Talvez eu simplesmente não queira um relacionamento. Essa não é uma razão válida o suficiente? Meus sentimentos não importam?

Ela está desviando o olhar, incapaz de manter seu olhar fixo no meu agora.

Fugindo. Ela está fugindo enquanto conversamos. E isso me irrita.

É minha vez de estreitar os olhos, com um gemido de descontentamento crescendo em meu peito. Em vez de responder, tiro as botas e subo na cama, deixando-a cair de costas com um suspiro assustado.

Ela tenta se afastar, mas já antecipei seu movimento e preendi seus pulsos acima da cabeça antes que pudesse avançar cinco centímetros.

Cachos soltos caem sobre seu rosto, e ela ofega por baixo de mim, fervendo em mim com um fogo que rivaliza com o calor que emana de sua linda boceta.

— Você está com medo, e eu entendo isso. Você esteve sozinha quase toda a sua vida e não sabe como é ter alguém cuidando de você. Tudo bem, podemos resolver isso. — Então, abaixo minha voz, garantindo que possa ver o quanto sério estou falando. — Mas o que não farei é permitir que você fuja de mim.

Eu me inclino até que meus lábios estejam a um centímetro de distância dos dela, com sua respiração aquecendo meu rosto em rajadas curtas.

— Não se preocupe, fantasminha. Vou te ensinar como passar a eternidade comigo.

Ela pisca para mim com os olhos arregalados e cheios de perplexidade.

— Você é louco. — ela respira.

— Por você. — eu corrijo. — Estou louco por você.

— Você mal me conhece.

— Conheço você melhor do que você mesma. — respondo, com meu olhar voltando para sua boca rosada. — Não preciso saber sua cor favorita para saber que fui o primeiro homem a fazer você se sentir bem com seu próprio corpo.

Aquele lábio inferior carnudo se curva entre seus dentes retos, e não consigo evitar a queimação de ciúme. *Eu* quero mordê-lo.

— Você acha que é melhor eu saber se você prefere bacon em vez de

salsicha pela manhã ou se lutou muito para chegar onde está e comeria os dois só porque pode?

Ela levanta uma sobrancelha. — Você acha que eu como porco no café da manhã?

Os cantos dos meus lábios se levantam e minha voz se transforma em um sussurro. — Acho que você comeria bem na frente deles porque você gosta da morbidez disso tanto quanto de picar pessoas mortas quanto de sua comida.

— Acho que está procurando coisas para amar, mas, eventualmente, vai perceber que nunca fui feita para ser feliz e que você está apenas perdendo seu tempo.

Meu peito aperta com a tristeza em seus olhos, e o desejo ardente de consertar isso é insaciável. Nunca conhecerei a paz enquanto Molly Devereaux estiver triste.

— Você não pode me consertar. — ela termina.

— Não quero consertar *você*, Molly. Não há nada para consertar quando você já fez isso sozinha. A única coisa que farei é garantir que não haja uma única parte de você vazia. Sua vida, seu coração e sua doce boceta. — Eu me inclino mais perto até meus lábios tocarem levemente contra os dela. — Preencher você nunca será uma perda de tempo.

Estou pressionando minha boca na dela antes que ela possa responder. Ela não precisa quando seu corpo já está fazendo isso. Suas costas arqueiam, pressionando seu peito contra o meu, e seus lábios se abrem facilmente sob a pressão da minha língua.

Um pequeno gemido toca o céu da minha boca, e é a única confirmação que preciso de que, embora ela possa fugir novamente, ela com certeza adora ser pega.

Eu me afasto, observando seu olhar com pálpebras pesadas. — Diga-me que você é minha.

Suas sobrancelhas franzem, um pequeno franzido desce pelos lábios inchados. — Desde que entrei em sua loja, acho que nunca houve um momento em que eu não fosse, Cage.

CAPITULO 20

Molly

Três meses depois - 2022...

— VAI, EMMA!

O grito vem de sua mãe, Margot, com seu rabo de cavalo loiro balançando enquanto ela pula para cima e para baixo nas arquibancadas, a apenas algumas fileiras de Cage e de mim.

Estou de pé, gritando junto com Margot, mas ainda tomo cuidado para não dizer o nome dela. Cage também está de pé, batendo palmas ruidosamente e com um sorriso no rosto.

Ele não a conhece, mas sabe tudo sobre ela e também aprendeu a cuidar dela de longe.

Houve muitas noites sem dormir em que chorei pela irmã mais nova que nunca conhecerei, e ele me abraçou todas as vezes, me contando sobre esses momentos até que me lembrei de que ela está feliz.

— Você vai se apresentar a ela? – Cage pergunta baixinho.

Meu sorriso desaparece e encolho os ombros, tentando esconder como o simples pensamento me dá vontade de vomitar.

Cage decidiu ver mais profundamente a vida de Layla, apenas para garantir que ela estava tão feliz quanto parece por fora. E ela é. Mas ele descobriu que também poderia haver uma parte dela desaparecida. Ele a encontrou postando perguntas em fóruns públicos anonimamente, pedindo conselhos sobre a possibilidade de seus pais mentirem para ela sobre sua infância. Ela escreveu que tem vagas lembranças de outra figura materna em sua vida, mas seus pais não lhe contarão nada sobre isso. Ela sabe que foi adotada, mas sente que seus pais mantêm um estranho segredo sobre de onde ela veio e como a adotaram.

Isso partiu meu coração e me fez questionar se eu estava realmente fazendo a coisa certa ao ficar fora da vida dela.

— Não quero que ela saiba o que faço. – digo. Algo que já disse um milhão de vezes antes. — E eu também não quero mentir para ela. Já mentiram bastante para ela em sua vida.

— Uma mentira vale a pena nunca conhecê-la? – ele pergunta. Algo

que ele já perguntou um milhão de vezes antes.

E ainda não tenho uma boa resposta.

Ele me encara atentamente e me lembro de que ele só conhecia sua irmã há doze anos. A escolha de conhecê-la por mais tempo foi tirada dele.

A culpa me corrói e uma batalha trava dentro da minha cabeça, só que ainda não descobri quem está ganhando. A parte de mim que quer conhecê-la, ou a parte de mim que sente que ela está melhor sem mim.

De qualquer forma, Cage sente que estou tirando essa escolha dela.

— Os pais dela me odiariam se eu reaparecesse na vida dela, eu acho. — continuo.

— Possivelmente. Mas só porque se sentirão ameaçados. Talvez confusos. Mas se você confiar neles quem você é, eles poderão aprender a confiar em você. Você não está lá para tirar Layla deles.

— Eu nunca faria isso. — concordo. — Ela pertence à família dela e eu nunca faria nada para mudar isso.

— Você também é a família dela, baby. E quando eles souberem que você não está tentando levá-la embora, eles ficarão felizes em que você preencha essas lacunas para Layla. Eles são tão reservados sobre o passado dela porque não sabem. Eles não sabem nada sobre quem ela realmente é ou de onde vem, e talvez isso lhes traga um pouco de paz também.

É tudo hipotético.

Teórico.

Não há como saber se é assim que eles realmente se sentem ou se é isso que realmente desejam. Não há como saber se é mesmo isso que Layla iria querer.

Claro, ela pode pensar que sim. Mas o que acontece se eu contar a ela, e isso a deixa em parafuso, porque agora ela deve enfrentar o fato de que seus pais biológicos eram pessoas doentes e depravadas? Causaria uma crise de identidade? Ela sentiria que seu sangue está contaminado pelo mal?

São pensamentos que tive que aceitar comigo mesma. Eu acabaria como meus pais eventualmente?

Não quero que Layla sofra com esses pensamentos insidiosos. Não quero que ela jamais conheça a dor de ter seus pais biológicos a vendo como nada mais do que uma mina de ouro. Saber que ela significava tão pouco para

eles.

Porque ela significava tudo para mim.

Tudo.

Layla marca mais um gol antes do tempo acabar, jogando a bola na rede com a cabeça. Sua equipe vai direto até ela, levantando-a nos braços e gritando por mais uma vitória. Elas estão invictas até agora e parece que estão rapidamente a caminho das Nacionais.

Meu coração explode de orgulho e grito junto com o resto da equipe e suas famílias, com minhas mãos ardendo de tanto bater palmas.

— Emma, Emma, Emma, Emma. — canta a equipe, levantando-a sobre os ombros. No entanto, sua cabeça está virando para olhar para o outro time, com os ombros caídos. Com o desânimo poluindo o ar ao seu redor. Há um leve vinco em seu rosto, quase como se ela se sentisse culpada por bater neles.

É tudo que preciso ver para saber que ela *nunca* será como nossos pais.

Só espero que, se eu a conhecer, ela também veja isso.

Meu coração está batendo forte na garganta, e estou me perguntando em que momento meu corpo decidiu que funcionaria melhor ali, em vez de no peito.

Claramente era desonesto, junto com qualquer pensamento coerente conforme Layla e seus pais se aproximam.

Cage e eu estamos do lado de fora do portão do campo, onde uma multidão se espalha enquanto todos saem. O ar quente de Agosto é sufocante, e eu gostaria de ter trazido um miniventilador para não suar em todas as minhas roupas.

Duvido que ser um caos encharcada cause uma excelente primeira impressão.

Layla e seus pais emergem das portas, com os seus fios loiros bagunçados em sua testa suada e um sorriso brilhante no rosto enquanto seu pai, Colin, balança seus ombros com entusiasmo. Sua cabeça inclina para baixo e aquele sorriso desaparece levemente.

É muito pouco incentivo, considerando que estou a dois segundos de sair, mas é o suficiente para manter meus pés plantados até que Layla esteja a apenas alguns metros de distância.

O mundo se inclina em seu eixo, desacelerando até parar enquanto

nossos olhos se chocam. Não tenho certeza se estamos nos movendo em câmera lenta ou se ela realmente parou de andar. Independentemente disso, lá está ela, a meio metro de distância, olhando diretamente para mim.

— Emma?

A cabeça de Layla se volta para Margot, que está olhando para ela com preocupação, seu olhar passando entre mim e sua filha.

— Você está bem?

— Hum... – ela gagueja, mas depois volta a se concentrar em mim antes que possa ter uma resposta melhor.

— Emma, quem é? – Colin pergunta.

Mordo o lábio, com meu cérebro pensando em como me apresentar. Meu nome verdadeiro? Meu nome falso? Sua irmã? Isso importa?

Minha boca se abre, depois se fecha, e desconfortavelmente me movo. Isto foi um erro. Um grande erro.

Não tenho lugar para interferir na vida dela. Quem se importa se falta uma pequena parte dela? É melhor do que descobrir que seus pais tentaram vender você no comércio sexual *depois* de me venderem.

Isso é... *muito* trauma.

Vou virar, mas Cage agarra meu bíceps, me impedindo de fugir.

— Quem é você? – Margot está direcionando sua pergunta para mim agora.

— Hum.

Minha resposta não é mais informativa do que a de Layla, exceto que eu realmente sei a resposta.

Limpo a garganta e tento novamente: — A irmã dela.

As três espinhas se endireitam, mas enquanto a cautela e a suspeita obscurecem a visão de seus pais, Layla estreita os olhos em contemplação, como se estivesse tentando me reconhecer de memórias de quase uma década atrás.

— O que? – Margot pressiona, dando um passo à frente, com seu tom afiado e irado. — O que faz você...

— Eu a dei para você. — digo, com a voz embargada. Porra, dói muito dizer isso em voz alta, mesmo que tenha sido a melhor coisa que eu poderia ter feito por ela. É uma merda que *eu* não pudesse ser isso. A mão de Cage segura meu bíceps, apertando suavemente para me lembrar que ele está aqui. É o suficiente para falar. — Dez anos atrás. Deixei-a na sua porta com um crachá e data de nascimento.

Ela e Colin piscam para mim surpresos, com uma série de emoções brilhando em seus olhares. Duvido que tenham contado isso a alguém; certamente não foi divulgado ao público.

— Você me deu? — Layla pergunta, com sua voz suave e cheia de mágoa. É a primeira vez que ouço isso de perto e dirigido a mim. É o suficiente para me levar às lágrimas, embora eu consiga contê-las.

Mordo o lábio, pensando em como responder, apenas para me decidir por um aceno trêmulo. Não posso confiar que minha voz não irá falhar e que um tsunami de explicação irá explodir. Sei que preciso ir com calma com ela - *se* ela decidir que quer me conhecer, mas odeio que ela sinta que eu a abandonei porque não a queria.

— Por quê? — ela pergunta.

— Talvez este não seja o melhor lugar para isso acontecer. — Colin intervém, olhando nervosamente entre mim e sua esposa. Ambos estão nervosos. Desconfortáveis. E por um bom motivo.

Talvez eu devesse ter enviado uma mensagem para ela em algum aplicativo de rede social, mas isso pareceu tão... impessoal. Sujo.

Não quero que Margot e Colin sintam que estou me esgueirando pelas costas deles. Como um predador estranho tentando ganhar a confiança de Layla sem o seu conhecimento.

Quero fazer isso da maneira certa. Talvez esta não tenha sido a *melhor* maneira, mas pelo menos seus pais não ficarão no escuro.

— Você está certa. — eu me apresso a dizer. — Acho que não sabia a melhor maneira de fazer isso...

— Você deveria ter vindo até nós primeiro. — Afirma Margot com firmeza. Ela está irritada e seus instintos protetores estão totalmente ativados. É compreensível, mas manter minha voz exige esforço.

— Provavelmente. Mas eu não queria me tornar um segredo para ela ou um motivo para vocês dois terem que guardar um se tentassem decidir por ela. Não estou aqui para tentar levá-la embora ou causar qualquer problema.

Escolhi vocês dois por um motivo e não tenho planos de desfazer essa decisão.

— Então o que você quer? – Layla pergunta, inclinando a cabeça.

— Conhecer você. – digo, encontrando seus olhos azuis bebê. — Isso é tudo. Se não é isso que você quer, respeitarei isso. Mas só queria que fosse você quem decidisse.

Colin zomba. — Nós também temos opinião. Ela tem apenas quinze anos...

— E ela vai crescer eventualmente. – eu o lembro, com meu próprio tom se aguçando. — Ela não terá quinze anos para sempre. Apenas pergunte a si mesmo se você a estaria impedindo pelo bem dela ou pelo seu.

Ele parece um pouco ofendido com isso, mas isso não o torna menos preciso.

Engolindo a bile que ameaça sair da minha garganta, dou alguns passos à frente e entrego a Margot um pedaço de papel com meu número escrito.

— Vão para casa e conversem sobre isso em família, certo? Então me liguem quando todos decidirem. Respeitarei sua decisão de qualquer maneira.

Hesitante, ela tira o papel de mim. Dou uma última olhada em Layla antes de me virar e ir embora.

— Ei! – A voz de Layla me para e me viro o suficiente para olhar para ela. — Qual o seu nome?

Engulo em seco e, por um breve momento, considero dar a ela o nome que dei a mim mesma quando a tirei de nossa casa horrível. Mas quero que ela conheça meu verdadeiro eu. A versão de mim mesma que venho lutando para encontrar novamente desde que me tornei um fantasma, anos atrás.

— Molly. – eu falo. — Meu nome é Molly.

Então, eu viro e espero em Deus que esta não seja a última vez que ouvirei a voz dela.

Cage entrelaça minha mão com a dele, apertando com força.

— Então, a fantasminha finalmente se materializa. Bem-vinda ao resto da sua vida, baby.

ΕΠΙΛΟΓΟ

MOLLY

Um mês depois - 2022...

Mesmo a ponta do pau de Cage no fundo da minha garganta não impede que minhas coxas se agarrem em volta de sua cabeça. Sua língua desliza pela minha fenda, visando meu clitóris com perfeita precisão e habilidade.

Estou sentada em seu rosto e inclinando seu corpo, chupando seu pau até que suas próprias coxas fiquem tensas de prazer.

Estamos competindo para ver quem consegue fazer quem gozar primeiro. Quem quer que seja o vencedor, vai foder a bunda do outro, e estou determinada a vencer. No entanto, menos de um minuto depois, estou prestes a perder.

Eu o levo para fundo da minha garganta novamente, evocando um gemido profundo em seu peito e fazendo-o mover os quadris, forçando-me a engoli-lo impossivelmente mais fundo.

Engasgo, mas mesmo isso não diminui a necessidade ardente de gozar. Apertando os olhos fechados, eu movo minha boca para cima e para baixo em seu comprimento com vigor, chupando e lambendo enquanto uso minha mão para torcer a carne que minha boca não consegue alcançar.

Em retaliação, ele suga meu clitóris em sua boca, passando a língua sobre ele com uma velocidade que o meu cérebro é incapaz de compreender. A única coisa que consegue entender é como isso é incrível.

Meu estômago se aperta e chego ao limite em segundos. Não há como parar o orgasmo me percorrendo e saindo daquele limite, me fazendo gozar junto com ele.

Grito ao redor de seu pau, perdendo o controle do meu corpo enquanto eu impiedosamente esfrego seu rosto. Seus braços envolvem minhas coxas e ele geme contra mim, abrindo a boca para aceitar a erupção que ele tão selvagementemente forçou a sair de mim.

Alguns segundos depois, ele está enchendo minha boca também. Jatoss quentes de esperma descem pela minha garganta, e a única coisa que sou capaz de fazer é mover meus quadris e engoli-lo até que não haja mais nada de nós dois para dar.

Eu me afasto assim como ele, com nós dois ofegantes.

— Jesus Cristo. – ele respira.

— Por que você está clamando por Ele? Claramente, Ele está do *seu* lado. – reclamo sem fervor, me virando para longe dele. — Eu estava *isso*... – eu estendo a mão e aperto o indicador e o polegar a um milímetro de distância. — Perto de conseguir fazer você gozar.

Ele ri. — Temos o resto de nossas vidas. Deixe-me trabalhar nisso, sim? Por enquanto, posso foder sua linda bunda.

Já há um sorriso maroto em seu rosto quando me deito ao lado dele, apoiando meu queixo em seu peito arfante.

— Cale a boca. – digo antes que ele comece a se gabar. O sorriso se alarga e é totalmente injusto o quanto lindo ele é.

— Se isso faz você se sentir melhor, eu estava prestes a recorrer à artilharia pesada e pensar em alguma merda bem fodida. Eu estava pronto para gozar no segundo em que você me engoliu.

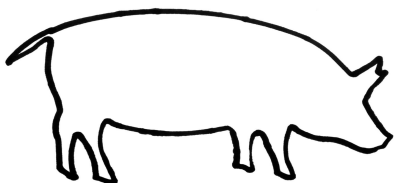
Reviro os olhos. — Isso significa que você trapaceou. Exijo uma nova tentativa.

— Feito. – ele concorda prontamente, com a palavra saindo de sua boca antes que eu mal consiga terminar.

Aperto os lábios e bato em seu peito de brincadeira. — Você vai continuar trapaceando, então continuo pedindo para um nova tentativa. Idiota.

Ele ri, fazendo minha cabeça tremer. Zombando, eu viro para longe dele, fazendo-o virar atrás de mim e me envolver em seus braços, de costas para seu peito.

— Você está certa. – ele sussurra sensualmente em meu ouvido, provocando um arrepio profundo. — Eu faria coisas terríveis, terríveis para colocar minha boca nessa boceta sempre que pudesse.



— Tenho mais um corpo para pegar. — diz Cage, apenas um pouco sem fôlego depois de carregar três homens mortos do porta-malas de Eli. Aparentemente, eram irmãos e gostavam de compartilhar pornografia infantil como se fossem vídeos de cachorrinhos fofos.

Minhas sobranceiras se apertam em confusão. — Achei que Eli disse que só deixou três?

— Ele fez. Eu trouxe um extra.

Só consigo piscar antes que ele esteja na metade da porta.

— Que porra é essa? — murmuro, perplexa. A única resposta que recebo é um bufo desagradável de Dill.

— Que porra é essa? — Repito alguns minutos depois, quando ele reaparece, com meu tom mais alto e mais nítido.

Meu queixo cai quando Cage carrega um homem muito familiar, deixando cair o corpo sobre a mesa de metal. Alguém que costumo ver apenas em meus pesadelos.

— Kenny Mathers. — sussurro. O único homem da casa de Francesca que conseguiu escapar ileso e o último homem vivo que abusou de mim naquela casa. — Como você descobriu quem ele era? Eu nunca te disse o nome dele.

— Legion. — ele responde simplesmente.

Claro. Eu deveria saber.

— Como você o encontrou?

— Em uma prisão. Bem, a prisão da Legion não é oficial. Mantive-o trancado, longe da sociedade, até tomar a iniciativa de matá-lo. Decidi fazer essa parte porque você não gosta de se envolver nesse lado do negócio.

— Você o matou? — eu repito em um sussurro.

— Claro que sim. — ele diz com orgulho. — Legion o entregou para mim e eu cuidei do resto.

Olho para ele, boquiaberta enquanto tento processar que Legion não apenas manteve meu agressor trancado todo esse tempo, esperando que eu estivesse pronta, mas que Cage o matou por mim. E agora está me

apresentando ele como... comida de porco.

— Uau. – eu arfo, completamente sobrecarregada. — Acho que eu te amo ainda mais agora, mas também não tenho certeza porque não pensei que isso fosse possível.

Essa é a primeira vez que eu disse essas três palavras em voz alta, o que também traz muitas emoções para lidar. Especificamente quando seus olhos brilham, e agora está me observando como se *eu fosse* a comida.

— Você tem mais alguém nessa sua lista de alvos? Matarei quantas pessoas você quiser se continuar dizendo que me ama.

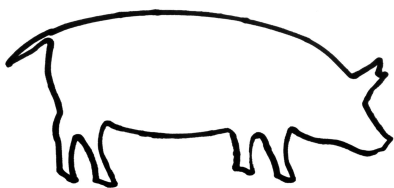
Minha visão está embaçada e meu peito parece muito cheio.

— Você é um idiota. – resmungo, piscando para afastar as lágrimas. Cage me agarra e me puxa para seu abraço, me segurando com força.

— Vou foder você por muito tempo hoje à noite. – ele sussurra pecaminosamente.

Seguro uma risada e ele agarra meu queixo, trazendo meu foco para ele. Ele me encara suavemente, embora ainda haja um toque dessa obsessão em seus olhos.

— Eu também te amo. Agora, vamos trabalhar cortando-o. Chili está me olhando feio, e Garlic e Paprika parecem estar conspirando contra nós enquanto conversamos.



O toque alto do meu celular quase faz com que meus ossos saiam da minha carne de medo.

O som está no volume máximo desde que entreguei meu número de telefone a Margot; Eu só estava esperando ela ligar.

Já se passou pouco mais de um mês e quase me convenci de que o silêncio deles seria a minha resposta.

Ou Layla não quer me conhecer, ou Margot e Colin não permitem. Independentemente disso, não cabe a eu interferir em nenhuma das decisões. Mesmo que pareça que meu coração está em frangalhos.

— Você vai atender?

Cage e eu estamos extraindo dentes e cabelos de Kenny e dos outros três cadáveres.

Olho para o número, notando que é um que não reconheço. Tirando as luvas, pressiono o botão de atender e seguro-o no ouvido.

— Alô?

— Molly?

Meu coração para por um instante. — Sim?

A mulher limpa a garganta. — É a Margot. A mãe de Emma.

Quase tropeço no ar quando me viro e começo a andar.

— É tão bom ouvir você. – eu arfo.

— Há quanto tempo você vai aos jogos de Emma?

Franzo a testa, um pouco surpresa com a pergunta.

Deus, e se ela estiver ligando só para me dizer que Layla disse que não quer me conhecer? E se ela me disser para nunca mais contatá-los ou mostrar meu rosto em nenhum de seus jogos?

Sempre irei aos jogos dela, mas respeito seus desejos o suficiente para não deixá-los me ver. Mantereí distância enquanto Layla exigir. Se for para sempre, eu ficaria bem em observá-la envelhecer de longe – desde que ela esteja segura.

— Voltei para Montana há mais de quatro anos. Assim que descobri que ela estava jogando, fui a todos os seus jogos. Cada um.

Margot fica em silêncio por um momento e então ouço um suspiro suave.

— Emma está... ela está interessada em falar com você. – ela começa, com a voz tensa de desconforto. — Ela admitiu que se sentia um pouco

perdida em relação à sua infância e gostaria de saber mais sobre seus pais biológicos. E você, claro. Concordamos apenas porque sentimos que isso ajudaria Emma a se curar de... de seus problemas de abandono.

Fecho os olhos, sentindo como se Margot estivesse diante de mim e cravando suas garras em minha carne até que meu coração ficasse exposto, depois arrancando-o de sua cavidade inútil. Nenhum osso poderia protegê-lo da dor de Layla.

— Eu entendo. – sussurro. — Vou contar a ela tudo o que ela quiser saber.

— E sei quem você é. Quem ela é. – ela se apressa em dizer, quase como se, se ela não dissesse isso, ela iria entrar em combustão.

— Eu sei. Então espero que você saiba que não dei Layla para você porque não a queria, mas porque tive que fazer isso.

Há silêncio, e só agora percebo que Cage desligou sua máquina de cortar cabelo. Está quieto – muito quieto.

— Emma. – ela corrige. — O nome dela é Emma.

Mordo o lábio, sem perceber que cometi um deslize.

— Eu sei que é. – admito suavemente. — Dei esse nome a ela para que ninguém descobrisse quem ela era.

— Certo. – diz Margot, em um tom curto, mas sem falta de calor. Sei que isso também é difícil para ela.

— Agradeço por você me permitir falar com ela. Pelo menos desta vez. Eu... não consigo nem começar a expressar o quanto ela significa para mim.

Margot suspira novamente. — Acredito em você, Molly. Não consigo imaginar as coisas pelas quais você passou. As coisas pelas quais Emma passou. Para ser honesta, eu não iria permitir isso quando você se aproximou pela primeira vez. Mas... depois que pesquisei você no Google e descobri sua história - seu sequestro - percebi que pode haver muito mais em ambas as histórias do que eu estava acreditando. Na minha cabeça, criei você como uma mãe viciada em drogas que deixou a filha na porta de um estranho qualquer. Eu costumava agradecer a Deus todas as noites por ela ter ficado conosco e não com alguém que a teria machucado. Lembro que você disse que nos escolheu. Isso é verdade?

— Sim. – eu respondo. — É um pouco assustador quando digo isso em voz alta, mas observei sua família durante meses. Não poderia deixá-la com

qualquer uma, mas não confiava no sistema de adoção e queria que ela fosse para uma família que eu sabia que iria mantê-la e amá-la.

— Bem, você escolheu corretamente. — diz Margot. — Então vou prestar-lhe o mesmo respeito e deixar você vê-la. Mas saiba que no momento em que Emma disser que terminou, você *nunca* mais a verá. Isso está entendido? Ela é...

— Sua filha. — eu garanto. — E eu entendo. Respeitarei os desejos dela. Sempre, Margot.

Ela solta um suspiro alto, como se um pequeno peso tivesse sido tirado de seus ombros.

— OK. Vou te mandar uma mensagem com data e hora.

— Obrigada. — eu respiro. O telefone desliga e, imediatamente, lágrimas surgem dos meus olhos e se caem em rios, como se estivessem na fenda dos meus cílios, esperando para serem liberadas.

— O que aconteceu? — Cage pergunta, correndo até mim e colocando meu rosto entre as palmas das mãos. Felizmente, ele teve a precaução de tirar as luvas de borracha, embora seu corpo ainda esteja coberto de sangue por ter extraído os dentes.

Seus olhos movem entre os meus, com preocupação estampada em suas sobrancelhas inclinadas.

— Ela vai me deixar ver Layla. — murmuro, o final da minha declaração é interrompido por um soluço.

— Venha aqui, baby. — Cage murmura, me levando para seus braços. Mantenho meu queixo inclinado para cima e longe de seu peito, enquanto ele inclina a testa para apoiar em meu ombro, me abraçando com força.

A tampa que estava bem fechada sobre as emoções que eu havia engarrafado dentro de mim durante a conversa explode, e eu me perco, soluçando em seu pescoço enquanto ele nos balança de um lado para o outro.

Tanto medo, mágoa e solidão são liberados do meu peito. Dez anos sem ver seu lindo sorriso, ouvi-la dizer meu nome — foi uma tortura. Pior do que qualquer coisa que já sofri nas mãos de homens sujos.

Nunca conheci o amor até Layla nascer e, durante anos, meu mundo girou em torno de a ver outro dia. Então, tudo girava em torno de protegê-la de mim e de toda a bagagem que eu carregava.

E agora, parece que finalmente fui libertada. Das correntes que estavam enroladas em meus tornozelos, constantemente me arrastando de volta ao meu passado sórdido toda vez que eu tentava escapar dele.

— Posso vê-la. – grito entre gemidos ásperos.

— Você pode vê-la. E ela vai amar você agora.

Isso só me faz chorar mais. Nunca conheci um Deus, mas se existir, Ele me concederá o amor de minha irmã. Isso é tudo que sempre quis.

Não tenho certeza de quanto tempo passa antes que meu choro diminua, minha garganta fique áspera e meus olhos vermelhos e inchados.

Cage se afasta apenas o suficiente para enxugar as lágrimas do meu rosto com os polegares.

— Eu te amo, fantasminha. E sei que ela também vai.

Solução quando ele se inclina e pressiona os lábios na minha testa, beijando-me suavemente.

— Eu também te amo.

Assim que recupero o fôlego, meu celular toca novamente, e pela segunda vez, me assustando pra caralho.

Limpando a emoção persistente da minha garganta, respondo sem olhar.

— Alô?

— Ouvi dizer que você é boa em fazer as pessoas desaparecerem.

A voz grossa e masculina é chocante e não é o que eu esperava. Afasto o celular do ouvido, verificando o número. É desconhecido.

— Quem é?

— A maioria me conhece por Z. Mas você pode me chamar de Zade.

~~FIM~~

Então você decidiu ficar por aqui, não é?
Aqui está sua recompensa...

ÉPILOGO

ESTENDIDO

MOLLY

Presente...

4 de Setembro de 2023

— Jesus você é alto. – eu respiro, meus olhos se arregalam.

O homem entra no meu celeiro como se fosse o dono do lugar, e se exigisse isso de mim, eu poderia ceder. Ele não só é alto, mas também tem uma aparência assustadora.

O contraste entre o olho castanho escuro e o olho azul claro é surpreendente. E a cicatriz que atravessa a esquerda - começando logo acima da sobrancelha e descendo até o meio da bochecha - só aumenta a aparência selvagem que ele possui.

Não admira que ele seja o chefe da organização mais proeminente do mundo.

Atrás dele vem uma mulher consideravelmente mais baixa, com seus longos cabelos castanhos canela presos em uma trança solta sobre o ombro.

Eu a reconheço imediatamente. Não apenas como uma autora famosa, cujos livros eu *adoro* - mas como a mulher que foi sequestrada e se viu nas garras de Francesca, assim como eu. Quando ouvi que Z a encontrou, quase chorei de alívio por alguém ter conseguido sair de lá também.

Ela é linda e tem alguns dos olhos castanhos claros mais lindos que já vi. E *definitivamente* fode o chefão, se a maneira como Z - ou melhor, *Zade* - olha para ela como se ele fosse matar Cage e eu em um piscar de olhos se espirrarmos nela é alguma indicação.

Ela está olhando ao redor do celeiro, boquiaberta enquanto observa minha instalação.

— Ah, Sibby *adoraria* isso. — ela murmura para si mesma.

Em resposta ao meu comentário sobre a altura de Zade, Cage se vira para mim com um *que porra é essa?* olhe no rosto dele. — Baby, ele é apenas cinco centímetros mais alto que eu. — ele aponta o polegar para o peito. — Eu também sou alto.

Olho para Zade. — Ele é... mais assustador.

Os olhos de Cage abaixam de exasperação enquanto Zade me dá um sorriso encantador, esticando a cicatriz em seu rosto.

— Só machuquei pessoas que merecem. Palavra de escoteiro. — ele garante.

A mulher revira os olhos. — Ele nunca esteve nos escoteiros. E ele é assustador, mas posso chutar a bunda dele, e *eu sou* legal. — ela corre para frente, estendendo a mão para eu apertar. — Eu sou Addie. A noiva dele. Muito obrigada por nos receber.

Aperto a mão dela, apreciando que ela segura com firmeza. Nunca confio em ninguém que não sabe dar um aperto de mão adequado.

Ela aperta minha palma com mais força, com seus olhos brilhando de admiração. — Você nunca vai entender o impacto que teve na minha vida, e há muito tempo quero conhecê-la.

Pisco, perplexa.

— Encontrei seu antigo diário na casa de Francesca. — ela explica. — Aquele que você escreveu durante seu tempo lá. Aquilo... Suas palavras me salvaram de uma forma que nem consigo expressar. Elas me ajudaram a passar os dias lá. Comecei a escrever depois de você. Ainda hoje eu faço um diário, tudo por sua causa.

— Ah, meu Deus. — eu respiro, ainda em choque total. — Você achou? Sinceramente, tinha esquecido tudo sobre isso...

— Aquele diário salvou minha vida, Molly. *Você* salvou minha vida, de certa forma. — ela me mostra seu pulso, que está coberto com uma linda tatuagem de rosas subindo pelo braço. — Costumava haver um código de barras aqui, mas eu cuidei disso. É bem pequena, mas em uma das pétalas coloquei seu nome. Eu carreguei você comigo naquela casa, então queria que fosse permanente também.

Ela aponta para uma das rosas e, instantaneamente, minha mão cobre minha boca, com os olhos se enchendo de lágrimas enquanto olho para as cinco letras pequenas habilmente escritas dentro da pétala.

Quando eu estava naquela casa, eles não tinham nos tatuado, mas eu só conseguia imaginar os novos cuidados que começaram a tomar depois que escapei com sucesso. Nunca imaginei que marcá-las como se fosse um maldito animal seria uma delas, e isso parte meu coração. Mas também nunca imaginei que meu diário salvaria outra pessoa e, por isso, estou muito agradecida.

Tirando a mão da boca, levanto meus olhos lacrimejantes para ela, olhando para ela com um pouco de tristeza e muito orgulho. — Você fez isso, Addie. *Você* foi solta.

Ela gentilmente pega minha mão e aperta. — Fiz isso com a sua ajuda.

Totalmente sem palavras, ela me deixa processar isso, passando para Cage.

A única coisa que me traz de volta à realidade é o olhar penetrante de Zade indo para onde suas mãos se tocam por dois segundos. Ele fica quieto, mas Jesus, ele definitivamente estava contando quanto tempo se tocaram. Eu odiaria descobrir o que aconteceria com meu namorado se demorasse um segundo a mais.

Eu cairia, mas com certeza cairia lutando.

Meu cérebro ainda está atrasado em relação à proclamação de Addie, então levo um momento para absorver as palavras de Zade.

— Amigos de cicatrizes.

Mais uma vez, eu pisco. — Amigos de cicatrizes?

Seu dedo passa entre nossos rostos. — Nós dois temos cicatrizes de droga. Você sabe o que isso significa? Nós deveríamos ser amigos.

Mais uma vez, eu pisco.

Zade sorri diante da minha perplexidade e continua: — Legion me disse que você é um bem valioso. Assassinar pessoas é minha segunda coisa favorita no mundo, depois da minha noiva, é claro. Eu alimentaria seus porcos muito bem e não tenho problema em dobrar seu salário para trabalhar com Z.

Levanto uma sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito. — Sou leal à Legion.

O sorriso que surge no rosto de Zade é rápido. — Eu estava esperando que você dissesse algo tão nobre. Isso significa que é uma ótima funcionária. No entanto, eu respeito o Legion e ele concordou em compartilhar. Você ainda trabalhará com ele e Eli continuará entregando a comida. Seus porcos e sua carteira vão ficar um pouco mais gordos, só isso.

Então seu olhar se volta para Cage. — Ouvi dizer que você também é valioso. Eu pago um bom dinheiro por habilidades como a sua.

Cage inclina a cabeça. — Você não pode fazer o que faço com a mesma facilidade?

Zade encolhe os ombros. — Claro. Mas não preciso de carga de trabalho extra quando tenho sua experiência. Mande algumas pessoas à sua loja para poder ver seu trabalho e não tenho problema em admitir que não o vi ser feito melhor do que você.

As sobrancelhas de Cage levantam de surpresa.

— Você seria valioso. Vocês dois seriam. — continua Zade. Seu olhar intenso move entre nós, sondador e analítico, enquanto Addie vai tranquilizar os porcos. — Então, vocês dois estão dentro?

Os olhares meu e de Cage se encontram ao mesmo tempo.

Não sei por que, mas parece que Zade vai me apresentar a um mundo totalmente diferente. Um que me tirará da concha reclusa em que me senti confortável na última década.

E eu acho... acho que finalmente estou pronta para isso.

[←1]

Blood play (em tradução livre, jogo de sangue) é o termo usado para nomear o fetiche sexual por incluir sangue nas práticas sexuais.

Incel é uma referência a membros de uma subcultura virtual que se definem como incapazes de encontrar um parceiro romântico ou sexual, apesar de desejarem ter.

[←3]

Target: é uma rede de lojas de varejo dos Estados Unidos.

Karen é um termo usado como gíria normalmente para designar uma mulher branca de classe média que é vista como autoritária ou exigente além do normal.